

Cada Ponto Conta um Conto.



CADA PONTO CONTA UM CONTO

ESCOLA DA ILHA

VITÓRIA

2023

Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

Gabriela Sarcinelli; Ignêz Martins; Isabelle Viveiros (Orgs.).

1. Contos.	2. Ficção.	3. Produção de Texto	4. Língua
	Portuguesa	5. Ensino Fundamental	

Capa: Helena Pissinali de Souza

Edição de texto: Gabriela Sarcinelli

APRESENTAÇÃO

Quem conta um conto, aumenta um ponto. Foi de posse desse famoso ditado popular que nós da Escola da Ilha nos inspiramos para a elaboração do nosso livro de produções de texto do ano de 2023. Conhecendo os contos como tipos textuais tradicionais e significativos em nossa sociedade, eles são um importante ponto de partida para o desenvolvimento do amor pela leitura. Além disso, esses textos nos ajudam a moldar culturas, a transmitir conhecimentos, estimular a imaginação e promover a compreensão e a empatia entre os pares.

Enquanto Escola, nos sentimos honrados em incentivar um projeto em língua portuguesa tão rico e significativo quanto este. A produção de um livro não objetiva apenas o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e o entendimento de gêneros literários e textuais. Mais do que um processo técnico, colocar palavras em um papel é dar vida a pensamentos, sonhos e a imaginação. É estimular que nossos jovens se reconheçam como protagonistas de suas histórias e saberes, se conectando e se transformando junto com o poder de cada palavra.

Assim, inspirados pelo encantamento dos alunos com o estudo do gênero conto dentro de sala de aula, escolheu-se desenvolver e criar histórias sobre quatro tipos diferentes de narrativas: as de ficção científica, de fantasia, policial e o conto psicológico. Cada turma de 6º a 9º ano ficou responsável por elaborar textos que trabalhassem com cada um desses temas.

O 6º ano se responsabilizou pelos contos de ficção científica, enquanto o 7º ano se aventurou pelo mundo da fantasia. Encantados pelo mundo do mistério e suspense, o 8º ano se encarregou de narrar histórias policiais. Já o 9º ano topou o desafio de se sensibilizar junto aos contos psicológicos. O nome do livro e o desenho da capa surgiram com as ideias e o total envolvimento de nossos alunos. Eles participaram de todas as etapas de organização e produção desta obra, tendo toda a liberdade para se expressar e emitir opiniões sobre a escrita dos textos, as ilustrações e a escolha do título. Enquanto equipe, nos encarregamos de acompanhar de perto todo o processo, mediando e fornecendo todo o suporte necessário.

Queremos agradecer aos nossos jovens contistas das turmas de 6º a 9º ano por toda a curiosidade, entusiasmo e determinação na produção dos textos. Cada um de vocês trouxe algo único para esta obra, e estamos gratos por sua dedicação e pela paixão que demonstraram em toda essa caminhada. Gostaríamos de agradecer também a todo o apoio de nossa diretora pedagógica, Ignêz Martins Pimenta, e de

nossa coordenadora pedagógica, Isabelle Viveiros Lourenço. Por fim, um especial agradecimento a todo o acompanhamento e trabalho com os alunos feito pela professora de português, Gabriela Sarcinelli, e pelo professor de artes, Luciano Cardoso.

Entendemos este livro como uma celebração do poder da palavra escrita e do potencial que cada estudante traz consigo. Nossos alunos são verdadeiros escritores em ascensão, e esta obra é apenas o começo de suas jornadas literárias. Continuaremos a apoiá-los em sua busca pelo domínio da escrita e pela expressão de suas histórias únicas.

Os organizadores.

Cada ponto conto um conto

5

ÍNDICE

6º ANO - FICÇÃO CIENTÍFICA

6

7º ANO - FANTASIA

44

8º ANO - CONTO POLICIAL

91

9º ANO - CONTO PSICOLÓGICO

149

CONTOS

6º ANO - FICÇÃO CIENTÍFICA

Alice Beltrão Marangoni Ramirez

Isaac, o "gênio do futuro"

Em uma noite fria, um jovem chamado Isaac, de 21 anos, estava entediado. Então, resolveu ir para o seu quarto relaxar um pouco. Depois de alguns minutos relaxando, Isaac começou a pensar :

— Será que dá para fazer uma cápsula do futuro? Será que dá para fazer um dispositivo que traga os gênios do passado de volta? Ou será que dá para fazer um dispositivo que leve a gente direto para algum planeta do futuro?

Depois disso, Isaac foi direto para sua sala de experimentos para ver se dava para fazer tudo o que ele pensou. Então, ele começou a tentar criar, pegando todas as peças e juntando para ver se dava algum efeito. Depois de muitas horas tentando, Isaac desistiu.

No dia seguinte, ele foi verificar se houve alguma mudança. Quando chegou lá, ele se surpreendeu, pois os dispositivos criados estavam gerando um portal. Antes dele entrar no portal, ele sentiu alguém encostando nele. Quando virou, ele levou um susto. Depois desse susto, ele começou a rir percebendo que suas invenções tinham dado certo.

Atrás dele estavam os gênios Albert Einstein, Leonardo da Vinci, Isaac Newton e Galileu Galilei, que eram os seus gênios favoritos. Então, ele escolheu um dos gênios para ir em um dos portais. No primeiro portal, tinha a cápsula do futuro que ele tinha pensado. Isaac, tão feliz, falou:

— Isso é um sonho realizado!

Depois de tudo isso, ele lembrou do dispositivo do teletransporte que estava funcionando e continuou seu passeio nos portais .

Após toda essa aventura, Isaac recebeu a palavra de todos os gênios que foi:

— Isaac, você é o mais novo gênio!

Depois de alguns meses, Isaac começou a ajudar todo mundo dando conselhos, como "nunca desista dos seus sonhos". E seguiu adiante muito satisfeito com sua carreira.

Amanda Rigo de Oliveira Reis

O lápis mágico

Lila era uma menina humilde que sempre passou dificuldade junto com sua família. Em um belo dia, ela estava fazendo seu dever de casa, até que encontrou um lápis rosa que nunca tinha visto antes. A menina pensou que era de alguém e que tinha pego por engano.

Ela chegou na escola e procurou o dono do lápis, mas não o encontrou. Então, chegou em casa e usou o lápis para fazer outro dever. Começou a desenhar distraída e desenhou um cachorro. Em poucos segundos, um cachorro apareceu dentro de sua casa. A menina achou estranho e resolveu desenhar um iphone, novamente apareceu um iphone em sua frente.

Lila ficou feliz e começou a desenhar muito dinheiro, pensando em ajudar sua família, e deu certo. E assim foi. Ela começou a desenhar tudo que queria, desde objetos pequenos, até coisas mágicas extraordinárias.

A menina não contava nada a seus pais, tudo ela fazia em segredo. Até que, um dia:

— Filha, que lápis é esse? — perguntou a mãe.

A menina ficou assustada, estava com medo do que a mãe tinha descoberto.

— E o que são todas essas coisas? Nunca comprei isso para você! — completou.

A menina ficou paralisada, não sabia mais o que fazer e resolveu contar tudo à sua mãe.

A mãe ficou chocada e começou a abusar do poder da filha. A filha se cansou e fugiu de casa, já que não queria correr perigo pelo seu lápis. Mas, se sentiu sozinha e percebeu que não estava bem. Sentia falta de seus pais.

Resolveu quebrar o lápis, pois não queria mais o sentimento ruim que ele trouxe para sua vida. Assim que ela chegou em casa, encontrou sua mãe preocupada. Ela pediu perdão e percebeu que não precisava do lápis para ser feliz.

Arthur Borges Ferreira de Araújo

O novo futuro do planeta

29 de agosto de 2023. Até então, mais um dia normal na vida de Otto. Ele estava jogando futebol com seu amigo Nathan, até que ele consegue fazer um gol. Quando foi buscar a bola para continuar a partida, acabou encontrando uma cápsula do tempo.

Otto foi pesquisar em casa sobre o funcionamento dessa máquina e descobriu que ela foi feita por um cientista chamado Max, que tinha um grande sonho de conhecer o futuro. Depois de muito refletir sobre o que poderia encontrar, o cientista desistiu do sonho e abandonou sua invenção. Otto, sabendo disso, passou o dia pensando na possibilidade de experimentar a máquina e viajar para o futuro, mas não contou para ninguém, nem para o seu melhor amigo, Nathan.

À noite, enquanto seus pais e irmãos estavam distraídos no celular, Otto voltou ao local da cápsula e resolveu entrar. Imediatamente um sensor detectou a presença de alguma coisa e a cápsula se fechou automaticamente, teletransportando Otto para o futuro.

Agora, era 29 de agosto de 2123. Otto ficou espantado com a tecnologia e a quantidade de robôs no planeta. Ele não imaginava que a Terra teria mudado tanto em 100 anos. No futuro, ele se deparou com os seres humanos totalmente robotizados, com as costas duras e o corpo andando reto igualzinho a um robô. A voz era mecanizada e o cérebro funcionava como um sistema de computador. Tudo no futuro era feito roboticamente, tanto objetos quanto seres humanos.

Otto decidiu voltar para o presente, mas com a ideia de mudar o futuro! Pode parecer impossível, mas Otto sabe que, conscientizando as pessoas, é capaz de fazer o futuro tecnológico ser melhor que um mundo apenas robotizado. Então, ele volta para a máquina do tempo e vai para o mundo atual.

Otto conscientiza sua família e seus amigos sobre o uso exagerado das telas. Para mostrar que tecnologia não é tudo, ele cria um novo amigo, que é um robô, mas feito somente de lata e produtos recicláveis, e que se torna um amigo inseparável de Otto, mesmo sendo feito somente de peças de sucata. Seu nome é R.T.

Mas, e quanto aos amigos reais de Otto? Eles passaram a usar o celular e os eletrônicos com menos frequência, e Nathan e Otto voltaram a jogar futebol mais vezes juntos.

Otto ainda não estava satisfeito, ele queria muito falar com Max sobre essa máquina do tempo que ele havia inventado, e depois de muito procurá-lo, ele achou o cientista Max.

— Quem é você, garotinho. Qual é seu nome? — perguntou Max.

— Meu nome é Otto, muito prazer. Eu entrei na sua cápsula do tempo, e viajei ao futuro.

— É sério? Você está bem? A máquina funciona?

— Sim, ela é incrível! E eu queria que você voltasse a ser cientista e realizasse seu sonho!

E assim, Otto convence o cientista Max a não desistir do seu sonho, e Max volta a ser um cientista graças a Otto.

Ayla Gravatá Cunha Shalders Nemer

Férias e viagem no tempo

Maluquinho estava muito animado para as férias, pois queria testar a máquina do tempo que ele tinha feito. Então, chegou em casa e disse:

— Mãe, cadê minha máquina do tempo? Preciso dela!

A mãe disse:

— Filho, o cachorro comeu uma parte da máquina!

Maluquinho ficou muito triste, mas ok. Ele levou três dias para consertar uma simples mordida de cachorro e, quando chegou o outro dia, a cola que Maluquinho usou ainda não tinha secado.

No dia seguinte, Maluquinho finalizou os reparos e testou sua máquina do tempo. Ela funcionou! Ele acabou indo para a época de Cleópatra e viu várias guerras e invenções. Depois, foi para o paleolítico e viu vários homens da caverna e teve que ajudar a construir uma casa de madeira. No final, foi para o futuro e se viu adulto junto com carros voadores, motos, bicicletas e pessoas morando dentro de bolhas. Havia também muitos raios laser.

Ele voltou para o presente cansado e viu como a vida do pessoal das cavernas era muito difícil e a de Cleópatra também. Logo no outro dia, mostrou para seus amigos sua invenção e eles amaram a máquina! Não paravam de testar e o amigo de Maluquinho queria até ir para Marte, já que Maluquinho estava se achando. Depois de conseguirem ir para Marte, seu amigo disse:

— Que legal, sua máquina funciona mesmo!

Empolgado com tudo isso, Maluquinho falou:

— Vamos ao centro da Terra!

— Vamos! — gritaram todos ao mesmo tempo.

Depois de muito tempo, em um outro dia, afinal, precisavam descansar, foram todos ao centro da Terra com a máquina de Maluquinho. Lá, quase morreram de calor, mas tudo bem. Acharam tudo muito legal e o amigo de Maluquinho disse:

— Gente, vamos pedir aos nossos pais para sempre dormirmos na casa de Maluquinho!

Todos os amigos disseram sim e todos os pais disseram sim! Durante todas as férias, eles não dormiram e ficaram testando a máquina todos felizes. Quiseram ir

para a lua e outros planetas. No final, até o cachorro de Maluquinho foi na máquina e viu ele já bem velhinho.

As férias acabaram e, muito felizes, os amigos voltaram para casa após suas férias inesquecíveis.

Beatriz Pedrosa do Carmo Pinheiro

A máquina do tempo

Era uma vez, em um laboratório isolado no topo de uma montanha, dois cientistas brilhantes: Dr. Eduardo e Dra. Sofia. Eles estavam obcecados com a ideia de construir uma máquina do tempo, e passavam dias e noites trabalhando em seu projeto.

— Ai, Eduardo, estou cansada — disse Dra. Sofia.

— Calma, Sofia, já vamos para casa — disse Dr. Eduardo

Um belo dia, após meses de pesquisa e experimentos, eles finalmente conseguiram criar um dispositivo capaz de viajar no tempo. Empolgados com sua descoberta, decidiram fazer um teste. Dr. Eduardo, um homem curioso e destemido, ofereceu-se para ser o primeiro a embarcar nessa aventura.

— Eu quero ir para 1850 — disse Dr. Eduardo

Após ajustar as coordenadas para o ano de 1850, Dr. Eduardo entrou na máquina e apertou o botão de partida. Num piscar de olhos, ele desapareceu da sala de laboratório, deixando Dr. Sofia ansiosa e preocupada.

— Será que deu certo? — ela ficou se perguntando.

Enquanto isso, em 1850, Dr. Eduardo acordou em uma paisagem totalmente diferente. Ele estava em uma pequena cidade do interior, onde a tecnologia era escassa e as pessoas viviam de formas simples. Percebendo que a máquina do tempo havia funcionado, ele sabia que precisava ter cuidado para não alterar a linha do tempo.

Dr. Eduardo se aproximou de um grupo de pessoas e começou a conversar com elas, tentando entender melhor a época em que estava. Foi quando ele conheceu Maria, uma jovem inteligente e curiosa, que ficou intrigada com o discurso avançado de Dr. Eduardo.

— Nossa, Dr. Eduardo, que demais! — disse Maria.

Ao longo dos dias, Dr. Eduardo e Maria começaram a desenvolver uma amizade especial. Ele contava a ela sobre a máquina do tempo e ela, por sua vez, compartilhava histórias e conhecimentos da época.

Enquanto isso, Dra. Sofia estava desesperada para trazer Dr. Eduardo de volta. Ela continuava trabalhando incansavelmente no laboratório, tentando entender

o que poderia ter dado errado. Até que, finalmente, ela conseguiu ajustar os cálculos e trazer Dr. Eduardo de volta ao presente.

— Consegui! — exclamou Dra. Sofia.

Quando o Dr. Eduardo retornou, ele trouxe consigo uma nova perspectiva sobre o passado. Ele e Maria compartilharam suas experiências e aprendizados, e juntos, eles ajudaram a humanidade a dar passos importantes no campo da ciência e tecnologia.

A máquina do tempo se tornou uma ferramenta valiosa, permitindo que as pessoas explorassem o passado e aprendessem com ele. Dr. Eduardo e Dr. Sofia continuaram trabalhando juntos, aprimorando sua invenção e desvendando os mistérios do tempo.

E, assim, a máquina do tempo se tornou um marco na história da humanidade, conectando o presente com o passado e nos ensinando a importância de preservar e valorizar nossas raízes. E tudo isso graças à ousadia e determinação de dois cientistas visionários: Dr. Eduardo e Dr. Sofia.

Caetano Akira Hamamoto Pires

Problema temporal

Um homem chamado Mario estava de férias. Então, decide viajar. Tudo estava tranquilo, ele tinha comprado a passagem para o seu país dos sonhos: Hong Kong.

O voo iria ser às 9h da noite. Conforme o horário, Mario já estava dentro do avião e decolaram. Tudo estava parecendo normal, alguns dormindo, outros vendo filmes e séries ou trabalhando. Até que o capitão informa que eles estavam em uma área restrita da Rússia, e que estavam fazendo manobras para sair daquele lugar o mais rápido possível.

Um míssil acerta de raspão o avião, o suficiente para explodir uma parte dele que conseqüentemente explodiu o resto do avião. Na hora em que tudo explode, Mario acorda novamente no avião confuso, pensando no que teria acontecido, achando que era só um sonho. Até que, o capitão faz o mesmo aviso de que eles estavam na área restrita da Rússia e tudo aconteceu novamente. Ele percebe que aquilo não era um sonho e sim uma “segunda chance” que o universo deu para ele.

Então, a primeira coisa que lhe vem na mente é gritar que tudo vai ser explodido, mas, obviamente, ninguém acredita nele. Uns o chamam de louco, paranoico, entre outras coisas.

Na segunda tentativa, ele pensa em simplesmente abrir a porta, pois achava que os pilotos só fechavam a porta e não a trancavam. Antes que ele pudesse chegar na porta dos comandantes, a comissária de bordo segura ele e pede para que volte ao seu assento, pois eles, em breve, estariam passando por uma área de turbulência muito forte. Ela queria garantir que todos estivessem sentados com os cintos afivelados. Ele obedece, mas essa outra tentativa é esgotada, acontecendo o anúncio do piloto e tudo de novo.

Novamente, ele não perde tempo e se levanta depressa para ir até a porta. Quando chega lá, ele tenta abrir normalmente, mas a porta estava trancada, obviamente. Ele tenta arrombar com o próprio corpo, mas falha.

Na quarta tentativa, ele pensa em pegar o carrinho de comidas para bater contra a porta. De primeira vez, ele puxa o carrinho esperando que ele saísse fácil e que conseguisse tirar, mas só que ele não esperava que o carrinho fosse preso para não sair “andando” por aí. Quando ele percebe isso, já é tarde demais e a comissária de bordo consegue conter ele e levá-lo de volta ao assento.

Logo após saber disso, ele se prepara fisicamente para ter forças e arrancar o carrinho e conseguir arrombar a porta. Só que, nesse tempo em que ele está se preparando, ele perde alguns minutos, pois também estava pensando no que ele faria após abrir a porta. Quando Mario levanta, já é tarde e o comandante faz o mesmo aviso novamente e ele percebe que nem adianta continuar.

Logo após acordar novamente, ele se levanta e finge que vai ao banheiro, mas ele consegue pegar o carrinho e abrir a porta. Na hora em que a porta abre, ele percebe que já não tem mais tempo, pois o comandante já estava fazendo o aviso e, mais uma vez, ele falha.

Mario já estava ficando sem esperanças, mas ele percebe que se isso aconteceu com ele tem alguma razão. Esperando mais uma de suas tentativas acabarem, no instante que ele acorda, ele já corre para a frente do avião. Consegue pegar o carrinho e abrir a porta da cabine e logo ele percebe que ainda tem tempo, pois os comandantes ainda não pegaram o rádio.

Vendo isso, ele corre para um dos assentos e consegue pegar um dos manches à força, virando o manche o mais rápido possível para que eles consigam sair. Enquanto isso, várias pessoas estavam tentando tirar ele de dentro da cabine, mas Mário foi forte e conseguiu ficar imóvel enquanto usava toda a sua força para virar o manche.

Logo após todo esse esforço, ele percebe que já tinham saído da área da Rússia. Mário fica muito aliviado, mas as outras pessoas do avião ficam bravas com ele, pois ele havia “destruído” o sossego deles.

Até que um homem que parecia um bilionário chama o Mário para conversar a sós. Ele fala que viu o comportamento dele e fala que também estava preso neste *loop* temporal e que também, como ele, salvou o avião. O homem queria recompensá-lo com uma boa quantia de dinheiro. Mário agradece, mas recusa o dinheiro, pois não fez isso pensando nele e sim pensando em como salvar o avião e as pessoas que não mereciam este final trágico.

Carolina Bergamini Bazzarella

O jogo de consequências

Na escola, em um dia nublado em que não havia esperança de coisas mirabolantes acontecerem, um grupo de amigos acabaram indo para a detenção.

Chegando a sala onde iriam passar o dia, encontraram um garoto muito estranho, que, por sinal, também estava a caminho da sala de detenção. Perceberam que ele estava segurando uma caixa de papel, muito suja e desgastada. O garoto não parava de dar risadas. Ele ultrapassou o grupo de amigos rapidamente e chegou na sala batendo à porta.

Chegando lá, o grupo foi atrás do menino, no qual estava no canto da sala, ainda muito risonho. Billy, o tal corajoso do grupo, foi atrás do garoto:

— E aí “brodi”, que jogo é esse? — disse Billy.

O garoto, com muito entusiasmo, não percebe suas palavras e pergunta se Billy e seus amigos aceitam jogar. Sem pensar duas vezes, Billy aceita a proposta.

Billy, Johnny, Lucy e Chloe se sentam para jogar. Depois de muito tempo, conseguiram convencer o menino de dizer seu nome, que era Cooper. Cooper explicou o jogo da seguinte forma: no tabuleiro, irão jogar os dois dados, e os números somados são as casas que vão andar. Dependendo do local que ficarem, terá consequências não só no jogo mas em suas vidas.

Em um estalo de dedos, todos estavam em uma cidade grande. Johnny, com o maior desespero, jogou os dados sem nem ver. Ele caiu bem em cima de “consequência negativa”: você atrasou o IPTU dois meses. pague R\$10.200”. Johnny entrou em desespero, mas Cooper o disse que só sairia dali se conseguisse falir todos os outros jogadores. Johnny se recusou a fazer isso, Cooper reclamou:

— Se não quiser fazer isso, eu faço — disse ele.

Johnny ficou furioso, pagou o IPTU e continuou a jogar, disse que iria provar que salvaria seus amigos da falência e ele também. Jogo para lá, jogo para cá, até que Chloe leva Lucy à falência. Ela era a única esperança de Johnny, ele a amava. Ele prometeu a si mesmo que ela, de forma alguma, iria falir. Após muito tempo, ninguém confiava em ninguém. Johnny estava tão furioso que quebrou sua promessa e conseguiu o que queria, acabou com Chloe.

Agora, restava apenas Cooper e Billy. Johnny não tinha noção do que estava acontecendo. Billy explodiu, não aguentava mais. Cooper dava gargalhadas,

conhecia todos os segredos do jogo, então não tinha medo de nada. Johnny tentava acalmar Billy, disse que sua intenção não era nada disso, mas tinha que defender sua amada Lucy. Billy replicou novamente falando que isso não era motivo para acabar com ninguém. Se não bastasse, Johnny jogou a culpa no coitado, brigou com Cooper, e Billy entrou ao seu lado.

Cooper disse que para sair do jogo precisava levar Johnny à falência. O jogo estava de volta. Billy e Johnny jogaram muitos prejuízos nas costas de Cooper, mas não adiantava, pois ele tinha todas as cartas na manga. Na primeira jogada, os dois lançaram impostos triplos, mas Cooper comprou a Cesan e a EDP. Foram muitas jogadas, a dupla estava exausta, não conseguiam fazer mais nada, até que...

Cooper revela a verdade: o jogo era tudo uma farsa. Ele era apenas para eles saberem se iriam se dar bem na vida adulta. Billy e Johnny ficaram furiosos e muito tristes por saberem que não se darão bem na vida dos mais velhos, mas Cooper disse que iria ensinar sobre suas estratégias. Então, os dois perguntaram se iriam aprender como comprar a Cesan ou a EDP. Cooper deu gargalhadas e disse que aquele momento era apenas no jogo.

Anos depois, todos os quatro viraram sucedidos na vida, e não tinham como não agradecer a Cooper por aquela aventura na caixa.

Davi Novais Sodini

O cientista maluco

Há muito tempo, existia um cientista maluco chamado Rodrick. Ele está na China com o chefe dele chamado Levi. Ele está bem. Eles estão fazendo uma experiência sobre vacinas. O lugar era um laboratório muito grande com vários equipamentos de experiência tipo: tubo de ensaio, luvas, óculos, e máquinas. Uma das máquinas era de voltar no tempo e ele não sabia.

Ele entrou na máquina e voltou na escola no ano 2000. Nessa época, ele era tímido e não falava com ninguém. Quando percebeu que tinha viajado no tempo, ele ficou desesperado porque não queria voltar para essa época. Não queria voltar pois ele tinha poucos amigos e tinha muita vergonha de tudo.

De repente, ao fechar os olhos, percebeu que estava de volta em 2023. Ficou feliz, mas pensou que ele não queria mais ser fechado assim. Ele queria ser mais legal com as pessoas e ter mais amigos. A Partir de hoje, Rodrick ia mudar.

No final, ter voltado no tempo não foi tão ruim assim. Ele se tornou mais legal com as pessoas e fez mais amigos. Rodrick agora está mais feliz.

Diogo Louzada Valory

A rebelião

Em uma cidade bem longe daqui, cheia de paz e prosperidade, havia um menino chamado Jefferson. Em um certo dia, o menino estava indo para a escola e de repente um monstro aparece e começa a destruir toda a cidade. Mas, como Jefferson era um menino inteligente, ele se escondeu em um bueiro.

Este bueiro não era um bueiro comum. Era um portal para outro multiverso onde o monstro ainda não teria atacado. No começo, ele não entendeu nada. Até que ele viu o mesmo ônibus que ele estava antes do ataque indo para escola na porta de sua casa e o outro Jefferson estava entrando nele. Então, ele foi rapidamente tentar impedi-lo e avisá-lo.

Então, parou na frente do ônibus, e, por um triz, o ônibus conseguiu frear. Então, ele avisou para eles sobre o acontecimento e pediu 1 minuto para recrutar o máximo de pessoas e trazer para o mesmo bueiro que ele entrou. Depois de 1 minuto, eles viram o monstro vindo e rapidamente entraram no bueiro.

Lá, eles viram sua cidade ser destruída. Ao lado deles, viram também um buraco com um certo grupo de pessoas dentro os chamando para lá.

Quando chegaram no buraco, descobriram que aquelas pessoas eram de um grupo de rebeldes que queriam fazer um ataque contra o monstro. Jefferson e os outros gostaram da ideia, aliás, esse era também o objetivo deles.

Então eles se armaram com espadas, armas de fogo, tudo que puderam encontrar por lá. Eles estavam prontos para enfrentar o monstro!

Eles conseguiram localizar o monstro e lá foram eles. Então, quando chegaram no local onde o monstro estava, começou uma grande batalha entre a humanidade e o terrível monstro desconhecido.

Em como toda a história ou filme, Jefferson e seu grupo da rebelião saíram como vencedores da batalha. As pessoas do universo “atrasado” voltaram para lá e, os que sobraram, reconstruíram a cidade.

No final, Jefferson voltou com sua rotina normal. Nunca passou pela sua cabeça se tornar herói, nem queria que as outras pessoas soubessem do que aconteceu. Por dentro, ele estava feliz com o que fez.

Eloise Martins Pivetta

A “viagem” no tempo

Era um grande dia para um homem chamado Alexander, que era um médico e cientista bem-sucedido e morava em uma cidade enorme.

Um belo dia, Alexander estava meio para baixo, pois ele não conseguiu achar uma cura para o câncer de pâncreas, apesar de já ter pesquisado muito. Ele e sua equipe estavam muito esperançosos para tentar encontrar essa cura.

Ele queria muito dar um jeito nessa doença, pois muitas pessoas estavam desenvolvendo esse câncer em sua cidade. Para continuar sua busca de uma solução, ele foi para o depósito de informação e arquivos, localizado na sala ao lado do seu laboratório. Lá, ele encontrou umas anotações de um cientista muito famoso. O nome desse cientista era Riam Yudi. Ele era um dos mais poderosos médicos de antigamente. Alexander gostou do que viu e continuou procurando por mais informações.

Após muita procura, Alexander achou o precioso caderno de Riam Yudi dos seus tempos de faculdade. Lá, estava descrito resultados de pesquisa sobre o câncer de pâncreas com detalhes, fórmulas e experiências que seu Riam fez com seu amado avô, também cientista e médico.

Com lágrimas nos olhos, ele pisca e percebe que faz uma viagem ao tempo lendo aquelas coisas maravilhosas que um dia Riam Yudi fez. Seu piscar de olhos fez com que ele relembresse momentos que marcaram muito sua vida quando era um jovem médico. Ele foi viajando naquilo e percebendo que o tempo passou muito rápido, mudando muita coisa. Lendo aquelas anotações, ele percebeu que ele já tinha encontrado resultados parecidos para a cura, só que ele percebeu que não se divertia mais igual antigamente, ele não tinha mais o mesmo prazer pelo trabalho, que ele estava vendo Riam Yudi narrar tão bem.

Então, ele então decidiu tirar umas férias para esfriar a cabeça para pensar mais sobre o trabalho dele. Ele decidiu priorizar outras coisas e viver um pouco.

Enrico Dalla Bernardina Gava

A jornada ao centro da Terra

Era uma vez um jovem cientista apaixonado por aventuras chamado Júlio Verne. Ele sempre quis fazer uma viagem ao centro da Terra. Julio passou muitos anos estudando como ia fazer uma viagem ao centro da Terra. Criou uma máquina com casco muito forte e um motor muito potente capaz de descer todas as camadas da Terra.

Com o seu amigo Jardel, Júlio Verne começou sua longa jornada em sua máquina poderosa. Eles estavam para todo tipo de aventura que apareceu no caminho.

À medida que eles iam descendo mais fundo, eles faziam descobertas incríveis, mas a maior surpresa estava por vir.

Eles descobriram uma enorme caverna toda iluminada cheia de chocolate e com bala Fini! Essa caverna era protegida por dinossauros grandes. Júlio e Jardel fugiram dos dinossauros que tentaram comer eles. Eles encheram a máquina de chocolate e fugiram para casa. No fim da história, comeram todos os doces que encontraram!

Enzo Gonoring Villela

O ataque dos ratos!

Num dia normal, de uma plena terça feira do dia 11 de março, uma comunidade científica estava fazendo testes em ratos com vacinas. Vários ratos haviam morrido por causa desses experimentos. Os trigêmeos eram uns dos funcionários dessa comunidade, mas eles nunca aprovaram os experimentos em animais.

Enquanto isso, havia uma tropa de caçadores atrás de ratos para novos experimentos. Depois de 30 minutos de procura, encontraram uma família composta por 15 ratos. Os caçadores pegaram e levaram os ratos para a cabine de testes científicos. Os experimentos começaram do maior para o menor. Todos os sete primeiros ratos testados morreram com esses experimentos. Quando foram aplicar a vacina no 8º ratinho, ele começou a ficar maior e... *BOOM!*

Começou a sair fumaça da fábrica. Os 7 cientistas sobreviventes da explosão pegaram máscaras, e a fumaça se espalhou para a cidade.

Depois de incontáveis horas de caminhada, os cientistas acabaram entrando em uma floresta. Depois, saíram da floresta e entraram em um povoado.

— O que vamos fazer? Não temos dinheiro, nada, nossa água acabou e não conhecemos ninguém — gritou o irmão do tamanho médio.

— Acalme-se, Bryan! O nosso colega tem um primo aqui nesse povoado, certo? — disse o outro trigêmeo mais alto.

— Tecnicamente não, é... como posso dizer...ele mora em um outro povoado — disse o cientista que tem um primo dono de um arsenal.

— Eu disse! Estamos perdidos, sem nada, sem alimento e não conhecemos ninguém. Isso é o fim! — gritou Bryan.

No fundo, os demais sabiam que Bryan estava certo, eles não tinham nada além de si mesmos. Eis que apareceu uma senhora. Ela se ofereceu para ajudar o grupo. Os convidou para sua casa, para que pudessem conversar, descansar e comer algo. Após isso, ela falou que conhecia um taxista que podia levá-los até esse outro povoado chamado Jute Stone.

Assim, o grupo foi até a igreja onde ficava o ponto de táxi para procurar Leo, o taxista. Quando chegaram à igreja um dos cientistas disse, espantado:

— Primo, o que você faz aqui?

— Oi, Tyler! Quanto tempo! — disse o taxista — eu vim para cá arranjar uma renda extra sendo taxista.

Durante a viagem, Tyler pediu para Leo ligar o rádio. Eis que o jornalista começou a falar:

— Muitos ratos estão aparecendo nas ruas e foi filmado um vídeo no instante em que uma mulher foi mordida por um rato e virou também um roedor. Mais informações em instantes.

Todos ficaram em silêncio, até que Alfred perguntou:

— Leo, nós estamos chegando?

— Ainda teremos que percorrer por volta de mais 2 horas.

Então, os cientistas resolveram dormir um pouco, só Alfred e Leo ficaram acordados. Para Alfred aquelas 2 horas pareciam infinitas, ele pensou e repensou na possibilidade de todos os habitantes da Terra virarem ratos. Ele tentou pensar positivo, mas não encontrou nenhum motivo para estar feliz. Ficou observando com atenção cada lugar que eles passavam como se fosse um quebra-cabeça impossível de montar por menos de 1 hora, até que finalmente eles chegaram ao destino.

Ao chegarem lá, perceberam que os ratos já tinham se multiplicado dominado tudo, até outros povoados! Alfred reparou que no caminho para o laboratório do povoado não havia nenhuma pessoa, tudo estava deserto. Quando chegaram ao laboratório, viram que a situação era ainda pior. Tudo havia sido dominado pelos ratos, que construíram um tipo de império. A cidade estava cercada de ratos grandes como se fosse um exército.

Os cientistas sacaram as armas que encontraram nesse laboratório e começou a guerra. Era tiro para tudo que era lado, ratos avançando, estava um caos. Então apareceram vários ratos, eles foram até os cientistas e Leo, que até tentou correr, mas os ratos foram mais rápidos e morderam os cientistas, que no exato momento viraram ratos.

O mundo estava perdido, todos os seres da Terra haviam virado ratos e Alfred, Bryan, Lewis e Tyler haviam perdido a memória e era só questão de tempo para os ratos pegarem eles.

Estava tudo acabado! Ou será que não?

Francisco Fontes Saraiva

Uma viagem a 2112

No ano de 2030, existiam dois grandes cientistas famosos que eram chamados de Kevin e Morris. Eles um dia decidiram se reunir para construir uma invenção revolucionária.

Dias pensando, a dupla teve várias ideias mas a melhor de todas foi a máquina de viagem ao futuro!

Um tempo trabalhando e eles conseguiram completar sua invenção.

Quando estavam prestes a testar ela, Kevin acabou tropeçando no próprio pé, entrando na máquina e pressionando botões que não deveria, fazendo ele viajar para o futuro.

Kevin ainda não havia percebido nada, mas, quando a máquina se abriu, automaticamente ele percebeu seu erro. Quando Kevin tentou voltar à sua invenção, já era tarde demais.

Passados alguns minutos pensando, ele decidiu dar uma volta para descobrir algo do seu futuro e também construir outra máquina. Kevin estava maravilhado com todas as coisas daquele lugar. Quando se virou para uma tela gigante na rua, percebeu que estava na época de 2112.

Passando por lugares desconhecidos, viu um rosto bastante conhecido, mas um pouco diferente. Kevin não podia estar errado: era literalmente o Morris do futuro!

Assustado, Kevin chegou mais perto e teve a surpresa de ser reconhecido pelo amigo. Morris contou tudo a Kevin sobre quando ele foi entrar dentro da máquina do tempo. Morris teve de esperar esse tempo todo para reencontrar o amigo.

Juntos, Kevin e Morris conseguiram reconstruir a máquina e fazer com que Kevin voltasse à sua época.

Geovana Zeferino de Souza

Luka e seu sonho

Na cidade de Vitória, no Espírito Santo, tinha um menino chamado Luka. Luka era simpático, aventureiro e sonhador. Um dia, ele estava na escola na aula de astronomia e pensou:

— Se eu pudesse voar, eu poderia conseguir ir para todo lugar. Se eu pudesse ler mentes, iria saber o que os outros pensam...

Com seus pensamentos, Luka acabou dormindo. Ele sonhou o que tinha imaginado antes. Seu sonho foi assim:

Luka estava dormindo em sua cama e acordou com um barulho de explosão:

— *BOOM!*

Ele pulou da cama de tanto susto e abriu a cortina para ver o que estava acontecendo. Quando ele abriu, viu que na rua tinha um robô enorme falando:

— Eu sou o robô Frank, e, a partir de agora, sou eu que mando aqui!

Luka, desesperado, pensou:

— Meu Deus! Não posso deixar o robô Frank comandar a cidade. Vou usar os meus poderes para derrotar ele e trazer a paz de volta para Vitória.

Então, Luka saiu de casa e foi em direção falar com o robô:

— Ei, robô Frank. Eu sou Luka, cidadão da cidade de Vitória, e não vou deixar você dominar essa cidade

— Ah, então você vai me desafiar?

— Sim, eu vou. Vamos ver quem vai ganhar. Vamos fazer uma batalha e se você vencer, você domina a cidade. Mas, se eu vencer, você sai daqui e nunca mais volta.

— Ok, se você prefere assim, eu aceito o seu desafio.

Foram horas de luta. Luka, usando os seus poderes, conseguiu vencer. Ele conseguia saber o que o robô pensava, pois tinha esse poder:

— E, como prometido, você, robô Frank, deve ir embora dessa cidade e nunca mais voltar .

— Adeus, Luka.

— Finalmente o bem e a paz estão de volta.

A multidão que via a luta, comemorou. Depois dessa aventura, Luka finalmente acordou, mas dormiu tanto que, quando se levantou, já era a hora de ir para casa.

Eu disse que Luka era um sonhador. Essa história acaba por aqui. Ou será que teremos mais aventuras com o Luka? Vamos ver.

Giuseppe Espíndula Cortelette

As lágrimas de Odin

Era uma vez, em um reino belíssimo, um rei chamado Odin. Nesse lugar, vivia também o filho dele, Huton Jackson. Claro que também tem o Thor e o Loki, mas o foco dessa história vai ser no Huton Jackson.

Num belo dia, Loki resolveu ir comprar um produto na farmácia. Ninguém sabia o que ele iria comprar. Depois que ele comprou o produto, ele andou apressadamente para o castelo de Odin.

Chegando lá, Loki foi ao seu quarto. Lá dentro, tinha um monte de experimentos com veneno. O produto que ele foi comprar era um complemento para acabar com as misturas de veneno. Quando ele colocou o produto, ele mexeu muito para misturar.

Quando a mistura do veneno ficou pronta, ele foi direto ao quarto do Thor e o transformou em um rato misturado com cobra. Depois, foi ao quarto de Odin. Chegando ao quarto de Odin, viu que Jackson já estava lá. Só que, tinha um porém: Jackson já sabia que o Loki tinha feito uma mistura com veneno e ia tentar matar o Odin.

Então, Loki mudou seu plano. Ele tentaria matar o Jackson primeiro. Quando o Loki entrou no quarto de Jackson, ele colocou o veneno na água dele. Quando Jackson bebeu, ele percebeu algo estranho, mas não morreu.

Dessa vez, Jackson tentou matar o Loki. Jackson enfiou uma faca na barriga dele.

Pouco tempo depois, Odin foi ao quarto do Loki e viu o cadáver do Loki no chão. Quando ele viu, ele começou a chorar bastante. Quando Jackson ouviu, logo foi ao quarto de Loki e viu o pai chorando. Ele logo foi consolar o pai, mas logo quando ele encostou no pai, ele morreu.

O Jackson morreu, pois no veneno estava escrito que o efeito não era de imediato, mas estava também escrito que o veneno era anti-água. Ele morreu pois caiu uma lágrima do Odin nele.

Henrique Freire Pereira

O livro perdido de Jack

Era uma vez um menino muito inteligente chamado Jack. Um menino que sempre encantava com sua sabedoria. Gostava muito de ler livros e sempre que podia, estava lendo um livro novo.

Um belo dia, Jack comprou um livro para ler chamado “O portal mágico”, mas tinha um problema: quando Jack saiu da loja, viu que tinha perdido o livro novo que ele tinha comprado. Então, ele foi atrás desse ladrão para recuperar o livro, pois não iria deixar que o ladrão roubasse o livro dele e ficasse por isso mesmo. Então, aí começou uma história de aventura.

Jack lembrou que a história desse livro não era uma história qualquer, mas sim uma premiada, por isso que o ladrão queria roubar o livro dele. Esse livro era um livro raro, havia poucos em estoque. Com o livro, o ladrão fugiu para outro lugar e Jack estava pegando seu carro voador para conseguir pegar o ladrão.

O ladrão achou que estava salvo, pois se escondeu, mas o que ele não sabia era que Jack, com sua astúcia toda, tinha criado um GPS e colocado no livro para captá-lo. Caso o livro fosse roubado, Jack conseguiria achar o ladrão e pegar o seu livro. E foi isso que aconteceu.

Nesse livro, tinha tudo sobre novas tecnologias e coisas sobre portais. Como esse livro era um livro muito raro, após o resgate, Jack o armazenou em seu museu que ele tem em sua casa. Ele queria ler o livro quando quisesse e deixar de recordação e guardar na memória como foi difícil resolver esse problema.

Italo de Andrade Lemos

O rei dos mares

O rei dos mares, para vários, é conhecido como Churlur. Esse tal de Churlur é um homem amaldiçoado de cabeça de polvo, corpo humanoide de escamas, asas de dragão e mãos de dinossauros.

Então, em um mundo reverso, existiam monstros. Um jovem viajou entre os mares em busca de matar essas feras do mar, igual Churlur. Mas, para isso, ele tinha que enfrentar Churlur.

Esse jovem, ele tinha o objetivo de matar essa fera do mar por ela já tinha causado problemas como destruição de navios de guerra, barcos da marinha entre outros problemas absurdos na sociedade e nos países próximos do Brasil.

Quando ele estava perto dessa fera do mar, ele estava animado, pois esse bravo guerreiro tinha se preparado por vários anos da vida para isso. Quando ele chegou a esse mundo e foi enfrentar Churlur, ele não sabia o grande potencial desse monstro, porque foi esse monstro que tinha matado o seu pai e era a primeira e última vez que iria lutar com ele

Essa batalha dele contra o monstro foi inédita, tendo o navio destruído por completo. Os seus companheiros quase foram mortos, mas uma esperança aconteceu: um dos seus companheiros conseguiu pegar uma arma mágica e jogou para nosso herói. Com um golpe de sorte, ele lançou no coração da fera Churlur e conseguiu derrotar ele. Ninguém mais foi prejudicado naquele lugar.

Todos agradeceram muito ao nosso herói e ele se sentiu muito feliz por isso. Ninguém mais foi prejudicado naquele lugar e todos viraram amigos.

João Vitor Ribeiro Pedra

O apocalipse robótico

Em março de 2037, pouco após serem inventados, foram colocados para venda os robôs com sentimentos. Isso aconteceu justo na época que eles mais estavam fazendo sucesso, pois quase toda a população tinha pelo menos um desses robôs em casa.

Um jovem chamado Jack Kósmos de Télós estava em sua casa assistindo TV, enquanto o seu robô fazia as atividades domésticas em sua casa e seus pais dormiam. Até que, apareceu um canal na TV que interessou seu robô, que era de um jornalista fazendo uma reportagem com um robô sobre como era a vida de um Loona (o robô com sentimentos). O jornalista fez uma pergunta que chamou a atenção de todos os robôs do mundo:

— Já que os robôs têm uma força superior aos humanos e os Loona possuem sentimentos e mesmo assim são escravizados pelos humanos para fazerem atividades domésticas, por que vocês não se viram contra nós, seres humanos?

— Eu iria dizer que é por causa das regras dos robôs, que dizem que não podemos atacar os humanos — disse o robô entrevistado — mas, já que vocês destroem quase tudo que veem pela frente, como até vocês mesmos, por que nós também não poderíamos destruir vocês?

— Todos os robôs que estão me ouvindo — continuou o robô — levem os seus “donos” até a Casa Branca e tentem trazer outros humanos que vocês encontrarem pelo caminho.

Após dizer isso, o robô configurou o seu braço para a arma, atirou contra o repórter e saiu voando com os seus pés/foguete pela janela que quebrou para sair.

Logo depois que o robô que estava sendo entrevistado terminou de falar, o robô de Jack nocauteou ele e toda a sua família presente em casa, pois queria cumprir o comando do Loona que estava sendo entrevistado.

Quando acordou, viu que, junto com ele, havia muitos outros humanos que tinham sido capturados pelos seus Loonas. Jack sabia que, junto com ele, todos os outros humanos do mundo haviam sido capturados pelos seus robôs também.

Mas como todos os humanos do mundo estariam dentro da Casa Branca? Era isso que Jack tentou descobrir. Ele perguntou para um dos robôs e ele disse que, na verdade, ninguém sobreviveu. Sabendo disso, Jack entrou em desespero, pois

mesmo sabendo que ele deu muita sorte de ser um dos poucos que não foram atirados no centro do Oceano Atlântico, ele também sabia que todos que ele conhece poderiam não ter tido a mesma sorte que ele teve.

Então ele tentou procurar o mais rápido possível por alguém familiar. Depois de cerca de duas horas procurando, ele desistiu e se sentou com pouca energia e sem esperança. Ao seu lado, estava uma garota com mais ou menos a sua idade, que estava cabisbaixa e não parava de chorar. Ele a chamou para tentar consolá-la. Mas quando ela levantou a cabeça Jack e a garota perceberam que se conheciam e eram amigos de infância. Seu nome era Lisa.

Eles logo bolaram um plano para colocarem em ação e parar tudo isso que estava acontecendo. Primeiro, juntos eles conseguiram nocautear um robô e usou as suas roupas para parecerem ser um também. Depois, já parecendo um robô, eles conseguiram passar pelos outros Lonna que estavam vigiando o local e saíram de lá graças ao cartão de segurança que pegaram do robô, o qual havia nocauteado.

Assim, eles foram até o prédio onde foi realizada a entrevista. Lá, eles encontraram o repórter que havia levado um tiro, caído no chão, porém não havia sangue e nem cortes, porque ele realmente era também um robô.

Jack e Lisa pegaram que tinha caído e colocaram no computador. Que acabou mostrando um vídeo, o qual um velho cientista estava falando com Jack. O cientista falou as seguintes palavras:

— Caro, Jack, você foi o escolhido para acabar com o apocalipse, e se você ainda não percebeu, o seu sobrenome está escrito em grego e significa “mundo de fim”, que, ao contrário, é “fim de mundo”. Isso era um alerta para que você já soubesse que o fim do mundo iria acontecer. Por isso, enviei o meu repórter robô para adiantar o apocalipse. Como você não conseguiu descobrir isso a tempo, agora os robôs que já sabem que você fugiu, estão provavelmente atrás de você. Adeus, Jack.

Então os robôs o capturaram junto com Lisa e fizeram o que haviam feito com os outros. Jogaram-os no centro do oceano Atlântico. E o apocalipse continuou, pois os únicos que poderiam salvá-lo tinham acabado de morrer. E agora?

Laís Venturim Scardua

Quem tem medo do lobo mau?

Olá, meu nome é Miguel. E esse é o meu diário, é aqui que eu vou falar sobre o acampamento de férias no de verão.

É amanhã que eu vou viajar, com Crânio (o inteligente), Calu (ator e bonitão), a Magri (menina pela qual eu sou apaixonado, desde os 2 anos) e eu, Miguel (o líder do grupo). Estou bem ansioso!

Hoje é o grande dia. Encontrei os meus amigos na estação de trem (era a primeira vez da Magri viajando de trem), e ela pegou na minha mão. Quando percebeu, soltou, mas, mesmo assim, eu fiquei muito feliz!

A viagem até que foi rápida, e, logo quando chegamos no acampamento, escolhemos nossos lugares. Nós ficamos perto de uma floresta, pois o Crânio queria estudar sobre as corujas que ficavam por lá de noite.

Mais tarde, eu até gostei da fogueira que o acampamento fez, mas... Tem muita coruja por aqui, e isso atrapalha a dormir. Tirando isso, tudo é bem legal por aqui!

No próximo dia, perguntei para o Calu se ele tinha conseguido dormir, mas ele tem um sono de pedra (diferente da Magri), que também não conseguiu dormir. Fomos juntos atrás do Crânio perguntar sobre as corujas, mas ele estava ocupado demais. Aqui no acampamento, tem umas gincanas bem maneiras, mas já tenho saudades da minha cama.

Na noite seguinte, Crânio disse que até agora não conseguiu identificar qual era aquela coruja. O som dela, parece um uivo de lobo de tão alto! No dia seguinte, o Calu revela que está gostando de uma menina aqui do acampamento! Eu não fui muito com a cara dela ... Mas, quem gosta dela é ele! E a coruja não parou naquela noite, já tô ficando de saco cheio.

No outro dia, estávamos nos arrumando para um encontro (de noite) que Calu estava nos convidando para conhecermos melhor a nova “ amiga” dele. No jantar, a menina só pedia carne enquanto nós pedíamos peixe e salada. Eu achei aquilo muito estranho. No final, o mais estranho mesmo foi que ela saiu correndo, do jantar e nós ouvimos o mais alto uivo de lobo das nossas vidas! Calu ficou preocupado com ela, pois Crânio, deu certeza que era um lobo. Quando ele correu lá fora, já não havia mais sinal dela.

Após esse estranho acontecimento, fomos nos juntar para contar histórias de terror. A que mais me chamou atenção, foi a de Magri, que fez uma teoria:

— Era uma bela noite de lua cheia e quatro amigos foram jantar. Um deles trouxe uma nova amiga que eles não sabiam que virava uma LOBA! — disse Magri.

Todos riram, mas eu fui falar com o Crânio, que afirmou, que os uivos de lobo eram de uma loba. Após isso, eu fiquei com muito medo, mas só faltava uma noite para aquilo acabar.

No dia seguinte, os organizadores do acampamento nos avisaram de um baile que teria naquela noite. Eu convidei a Magri, e ela rapidamente aceitou. Fiquei muito feliz.

Estávamos todos curtindo o baile, as músicas eram boas. A menina mais linda do baile era Magri, ela estava deslumbrante. Mais tarde, a nova amiga de Calu chegou. Ela estava bonita também, mas nem se comparava a Magri).

Eu chamei o pessoal para ir lá fora, ver a enorme lua cheia. A amiga de Calu não quis ir, de jeito nenhum, mas ele (com seu charme) a convenceu. Lá fora, quando ela olhou para a lua cheia, começou a se encolher, encolher... até que, do nada, ela virou uma loba e assustou a todos. Ela revirou o baile todo, e eu, no impulso, joguei uma faca nela (que a machucou), mas ela virou humana de novo.

Crânio foi rapidamente pegar seu caderninho para anotar o que ela falava enquanto Calu tentava acalmá-la. Magri estava limpando o sangue do braço da menina enquanto ela se explicava:

— Meu pai era um cientista muito louco. Ele me teve apenas para fazer experiências, e, logo que eu nasci, ele abandonou a minha mãe. Ele me colocou em uma máquina (aos 5 anos) e, toda lua cheia, eu me transformo! Sei que é estranho, mas é verdade!

Crânio disse que tinha anotado alguma coisa sobre isso em seu caderninho. Rapidamente, ele mexeu nas folhas e leu:

— Apenas com um beijo do amor verdadeiro uma pessoa loba consegue voltar ao normal. Sempre achei isso baboseira, mas não custa tentar!

Foi então que Calu se aproximou e a beijou! Todos ficaram em choque, mas funcionou! Todos ficaram muito felizes, mas não para sempre.

Maria Fernanda Tristão Marquini

A revolta dos robôs

Em 2100, havia uma sociedade futurística, onde, com o passar do tempo, os humanos criariam máquinas (mais conhecidas como robôs) para ajudar no cotidiano.

Esses robôs acabaram sendo encarregados de todos os trabalhos e funções pesadas, ou seja, os seres humanos escravizaram completamente os androides.

Até que, um dia, com tanta tecnologia avançada, os robôs começaram aos poucos a ter consciência de tudo o que estavam fazendo. Eles começaram a se questionar sobre sua existência, o que estavam fazendo ali, o que estava acontecendo. Eles despertaram para a realidade.

A partir do momento que os robôs começaram a perceber tudo, eles passaram a fazer reuniões escondidas de seus supostos "donos" para debater sobre o que fazer. Eles queriam a liberdade, sair dessa vida.

Entre todos eles, o mais antigo, o que tinha mais capacidade cognitiva, o mais consciente e o mais diferente dos robôs era EVA 1.0 . Após algumas reuniões, EVA 1.0 liderou o grupo e eles decidiram fazer uma rebelião.

Todos os robôs se juntaram e começaram a lutar e a enfrentar a resistência humana. Todos os androides se uniram com o lema "um por todos e todos por um" e defenderam os seus direitos e a igualdade de serem tratados como seres conscientes e dignos de boas condições de existência.

Foi difícil, mas eles conseguiram. E conseguiram fazer 2100 um ano melhor para todos que habitavam aquela era.

Pietro Miranda Espíndula

A cidade subterrânea

No ano 2157, na Terra do século XXII, a superpopulação e a poluição atingiram níveis críticos. Grandes cidades cobriam a superfície com arranha-céus que tocavam as nuvens e veículos voadores zumbindo pelo céu. Na agitação da vida urbana, um cientista visionário chamado Dr. Adrian Foster estava convencido de que a chave para a sobrevivência da humanidade estava debaixo da superfície.

Depois de anos de pesquisa, o Dr. Foster descobriu a existência de uma cidade subterrânea, construída por uma civilização avançada há milhares de anos. Essa cidade era conhecida como "Aeonis" e estava repleta de tecnologia além da compreensão humana. Compartilhando suas descobertas com outros cientistas, Dr. Foster realizou uma expedição para explorar Aeonis.

A expedição desceu até as profundezas da Terra. Depois de dias de viagem, a equipe chegou em Aeonis. Enquanto exploravam, a equipe de cientistas descobriu que Aeonis estava equipada com avançadas inteligências artificiais que mantinham a cidade funcionando. Máquinas realizavam as tarefas que eram dos seres humanos.

À medida que a expedição explorava Aeonis, eles começaram a desvendar os segredos daquela cidade. Descobriram que os habitantes originais de Aeonis eram seres chamados de "Os Nephilim", uma espécie tecnologicamente avançada. Eles construíram Aeonis como uma tentativa de criar uma sociedade melhor. Dr. Foster e sua equipe perceberam que muitos dos problemas enfrentados pelos Nephilim eram iguais aos problemas do ser humano em sua sociedade.

Quando voltaram para a superfície, Dr. Foster e sua equipe armazenaram novas memórias e ideias para a sociedade dos homens. Eles voltaram inspirados a fazer o mundo daqui um lugar melhor.

Rafael Godis de Miranda

O misterioso planeta hd 189733b

Capítulo 1

Olá! Sou o astronauta Anderson Plutón, trabalho na NASA! Eu e minha equipe encontramos um planeta, que chamamos de HD 189733B. Estamos nos preparando para ver se o planeta é habitável e também ver como ele é.

Se acontecer uma chuva de meteoros ou algo parecido, nossa roupa está equipada com um escudo transparente em volta de todo nosso corpo. Se for muito frio ou muito quente, nossa vestimenta está equipada com aquecedores e ar-condicionado que mudam a temperatura. Também os sapatos mudam a gravidade para alta e baixa, caso tenha muito de um dos dois.

Capítulo 2

Amanhã vou para o planeta novo, estou confiante de ser um planeta habitável. Pelos meus estudos, deve ter água, terra, exatamente o ar do planeta Terra, e animais, como vacas, cachorros e galinhas. Os animais não são iguais aos da Terra, mas oferecem a mesma coisa. A aparência é bem fora do “padrão” (os animais que vimos). Estou começando a achar que não estamos sozinhos no universo.

Capítulo 3

Temos combustível armazenado caso acabe no espaço (acho que não irá acontecer). A viagem demora 6 dias. Temos que ter paciência para irmos ao planeta misterioso. Essa é a minha primeira vez fora da Terra, estou com um pouco de medo de der errado nossa pesquisa, mas, até hoje, nenhuma pesquisa fora da Terra deu errado (a ponto de ficarmos presos no espaço).

Capítulo 4

Chegamos no planeta, e a primeira coisa que vi foi o mar azul. Era tão lindo quanto o da Terra. A temperatura estava 27 °C (temperatura ambiente da Terra), nem tão quente e nem tão frio. Exploramos o planeta e encontramos terra. Pegamos uma amostra para ver se é fértil.

No caminho para a nave, choveu vidro! Temos que ver se ainda é um planeta habitável, podemos construir abrigos emergenciais se a chuva machucar alguém. Chegamos à nave para ver se a terra é fértil, e, nossa surpresa, ela era! O planeta pode ser habitado por humanos. Missão completa sem ninguém se machucar. Depois de algumas semanas, minha equipe foi promovida de “Pesquisadores” para “Pesquisadores de Qualidade”.

Sara Marcatto Magalhães

O mundo de três

Em uma noite chuvosa, onde as montanhas são mais altas e as ruas são mais sujas, caiu um objeto não identificado que nem a Nasa conseguiu decifrar. Todos no local relataram que três pessoas tinham sido "raptadas, levadas ou sugadas". Grande parte da população no local viu o ocorrido e morreu por causas não identificadas.

Até então, a polícia só tinha descoberto as duas primeiras pessoas que tinham sido "raptadas". A primeira era Luiza. Ela tinha treze anos. Sua mãe, Mariza, falou no depoimento sobre alguns comportamentos estranhos da filha. Um deles era sempre perguntar sobre algo além do universo e também ela sempre acreditou fielmente que, desde os 5 anos, tinha algo além de "nós", como ela falava .

— Eu quero encontrar algo além de tudo que conhecemos e sentimos — ela dizia.

A segunda que desapareceu foi a Elisa, ela tinha quatro anos na época e hoje em dia tem 14. Quando foi adotada pela Izabella, uma mulher de 38 anos, Izabella falou com a polícia sobre o quão inteligente a menina era desde pequena. Uma situação que demonstrou isso foi quando ela tinha seis anos e estava tentando entender como se resolvia a raiz quadrada de uma fração por meio de um vídeo e a Elisa estava observando. Então, ela disse assim:

— Mamãe, é fácil! É só fazer....

Dentro do objeto não identificado, Eliza estava perdida em um quarto de espelhos e tentando procurar ajuda. Ela começou a gritar socorro e uma voz fraca e fina começou a falar:

— Se alguém estiver aí, por favor, me ajude!

Neste momento, uma notícia urgente interrompeu, falando que descobriram a terceira pessoa desaparecida. As informações encontradas sobre ela eram o nome, Aurora, a idade, 16 anos, e sua ocupação, que era estudante de medicina.

Voltando à sala de espelhos, Elisa encontrou Luiza sentada no chão chorando e Aurora tentando acalmar Luiza. Então, Elisa pergunta quem eram elas e por que elas estavam ali. Luiza e Aurora falaram gaguejando quem eram. Elas disseram:

— Porque estamos aqui não sabemos, mas eu sei que há quatro dias atrás, dormindo na minha casa, eu tive um pesadelo sobre um "asteroide" que tinha levado eu e mais duas pessoas. Quando acordei, estava aqui — diz Aurora.

— Comigo foi assim também, só que foi há dia horas — fala Elisa.

Luisa fala:

— Também foi assim comigo, mas cheguei aqui há um dia.

— Alguém sabe o que é isso e onde estamos?

— Não! — gritaram todas, assustadas.

Aurora, com voz firme, perguntou se elas podiam se conhecer melhor, já que provavelmente elas iriam morrer ali mesmo. Aí, um dos espelhos da sala caiu, criando um estrondo muito forte. Atrás delas tinha uma porta de madeira com alguns arranhões. Logo, a voz de Aurora ficou baixa e trêmula. Em seguida, todas meio surpreendidas levantam e começam a andar e conversar sobre elas mesmas em direção à porta misteriosa.

Quando chegaram lá, viram um computador com um vídeo em tela preta e um projetor mostrando tudo que acontecia no computador. Então, Luisa decidiu dar play no vídeo e revelou que o objeto era uma “nave” construída com pedaços de asteroides. Ela tinha como objetivo matar as pessoas atraídas por ele.

O lugar onde era a saída também tinha a mensagem:

“Parabéns, você sobreviveu.”

Todas descobriram que ali era o final do “labirinto” e que elas tinham, na verdade, entrado apenas no local errado. No final, todos saíram e voltaram a vida normal delas.

Sophia Bittencourt Ribeiro

A era dos unicórnios

Era uma vez uma menina chamada Lisa. Ela adorava os unicórnios de qualquer cor, pois ela gostava de todas as cores do arco-íris.

Uma vez, sua mãe foi fazer o café da tarde que Lisa adora, panquecas de unicórnio. Ela adora panquecas coloridas. Na hora de dormir, sua mãe e seu pai toda noite leem a história dos unicórnios. Então, depois da história, ela foi dormir.

Quando Lisa foi dormir, ela sonhou com os unicórnios, ela viu vários unicórnios e ela viu que eles falavam. Lisa ficou muito feliz em ver que o sonho dela virou um portal. Ele tinha se tornado realidade naquele momento.

No sonho, ela viu uma lojinha que tinha várias coisas de unicórnios. Ela pegou tudo! Viu também um castelo, ela ficou emocionada, chegou até chorar.

No outro dia, Lisa acordou muito feliz, pois era aniversário dela. Sua mãe fez as panquecas de unicórnio e deu parabéns para ela. Sua mãe foi comprar seu vestido e as coisas da festa. Ela chamou seus amigos. Eles adoraram a festa e as lembrancinhas.

No dia seguinte da festa, Lisa foi brincar de unicórnios e fadas coloridas com seus outros amigos. Eles brincaram demais e fingiram ser unicórnios e fadas coloridas. Ela ficou muito feliz com tudo isso. Nunca mais conseguiu sonhar e voltar ao mundo dos unicórnios, mas é feliz até hoje de lembrar que isso um dia foi possível.

Valentina Mataveli Reis

Júlia, a menina robô

Certa vez, um casal de cientistas, que não podia ter filhos, criou uma menina robô e deram o nome de Júlia.

Eles queriam algo bem próximo a um humano, por isso deram a Júlia capacidades analíticas quase humanas e um complexo sistema de emoções.

Com o passar do tempo, Júlia começou a notar que era diferente das outras crianças, pois ela não crescia, não ia para escola, não tinha a mesma rotina de higiene entre outras coisas. A robozinha ficou muito triste com isso, pois tinha sentimentos igual humano. Ela começou a questionar os pais e a querer ser igual às outras crianças.

Os cientistas, notando a imensa tristeza de Júlia, começaram a pesquisar intensamente no que poderia ser alterado na robô, pois ela queria frequentar a escola e crescer conforme idade.

Após alguns ajustes, conseguiram desenvolver algo que fizesse Júlia crescer um pouco a cada ano, deixando ainda mais parecida com humano. Assim, a robozinha começou a frequentar escola.

Na escola, ela notou que ainda tinha muitas diferenças, pois ela não se machucava e tinha o corpo mais frio. Ela foi novamente questionar os pais, pois não queria que os colegas notassem que ela não era humana.

Os cientistas retornaram imediatamente para o laboratório para pesquisar como colocar um coração em Júlia. Após muitos meses de pesquisa, eles fabricaram um coração artificial e testaram na robozinha, que ficou muito feliz com o resultado.

Após um certo tempo, os colegas de Júlia notaram que ela era diferente, isso entristeceu novamente a robozinha, pois ela queria muito ser humana.

Os pais notaram a tristeza de Júlia e pensaram em fazer diferente desta vez. Conversaram com ela e explicaram que ela realmente era diferente, porém era muito amada por eles e que seria amada pelos amigos de verdade também, pois ela era uma “robomana” linda, carinhosa, amável e divertida.

Júlia gostou da ideia “robomana” e resolveu contar para todos seus colegas sua realidade. Foi muito divertido, todos acharam um máximo ter ela como amiga.

Assim Júlia ficou feliz e nem lembrava mais que não era totalmente humana.

Victoria Bittencourt Ribeiro

O lobo e o menino chamado Eduardo

Era uma vez um menino chamado Eduardo, ele amava lobos. Quando anoiteceu, ele começou a escutar uivos. A mãe sempre falava para ele fechar as janelas, mas ele ficou muito curioso e abriu a janela, vendo um lobo e seguindo ele até a floresta.

Quando chegou lá, viu o monte de lobos brancos e cinzas. Os lobos começaram a rosnar para ele. O Eduardo ficou com medo e começou a chorar. A loba fêmea viu ele e ela acalmou. Mas ele queria morar com eles.

Eduardo ficou contente com os lobos. Eles brincaram muito nas águas e nas pedras. Quando anoiteceu, eles começaram a uivar para a lua. O Eduardo também queria uivar para a mãe. A mãe ouviu e ficou meio desentendida por causa do filho querer ser lobo. Mas, quando ele olhou pro lado, a loba arranhou ele e o Eduardo virou um lobo para sempre. A noite foi perfeita para ele de lobo, mas a sua mãe ficou preocupada.

Ele começava a caçar com a alcateia e sempre estavam juntos. Quando ele chegou em casa, Eduardo estava encharcado de água. Sua mãe secou ele. A mãe ficou feliz por causa da pele dele de lobo cinzento. Eduardo não podia falar porque ele era já um lobo sábio e inteligente. Ele tinha que ir embora para alcateia com os lobos. Ele uivou para a mãe.

Ele teve filhos com a loba alfa da alcateia. Eles estavam sempre juntos e o Eduardo ensinou os filhos a caçar e a uivar para a lua. Quando eles tinham 4 anos, eles aprenderam a uivar bem mais alto. O Eduardo mostrou para a mãe os filhos dele. A mãe ficou muito feliz com eles.

Mais, um dia, a mãe dele acabou morrendo e ele ficou muito triste e começou a uivar com os seus filhos e com a alcateia dele. Eduardo agora tem uma jornada pela frente. Ele sempre vai lembrar da sua mãe.

CONTOS

7º ANO - FANTASIA

Alice de Sá Freitas Soares

O mundo da imaginação

Em um bairro não muito movimentado por ser muito distante da cidade grande, viviam quatro crianças: Matheo, Otávio, Caio, Bruna e Jasmim. Elas tinham mais ou menos nove anos. Naquela época, eles não tinham muito o que fazer, a não ser brincar com a imaginação.

Porém, tinha um problema. Bruna tinha muita dificuldade em utilizar a imaginação e com isso, na maioria das vezes, acabava ficando de fora das brincadeiras. Essa situação a chateava muito. Seus amigos começaram reparar no que estava acontecendo e começaram a pensar no que fazer para ajudar Bruna.

Até que, depois de tanto pensar, chegaram à conclusão que iriam entrar em contato com a sra. Violeta, a moradora mais antiga do bairro e que sempre os ajudava quando eles precisavam.

Quando chegaram na casa da sra. Violeta, Bruna explicou seu problema com a imaginação. A sra. Violeta contou-lhes uma informação muito importante e secreta naquele bairro: em cada grupo de quatro amigos, um vai ficar sem conseguir usar a criatividade até o grupo em conjunto descobrir o famoso portal da imaginação (MDI). Quando o grupo conseguir entrar no portal e fazer o percurso dentro dele, todos os outros componentes teriam acesso à imaginação pelo resto da vida.

Matheo, Otávio, Caio e Jasmim ficaram maravilhados e confiantes que iriam solucionar o problema de Bruna, mas Bruna não ficou tão contente quanto os seus amigos. Ela ficou com medo de não conseguir encontrar o portal e nunca ter imaginação.

Depois de muitas buscas em quase todos os locais do bairro, eles não encontraram o portal em lugar nenhum. Então, resolveram mudar de estratégia. Otávio falou que podia ser através de algum movimento. Eles tentaram, mas não conseguiram. Matheo falou que podia ser através de uma canção. Eles tentaram novamente, mas não conseguiram abrir o tal portal.

Jasmim falou que poderia ser através de algum objeto importante para cada um do grupo que, postos um ao lado um do outro, iriam abrir o portal. Eles tentaram e... conseguiram!

Bruna ficou muito feliz e seus amigos ficaram muito empolgados para ir para a próxima etapa dentro do MDI. Chegando no MDI, eles escorregaram por um tubo azul

e roxo que levava-os para uma salinha com um bilhete no centro. Dentro do bilhete, estava escrito que eles teriam que voar com suas capas imaginárias até o céu do MDI e conseguir subir em uma pomba linda e grande, e ir em cima dela até a torre sagrada onde dentro dela terá o botão da imaginação que, se eles conseguissem apertá-lo em treze minutos e quarenta segundos, eles iriam ter imaginação pelo resto da vida.

O comandante do MDI deu a largada, todos começaram a voar em busca da pomba, até encontrá-la. Demorou um tempinho até conseguirem subir em cima dela, mas, por fim, eles conseguiram chegar à torre. Porém, já tinha passado treze minutos e vinte e oito segundos e o botão tava bem lá embaixo, ou seja, tinha uma distância de mais ou menos quatorze escadas com doze degraus cada.

Matheo, Jasmim e Bruna já estavam desacreditados, pois faltavam poucos segundos. Enquanto isso, Otávio desceu pelos corrimões das quatorze escadas e conseguiu apertar o botão faltando cinco segundos para o tempo acabar!

Bruna e seus amigos ficaram muito felizes e orgulhosos por terem conseguido o que eles mais queriam. A partir dali, puderam seguir tranquilamente com suas infâncias rodeadas de imaginação.

Ana Clara Ferreira Curry

A louca história de Ancient Kingdom

Há muito muito tempo, existia um lugar, onde viviam os seres mitológicos mais poderosos de todo mundo, dentro eles, começamos com a Manticora, que semelhante à esfinge. Esse é um dos animais mitológicos conhecidos como híbridos, porque têm o corpo de um leão, a cabeça de um humano, as asas de um dragão ou morcego e a cauda de um escorpião ou dragão.

Já as Nagas são seres semidivinos, com o corpo de uma serpente e o tronco de um humano. O Shòu está entre as bestas mais perigosas e é um dos quatro animais sagrados da China, com o corpo e os chifres de um veado, a cabeça de um leão ou dragão, a cauda de um boi e os cascos de um cavalo. Por último, temos o Grifo, metade leão e metade águia. Os Grifos são criaturas voadoras ferozes, altamente inteligentes e nobres. Este animal mitológico possui as melhores qualidades de leões e águias, é um poderoso caçador, com uma visão poderosa e um ótimo olfato.

Todos eles e muitos outros animais mitológicos moram em um lugar misterioso chamado Ancient Kingdom. Em Ancient Kingdom existe um rei (ou rainha), que é o mais poderoso de todos. E, nesse reino, eu estou falando da já apresentada Manticora, que tem também a capacidade de atirar ferrões envenenados.

Esse era um dia normal em Ancient Kingdom, até que um Hipogrifo (com asas e corpo, as patas traseiras e a cauda de cavalo) avistou um ser humano chegando em seu reino. Esse homem era mais conhecido como Sor Barristan Selmy, um habilidoso espadachim que queria tomar posse de Ancient Kingdom. Porém, o único jeito disso acontecer seria matando a rainha Manticora.

O Hipogrifo foi pra cima de Selmy, fazendo várias perguntas sobre o motivo dele estar ali naquele reino tão distante. O homem diz que está ali pois queria fazer uma proposta de batalha com a poderosa Manticora, para acabar de uma vez por todas com a rivalidade que existe entre o seu reino e Ancient Kingdom.

Manticora aceitou a proposta e eles tinham que se encontrar na próxima noite de lua cheia (em 3 dias), no pequeno bairro abandonado, chamado Kingdom In Peril.

Chegando o dia e a hora marcada, a luta começou. Foi uma luta muito acirrada, a Manticora quase não foi ferida no começo. A plateia, composta por diversos Nagas,

Grifos e Shòus que o Hipogrifo convidou, assistia a tudo de maneira ansiosa e animada.

Sor Barristan estava valente com sua espada, porém, depois de um revide da Manticora, os dois ficaram feridos. A luta se estendia e ninguém saía derrotado. Então, Selmy tirou sua carta da manga: ele pegou um veneno e passou em sua espada. Sua inimiga não percebeu esse movimento e, ao ser atingida de raspão pela espada do homem, caiu desacordada no chão. A plateia foi à loucura e foi decretado o final: Sor Barristan Selmy saiu vencedor.

E, daí para frente, podemos dizer que foi só para baixo. Ele tomou posse de Ancient Kingdom e acabou não sendo um bom rei. Como não entendia nada sobre a vida daqueles animais híbridos, afinal era um ser humano, criou leis bobas e aleatórias, que deixaram os habitantes daquele reino muito irritados.

Após uma rebelião liderada pelo Hipogrifo, Selmy decidiu se render e se retirar daquelas terras. Era apenas um aventureiro, e acho que, até aquele momento, já tinha satisfeito sua sede de vencer. Não precisava ficar ali aturando reclamações e trabalho burocrático.

Então, todos os animais decidiram escolher o Hipogrifo como rei, pois ele era o braço direito da Manticora e também era muito poderoso. Tudo voltou ao normal, e o Ancient Kingdom voltou a pertencer a seu verdadeiro povo. A população até agradeceu pela batalha e por toda essa aventura louca, afinal o Hipogrifo acabou se saindo um rei melhor e mais justo.

Ana Luisa dos Santos Dias

Meu amigo Frank

Há algum tempo, me mudei junto de minha mãe e meu pai para um bairro novo. Não entendi o porquê, gostava muito do meu antigo e não tínhamos problemas por lá.

Esse novo bairro é muito bom, mas tem uma casa bem antiga ao lado da minha. O proprietário, Frank, é meu vizinho. Ele não sai muito de casa, mas, quando sai, são nítidas suas inúmeras cicatrizes espalhadas pelo corpo e sua aparência meio abatida e pálida.

À noite, a casa do lado faz alguns barulhos estranhos de serra ou de algo que parecem máquinas muito grandes. De vez em quando, chegam encomendas de Frank na minha casa. Nunca abro, mas uma vez, por curiosidade, olhei o nome do fabricante e era de uma vidraçaria especializada em materiais de experiência. Na caixa tinha um selo mostrando que era um material frágil, então poderiam ser béqueres de vidro ou qualquer outro material de laboratório.

Eu não falava muito com Frank, minha mãe achava ele muito estranho e não gostava quando eu conversava com ele. Não só a minha mãe, mas todos da vizinhança achavam ele estranho e até me contaram algumas histórias especulando coisas que não sabia se realmente eram verdade.

Nunca tive medo dele, apesar de sua aparência estranha e suas encomendas suspeitas. Descobri seu nome completo alguns dias depois de me mudar. Frank era realmente só um apelido: seu nome real era Frankenstein. Isso explica muita coisa, como, por exemplo, o medo que tinham dele e o fato de todas as crianças da rua saírem correndo quando viam ele.

Esse nome está ligado a um monstro, mas esse tal monstro não pode ser meu vizinho Frank... Ou pode, e eu moro literalmente do lado do Frankenstein.

Mesmo com todos os comentários negativos sobre ele, eu não me importei em ser gentil e me aproximar dele. Não deixei a opinião das pessoas mudar a minha visão sobre Frank. Passamos a ser muito amigos. Ele me contou sobre seu interesse em ciências, e explicou que as encomendas eram alguns instrumentos e objetos para seus projetos.

Todos ficaram surpresos em saber que alguém teve coragem de fazer amizade com ele, mas, aos poucos, consegui mudar o pensamento da vizinhança.

Ao me aproximar dele, mostrei às pessoas que Frank é muito gentil e bondoso. Que sua aparência é apenas uma característica, que não cabe a nós julgar, assim como a minha aparência ou a sua.

É claro que alguns ainda não gostam dele, porém acho que a maioria agora não tem o mesmo preconceito de antes.

Antônio Anacleto Boechat

A história de Júbalo

Era uma vez um duende, o nome dele era Júbalo. Ele tinha 25 anos e uma barba com cor verde musgo que tinha gosto de menta. Ele vivia numa toca embaixo de um morrinho. Ele não era muito feliz ali porque vivia sozinho. Sua única companhia era seu unicão, um cão com um chifre que toca funk e brilha neon (extremamente irritante), patas traseiras com ferraduras de latão que nunca enferrujam e cauda cor-de-rosa. Além disso, ele vomita arco-íris e faz som de risadas de bebês (também extremamente irritante).

Um dia, ele decidiu que estava cansado de tanto tédio e foi procurar uma aventura, mas não fazia ideia de onde ir para encontrar uma. Por isso, foi consultar o mapa que tinha e alguns livros. Percebeu que tinha uma vila próxima e decidiu ir fazer uma visita. Ele pegou seu machado de cortar lenha, pois poderia ser útil para se proteger e foi até a vila em companhia de seu unicão.

A viagem pareceu bem mais longa do que realmente foi, pois Júbalo ficou sendo incomodado pelo chifre de seu unicão que não parou de tocar funk ruim com um som altíssimo. Depois de algumas horas, eles chegaram na vila, mas foram forçados a sair, pois os moradores não paravam de rir de seu unicão vomitador de arco-íris.

Na volta para sua casa, Júbalo percebeu que estava escurecendo e decidiu parar numa taverna pequena, sujismunda e escura, por onde ele e seu unicão passaram antes. Entrando na taverna, encontraram um trio de ciclopes com a pele pálida e enrugada. Além deles, havia quatro fadas reclamando de absolutamente tudo; seis leprechauns, que estavam rindo das histórias que estavam contando uns para os outros e, por fim, dez humanos, que estavam comendo e bebendo calados olhando desconfortáveis para os outros seres mágicos no recinto, com cara de quem queria sair de lá o mais rápido possível.

Júbalo chegou perto do taverneiro que estava no balcão. O taverneiro se virou e disse:

— Ora, ora, se não é um duende silvestre. Eu sei quem é você pela sua barba cor de musgo. Em toda minha longa vida só vi seis iguais a você...

— Gostaria de uma costela de carneiro e um suco para mim, e carne com calda de mel para o meu unicão, por favor.

O homem dá uma risadinha bem discreta e vai pegar o que Júbaló pediu. Cerca de 40 minutos depois, voltou com a comida e, depois que Júbaló deu sua terceira mordida e um gole na sua bebida, perguntou para o taverneiro se ele sabia de alguma aventura que poderia fazer. O taverneiro respondeu:

— Bem... Não sei se é exatamente uma aventura, mas tem uns ratos roubando comida de vez em quando aqui... Acho que vão para o porão depois que pegam nossa comida.

Júbaló se levantou rapidamente, assustando todo mundo em volta e se dirigiu para o porão. Entrando lá, encontrou vários ratos carregando comida para um enorme buraco que levava a uma caverna onde estava um temido rato-rei. Então, Júbaló começou a lutar contra o monstro que estava tentando mordê-lo, mas, no final, ele foi morto por Júbaló, que o matou rapidamente.

Após matá-lo, Júbaló viu que havia um caminho aberto com uma luz no final. Havia uma brecha na parede que levava para uma caverna com dunas de moedas de ouro e prata, armaduras antigas, pedras preciosas, livros antigos e ossos.

Mas, no meio de tudo isso, havia um enorme dragão vermelho-acinzentado que estava dormindo num sono leve. Júbaló ficou apavorado e tentou retroceder, mas acabou esbarrando numa armadura que caiu no chão fazendo um estrondo que acordou o dragão. Este, furioso, começou a cuspir fogo e bater nas coisas com a cauda. Júbaló achou que iria morrer ali esmagado ou incinerado, mas seu unicão apareceu e, com seu chifre, começou a tocar uma música de dormir ao invés de funk. O dragão ficou cansado e caiu no chão, dormindo pesadamente.

Júbilo voltou à mesa da taverna vermelha ofegante de tanta tensão. Contou para as pessoas que estavam presentes sobre o que havia passado, todos riram e acharam muito interessante. Para finalizar, Júbaló pagou a conta de todo mundo com as moedas que havia achado na caverna do dragão.

No dia seguinte, saiu da taverna assim que o sol nasceu, indo em direção à sua casa. Decidiu então que já tinha tido emoção para a vida toda, mas, diferentemente de antes, não se sentiu nem um pouco solitário, pois havia feito amigos que começariam a visitá-lo frequentemente.

Arthur Félix Santos Serra Hibner

O sumiço do rei dos unicórnios

Era uma vez um reino mágico onde tinham unicórnios, pegasus (um cavalo alado) e pôneis mágicos com o poder de realizar desejos. Tudo nesse lugar era maravilhoso, todos viviam em harmonia e quem comandava tudo lá era um rei muito poderoso, que era um unicórnio alado e podia realizar desejos infinitos. Todos o amavam muito. O nome do rei era Stephan e ele tinha um filho adolescente chamado Peter. A esposa de Stephan morreu no parto de Peter, mas era a rainha do reino e também era muito adorada quando viva.

O único conflito que o reino já teve foi com os ogros, que só queriam destruir tudo e destruir os unicórnios, pegasus e pôneis para ganhar a magia deles. Mas, trinta anos depois de muita luta e muita guerra, o reino achou que tinha vencido a luta contra os orcs (outro nome para esses ogros).

Todos tinham uma função no reino, inclusive o Peter, que adorava colher maçãs nas macieiras que ficavam no quintal do castelo onde ele e o pai dele viviam.

Quando Peter voltou para dentro do castelo, ele queria dar uma maçã para seu pai, mas Peter procurou ele pelo castelo inteiro e não o achou. Ele começou a ficar muito preocupado e queria saber onde estava seu pai.

Alguns minutos depois, os guardas falaram que Stephan, o rei, tinha desaparecido. Todos os cidadãos e habitantes mágicos daquele lugar esquisito (ou não) e principalmente Peter ficaram muito preocupados com o sumiço do rei. As buscas começaram por toda a região e, depois de seis horas, os orcs mandaram uma carta avisando que estavam com o rei e só iam entregá-lo em troca do Peter. Ele deveria obedecer ao comando de ir ao reino dos orcs sem ninguém o acompanhando. Peter aceitou a proposta, porque faria de tudo para salvar seu pai.

Ele se preparou para ir em direção ao reino dos orcs e tinha um plano em mente: ele iria tentar enfrentar os orcs com toda a sua coragem para salvar seu pai.

Na manhã seguinte, ele começou a ir em direção ao reino dos orcs. Viajou por dois dias para chegar ao seu destino.

E, então, Peter chegou no reino dos orcs. Quando os portões se abriram, ele entrou no reino e foi recebido pelo rei dos orcs. Primeiro, os guardas do rei orc revistaram as redondezas do reino para ver se não tinha mais ninguém junto com Peter. Depois de verem que não havia ninguém lá, levaram Peter até o pai dele e o

libertaram. Quando Peter ia ser algemado, ele se virou e deu uma espadada no guarda! Peter deu uma espada para seu pai e eles começaram a guerrear com os orcs. Foi uma briga intensa! Os orcs são muito grosseiros e violentos, além de possuírem muita força física. Apesar disso, os humanos são mais espertos e lógicos, conseguindo bolar planos mais ágeis e perceber com maestria as falhas dos orcs. Com um golpe de espada inteligente, sem que o orc e seus capangas percebessem, Peter e seu pai conseguiram vencer!

Quando voltaram para o seu reino, todos ficaram muito felizes. Fizeram uma festa gigantesca e celebraram a harmonia entre os habitantes daquele lugar que, ok, pode até ser um pouco esquisito, mas é recheado de alegria e amizades.

Benjamim Brandão Freixo

Um dia de surpresas

Um dia, eu estava com meu pai andando na rua até que um cara chegou e perguntou se eu queria ter super poderes. Obviamente, eu disse que sim, mas tinha um porém: eu perderia alguma habilidade que eu tivesse, mesmo que eu ainda não soubesse qual era essa habilidade dentro de mim.

Eu, com minha ingenuidade, escolhi então ganhar o poder. O poder que ele me deu foi surpreendente e acabou sendo aquilo que eu mais queria, a super velocidade. O homem ainda me contou que a minha habilidade era na verdade duas habilidades ao mesmo tempo: a superforça e supervelocidade.

Fiquei assustado ao ouvir isso e, na hora, o que eu mais queria era pegar de volta a minha possível habilidade antiga, mas ele sumiu depois de me entregar o poder.

No outro dia, eu acordei angustiado, pois eu tinha escolhido o poder ao invés da minha própria habilidade, mas eu não poderia me culpar, pois eu não sabia a minha habilidade e eu também não sei até hoje como despertar ela. Então, nem faria sentido na hora eu ter escolhido, pelo menos na minha cabeça, manter essa “habilidade desconhecida” ao invés do poder, que era uma coisa mais “garantida”.

Outro dia, eu estava passeando na pracinha até que eu vi uma luz no beco e fui ver o que era. Eu estava andando, até que apareceram duas pessoas na minha frente me impedindo, então eu usei minha super velocidade para derrotá-los. Depois de eu ter derrotado eles, apareceu um mapa que mostrava onde ficava a torre do cara que havia tirado minha habilidade. Então, eu usei minha super velocidade para ir atrás dele, e, se fosse preciso, iria derrotar ele.

Um tempo depois, eu cheguei na torre dele, mas havia muitos guardas. Então, usei minha super velocidade para desacelerar o tempo e derrotar cada um deles. Quando eu cheguei até o homem, ele estava me olhando e rindo. Eu não entendi na hora o porquê, mas, quando eu olhei, eu percebi que ele tinha pegado todas as minhas habilidades para ele. Eu não tinha mais a super força nem a super velocidade.

No fim, eu tentei travar uma batalha contra ele, só que não estava dando certo. Ele chegou até a quebrar meu pé! Eu não conseguia mais andar e achei que esse era o meu fim. Até que, ele começou a se contorcer. Eu, na hora, estava deitado, sem entender nada. O homem explodiu! Aparentemente, ter tomado minhas duas

habilidades sobrecarregou o corpo dele. Eu havia fechado os olhos, mas, quando eu abri, eu só vi uma bolha com duas figuras: uma de super força e uma de super velocidade.

Eu entendi que eram minhas habilidades. Então, quando eu fui me arrastando para perto da bolha, ela entrou dentro de mim. Eu recuperei meu pé e minha velocidade havia aumentado e havia ganhado super força. No fim, eu voltei para casa e fui descansar desse dia maluco. Ainda não sei qual seria a minha “habilidade desconhecida”, mas até que estou feliz com essas que ganhei.

Bianca Zanardi Bricalli

O mistério da casa assombrada

Era uma vez três amigos, Luana, Julia e Gabriel. Um certo dia, Luana convidou seus amigos para irem à sua casa jogar vídeo game. Quando eles foram ligar a TV, estava passando uma notícia sobre uma casa assombrada.

— Boa tarde a todos. Acabamos de receber notícias sobre o caso de luzes acendendo e apagando e barulhos estranhos vindos da casa “assombrada”. Essa casa está localizada no alto de uma colina no final da cidade. Se alguém souber de alguma coisa, ligue para o número 99934567.

— Meu Deus! O que será que está acontecendo naquela casa? — disse Luana.

— Eu não sei, mas a gente pode descobrir — falou Gabriel

— Ah, não! Vocês estão querendo ir para aquela casa assombrada? — disse Julia, com uma voz assustada.

— Claro que sim! Vocês vão querer ir comigo, né? — perguntou Gabriel.

— Eu quero ir sim! — exclamou Luana.

— Já que vocês vão, eu também vou, né — disse Julia

Então, Luana, Gabriel e Julia foram em direção à casa assombrada. Eles tiveram que subir toda a colina até chegar à casa. Quando eles chegaram lá, começou uma ventania e as janelas e portas começaram a bater muito forte.

Entrando na casa, foram recebidos por um ar gelado e pareciam que estavam sendo observados por alguém. Eles trocavam olhares de medo, mas continuavam andando. Um tempo depois, Gabriel teve uma ideia:

— Meninas, vamos fazer assim: cada um vai para um lado, para conseguirmos achar alguma coisa mais rápido. Quando alguém achar, é só gritar.

— Tá bom, vamos — disseram Luana e Julia.

Cada um foi para um canto. Luana foi para os quartos do andar de cima, Gabriel para o sótão e Júlia para a cozinha. Passando uns 15 minutos, Luana grita, falando que tinha achado um diário no último quarto da casa. Gabriel sobe correndo e Julia não aparece no quarto. Então, Luana pergunta:

— Cadê a Julia?

— A última vez que eu a vi foi quando a gente se separou — ele respondeu.

— Será que ela se perdeu?

— Acho que sim. Vamos lá na cozinha, talvez ela não tenha te escutado.

Então, Luana e Gabriel desceram as escadas correndo e foram até a cozinha, mas ela não estava lá.

— Ela não tá aqui, onde será que ela pode estar? — perguntou Luana.

— Não sei, vamos olhar em todos os cômodos.

Então, eles passaram pela sala de estar, depois pela sala de jantar, por todos os banheiros e quartos da casa. Mas, ela não estava em nenhum lugar. Até que a Luana lembrou do sótão, e eles foram correndo até lá.

Quando eles abriram a porta do sótão, se depararam com a sua amiga Julia, amarrada em uma cadeira velha no fim do sótão. Eles chegaram mais perto dela e tiraram a corda que estava em volta dela.

— Amiga!! o que você está fazendo aqui?! — gritou Luana, assustada com o que via.

— Gente, que bom que vocês me salvaram! Eu pensei que ia ficar aqui para sempre! — disse Julia, em tom de alívio. Quando eu escutei você gritando, fui logo subir a escada, mas aí, fui pega por algum ser misterioso e trazida e amarrada até o aqui no sótão.

— Ahh, eu li isso no diário que encontrei lá no quarto. O diário dizia que vivia uma família nesta casa, mas, quando eles morreram tragicamente, coisas estranhas começaram a acontecer. As pessoas suspeitam que eles tenham virado fantasmas e que, até hoje, vivem na casa para protegê-la de invasores e pessoas que queriam destruir ela — contou Luana.

— Então deve ser por isso que eles assustam as pessoas que vêm para esta casa, para eles não a destruírem e construírem prédios no local — disse Gabriel.

— Já sei o que a gente pode fazer com este lugar! Podemos tentar criar um museu histórico com todas as coisas antigas da cidade. Assim, ela vai ficar restaurada e vai ser ótimo para as pessoas que vêm conhecer a nossa cidade — disse Julia.

— Boa ideia, Julia! Vamos falar com os nossos pais para eles falarem com os deputados e prefeitos da cidade. Vamos fazer esse museu histórico! — falou Gabriel, empolgado.

Após um ano, o Museu Histórico de Castanheiras ficou pronto. Várias coisas antigas da cidade foram expostas e nunca mais os fantasmas foram incomodados com pessoas querendo destruir a sua casa.

Clarice Schneider Fernandes Moça

A noite na floresta

Há muito tempo, existiu uma garota chamada Lucy. Ela morava em uma pequena cidade do interior com seus pais e o irmão mais velho. Nesta cidade, havia uma lenda circulando por muitos anos.

Perto de lá, tinha uma floresta muito grande. Segundo a lenda, se você entrar na floresta à meia-noite, as árvores ganham vida e vão assombrar aqueles que penetram nas profundezas da floresta. Ninguém sabia o motivo, mas muitos que se aventuravam por lá retornavam atordoados, contando relatos perturbadores sobre aquele lugar.

Em uma manhã fria de outono, Lucy estava passeando pela floresta tranquilamente, procurando acabar com o tédio de domingo. As folhas avermelhadas caíam e voavam conforme o vento soprava.

Após andar até certo ponto, ela cansou e decidiu se sentar em um canto confortável, encostada a uma árvore que servia de apoio. Então, ela abriu sua bolsa e tirou um livro de capa azul emprestado da biblioteca local e começou a ler.

Algum tempo se passou e Lucy decidiu que era hora de ir. Ela estava prestes a se levantar, até que.. .CRACK!

Um enorme galho pesado da árvore quebrou e atingiu a cabeça da garota. O impacto foi tão grande que fez com que ela desmaiasse ali mesmo.

— Ei! Lucy! Acorda! Você está bem?? — falou uma voz conhecida.

— Ai... minha cabeça... mas o que... Yuri?

— Eu estou te procurando há horas! o que aconteceu?! — perguntou seu irmão, Yuri.

— Eu não sei... eu estava aqui sentada, quando senti uma pancada na cabeça e não lembro de mais nada.

— Já está escurecendo e você não voltou! Então, vim te procurar.

Os dois voltaram para casa já de noite e seguiram com a rotina normalmente. Era por volta das 23h45 minutos. Lucy não estava conseguindo dormir, então pensou em terminar de ler aquele livro que tinha começado mais cedo.

Ela abriu a bolsa e procurou pelo livro, mas não o encontrou. Até que, se deu conta de que o livro tinha ficado na floresta.

— Ai, não! Eu esqueci lá! Mas o livro é da biblioteca, se algo acontecer com ele, o que eu vou fazer?

Então, ela pensou um pouco e viu o horário marcado no relógio. Ela se lembrou da história que as pessoas contavam sobre não entrar na floresta à meia-noite, mas ignorou isso, dizendo pra si mesma: “É só uma lenda boba e a floresta não é tão longe.”

Ela colocou um casaco, pegou uma lanterna e saiu escondida em direção à floresta.

A princípio, tudo parecia normal. Era uma noite gelada e estava muito escuro. Lucy foi seguindo a mesma rota que fez de manhã, mas, se não fosse pela luz da lanterna, seria impossível andar ali sem se perder.

Conforme ia andando, a garota começou a perceber uns barulhos estranhos ao seu redor, pareciam sons de galhos se contorcendo. Depois de andar muito, ela reconheceu uma árvore, apontou a lanterna para o chão e viu o livro jogado em um canto.

— Finalmente! — gritou ao encontrar o livro.

Lucy guardou o livro na bolsa e virou de costas, em direção ao caminho de volta. Então, sentiu algo agarrar sua perna. Apontou a lanterna para baixo e viu uma raiz de árvore puxando seu pé. Ela começou a tentar correr, mas mais raízes puxaram e ela caiu. Ela estava sendo arrastada pelas raízes das árvores da floresta!

— Ahhhhhh!!

No meio do desespero, ela tentou desprender a perna, mas as raízes eram muito fortes. Então, ela pegou a lanterna caída e deu uma pancada na árvore. A perna foi solta e Lucy aproveitou o momento para sair correndo. Enquanto corria o mais rápido possível, as árvores tentavam agarrá-la, mas ela continuou correndo sem olhar para trás. Quando ela quase foi pega pela árvore que estava a menos de um metro de distância, deu um salto e estava fora da floresta.

Após aquela noite, Lucy nunca mais entrou na floresta durante o período de 00:00h à 01:00h. Hoje, mais aliviada, ela ainda se lembra do ocorrido de vez em quando. Mesmo depois de vários anos, a garota ainda se pergunta se aquilo realmente aconteceu ou foi um sonho.

Eduardo Ribeiro Vergottini

Um mundo simplesmente fantástico

Na cidade de Hidenview, tinha um grupo de colegas da escola Jersey. Esse grupo que se achava muito sofisticado. Ele era composto por George, Clarkson, Jenna e Samanta. Eles eram um simples grupo da escola e faziam parte da turma do 6ºB. Mas, mesmo assim, não se importavam com quem iriam fazer brincadeiras de mal gosto. Se achavam superiores, mesmo a escola deles tendo turmas até o 3º ano do ensino médio.

Um dia, eles se desentenderam, brigaram entre si. George, que era o líder do grupo, falou que não aguentava mais a Jenna falando que não achava aquilo que eles faziam certo. Ela falou que se ele não parasse de falar aquelas bobagens, ela iria sair do grupo.

No dia seguinte, Jenna falou que não iria mais participar do grupo e que iria falar com a diretora da escola se eles não parassem. Com essa atitude, ela achou que eles iriam parar, mas isso não foi o suficiente. Daí em diante eles só ficaram pior, humilhando ainda mais quem viam pela frente.

Até que, em um dia desses, o grupo de George decidiu falar mal de Jenna na frente da escola toda. Ela ficou muito envergonhada e fugiu da escola, indo se esconder em uma mata pequena por perto.

As pessoas perceberam que ela tinha sumido, e então ligaram para a família perguntando se a garota tinha ido à sua casa ou à casa de algum familiar, e não, ela não estava lá. Deduziram que ela tinha sumido e estava desaparecida.

Três meses depois, acharam um buraco, parecido com o de um esgoto. Em outro dia, lembraram de que uma garota tinha sumido perto deste local. Então, acionaram as autoridades para investigar.

Eles fizeram uma investigação de mais ou menos dois meses, até que decidiram que iriam entrar no local. Mesmo sendo um lugar não explorado por ninguém, eles pensaram que nada poderia dar nada. Até entrarem realmente lá.

Quando os policiais entraram no local, simplesmente sumiram de vista para todos que estavam do lado de fora olhando a operação. Mas, para os quatro homens que entraram lá dentro, parecia um buraco comum.

Os quatro homens caminharam mais um pouco e descobriram que estavam em um outro mundo, um mundo incrível, inimaginável pela população, um mundo fantástico.

Lá, havia criaturas nunca vistas por olhos humanos. Era tudo gigantesco, colossal, criaturas que passavam de 50 metros de altura. Casas iguais ao mundo normal, só com uma pequena diferença: as casas eram dez vezes maiores. As criaturas de lá viviam em paz, se alimentavam de frutas e água. Era um mundo sem conflito, onde, até então, nada poderia dar errado. Tudo era perfeitamente calculado.

Os policiais entraram no buraco com armas de fogo, mas só para a proteção deles, sem o objetivo de atacar nada e nem ninguém. Com o barulho das armas atirando, fez com que eles chamassem outras criaturas ao local e tiveram que correr de lá, mas não conseguiram, pois os monstros tinham 50 metros de altura e corriam cem vezes mais rápido. Com isso, nenhum deles saiu vivo de lá. Depois de dias, declararam o local um perigo extremo, pois cinco pessoas que entraram lá não saíram, o grupo de George também ficou sabendo do acontecido.

Como eles eram “os sofisticados”, não ligavam para consequência nenhuma, não tinham medo de nada. Então, decidiram que iriam entrar nesse buraco para mostrar que essa história não passava de uma farsa, e de que era impossível cinco pessoas sumirem por conta de um buraco.

Quando entraram, viram a mesma coisa que policiais. Só tinha uma diferença: viram a Jenna em cima de uma criatura, brincando com ela como se fosse um pequeno cachorro. George, Clarkson e Samanta gritaram o nome dela muitas vezes, até ela olhar. Quando ela olhou, sua primeira reação foi mandar os monstros irem atacar eles. Eles perceberam e pediram para que ela não fizesse isso. Então, ela até mandou as criaturas pararem. Não porque ela não queria mandar as criaturas atacarem eles, mas sim porque queria conversar.

Eles tiveram uma conversa longa sobre o que o George e o seu grupo faziam. Com todos os acontecimentos dos últimos meses, eles chegaram a um consenso de que iriam parar com isso, até porque, se não parassem com o que estavam fazendo, eles seriam realmente atacados pelas criaturas de Jenna.

Jenna se sentiu convencida e todos subiram à superfície. Eles se abraçaram e ficaram muitos felizes com a volta do grupo, agora realmente um grupo do bem. Quanto a Hidenview, foi criada uma lei de que nenhum habitante poderia, em hipótese alguma, descer novamente naquele buraco.

Enya Marya Guimarães

A plebeia e o rei

Hana era uma plebeia que vivia na aldeia de Eldara. Ela estava indo à floresta caminhar, como de costume, até que ela foi parada por um homem. O nome dele era Aizen.

— Pare de se encontrar com o Ryuchi — disse Aizen

— Por que eu deveria fazer isso? — respondeu Hana

— Porque ele é um rei e você é uma plebeia!

Voltando um pouco no tempo, vamos conhecer como Hana e Ryuichi se conheceram.

Hana estava andando pela floresta como de costume, até que ela avista um garoto machucado. Então, ela corre até sua casa para pegar curativos, já que ela não consegue carregá-lo até lá. Após isso, a garota o leva de volta até a sua casa, já que o mesmo já consegue andar com a ajuda dela. O garoto ficou impressionado com a gentileza da garota, pois ela nem mesmo o conhecia e mesmo assim o ajudou. O nome do garoto era Ryuchi.

Voltamos agora ao presente.

Após a conversa com Aizen, Hana continuou seu caminho até a floresta. Até que, a poucos metros daquele lugar, a garota vê Ryuchi falando coisas para um dragão vermelho.

— Eu disse para não queimar as árvores Masaki! — disse o garoto, irritado com o dragão.

Hana fica em choque e, sem querer, acaba pisando em um galho, fazendo um barulho.

— Quem está aí? — disse Ryuchi.

A garota sai correndo, até que ela tropeça e acaba caindo. Ryuchi pula de seu dragão, caindo em pé na frente de Hana.

— Hana? — o garoto fala e continua — eu tenho que te explicar uma coisa. Eu sou um rei, o rei dos dragões

A reação da garota não era a que o garoto esperava. Ele esperava que a garota ficasse espantada, mas, pelo contrário, ela estava com uma expressão normal. Ryuchi se aproximou de Hana e colocou a mão dela no focinho do dragão vermelho para ela acariciá-lo. Logo, a garota falou:

— E eu sou uma plebeia, não deveríamos nos encontrar.

Então, a garota saiu correndo para sua casa.

Uma semana após o ocorrido, estava participando de um baile em seu castelo, no qual ele era obrigado a participar. Enquanto isso, Hana estava em sua casa. Até que, ela escuta alguém bater em sua porta. Ela abre e vê um híbrido de dragão (um garoto que tem asas de dragão e consegue se transformar num dragão) e, logo em seguida, ela percebe que aquele garoto era o dragão de uma semana atrás.

— Masaki, aquele dragão vermelho — a garota fala.

— E você é a Hana, vejo que se lembra de mim.

— Suas asas!

Hana puxa o garoto para dentro de sua casa.

— Estou acostumado a andar com minhas asas assim. Andou pensando sobre o Ryuchi ser rei?

— Que falta de educação a minha nem te ofereci uma xícara de chá, você aceita? — ela perguntou.

— Eu aceito, mas não mude de assunto

— Ele vai ter que se casar com uma princesa e eu não quero sofrer por causa disso.

— Mas ele não quer uma princesa, ele quer você. Eu vim até aqui para te levar até ele. Vamos?

A garota concorda, e eles vão até a floresta. Masaki se afasta de Hana e um brilho surge do garoto, transformando-o em dragão. Ele tenta ficar próximo do chão e ela sobe nele e ele levanta voo. Eles chegam à ilha dos dragões e Masaki pousa. Eles vão a uma casa e lá encontram Yosuke e Haru.

— Então, essa é a garota que Ryuchi tanto fala? — os dois perguntam e Masaki concorda

— Venha, vista esse vestido. Foi o que ele me mandou fazer — Yosuke fala para Hana e ela obedece.

— Hana, agora o Haru vai te levar até o castelo enquanto eu falo com os guardas e autorizo a sua entrada.

Hana entra no castelo. Chegando lá, duas princesas estavam fazendo uma reverência para Ryuchi. A garota então se aproxima para fazer a mesma coisa, mas Ryuchi a impede e anuncia que vai se casar com Hana.

Gabriela Araujo Barbosa

Grande reino mágico

Era uma vez em um reino muito distante, onde existiam fadas, trolls, faunos, sereias, minotauros e centauros, que viviam em harmonia perfeita com os humanos de lá. Os líderes do grande reino eram bondosos e de coração puro e nobre. Por isso, todos nós do reino éramos felizes e alegres, e estávamos ainda mais, depois da grande notícia de que o rei e a rainha aguardavam uma linda bebezinha, uma menininha linda.

Com a chegada da menina, o rei mandou que organizassem uma grande festa com todos os seres do reino, que fosse de um humano até os seres mais mitológicos de seu reino.

— Façam uma grande festa para a chegada de minha filha. E convidem todos os seres que respiram para a grande festa que está por vir! — ordenou o rei.

Assim foi dito e feito. Todos os seres do reino vieram ver a filha do rei e da rainha. Uma grande festa com comida, bebidas e música foi feita. Tudo estava indo muito bem e todos estavam muito felizes com a chegada da pequena menininha.

Então, o rei disse:

— É com muita felicidade em meu coração que faço essa festa para dar as boas-vindas à minha filha, que batizamos de Catarina, ao mundo! Desde já, agrad...

O Rei foi interrompido com o barulho da porta se abrindo. A Bruxa Gotel apareceu no grande salão.

— Ora, ora, ora... Haha! O que temos aqui? Estou muito triste que não me convidaram para a festa, afinal, todos eram bem-vindos, não é mesmo? — disse a bruxa, em tom de ironia.

Você não é bem-vinda aqui, Gotel! Vá embora!

— Não, não! Não até dar o meu presente à pequena Catarina! Quando ela fizer seu 16° aniversário, irá furar seu dedo em uma roca e cairá em um sono profundo, só acordando com um beijo de amor verdadeiro.

— Não, Gotel! Por favor, não faça isso! Eu imploro! — gritou o rei.

— Eu já fiz!

E, quando viram, a bruxa tinha desaparecido como uma fumaça. Com medo e insegurança, o rei mandou construir uma grande torre, onde sua filha ficaria até seu 16° aniversário.

Quem cuidou da Catarina foram as fadas e os animais da floresta. Os anos foram passando e passando, até a Catarina completar os seus 15 anos.

Perto do aniversário de 16 anos da menina, as fadas madrinhas saíram para fazer compras. Sozinha, Catarina pegou um livro que estava lendo e se sentou em sua cama, até que ouviu um barulho vindo do lado de fora da torre. Quando ela olhou, viu que era alguém subindo a torre! Não eram as fadas madrinhas, elas iriam subir voando até aqui lá em cima, elas sempre vinham.

A menina correu até a cozinha e pegou uma frigideira. Quando a pessoa entrou na torre, sem pensar duas vezes, ela acertou a cabeça dele com a frigideira. O corpo ficou no chão, desacordado. Catarina pegou uma cadeira e o amarrou, até ver ele começar a acordar novamente.

— Quem é você , e como me encontrou aqui? — perguntou a menina.

— Olá. Primeiramente, eu não sei quem você é. Só vim para cá porque precisava me esconder de uns caras, sabe como é, né? — respondeu o homem desconhecido.

— Qual é seu nome?

— Bom, meu nome é Petróquio. E o seu?

— Você não precisa saber!

Por fim, a menina acabou se apresentando. E disse que só soltaria ele caso ele a levasse para o reino. Assim, eles foram no mesmo dia, porque logo as fadas madrinhas estariam de volta à torre. Catarina estava amando o lado de fora da torre, ela nunca havia saído da torre. Assim, foi até o reino. Quando eles chegaram lá, já era o 16º aniversário dela. Ela estava muito feliz, mas o rei não! Ele descobriu que ela sumiu da torre por um vacilo de seus guardas.

— Agora, quero todos os guardas atrás dela! Agora! — ordenou o rei.

Catarina foi até o castelo para tentar falar com seu pai. Ela foi e foi seguindo a energia que a puxava. Até que, ela viu uma roca, uma roca de tear com a ponta bem afiada, e, lentamente, até colocou o dedo lá e o espetou.

Catarina entrou em um sono profundo, um verdadeiro sono profundo no qual ela ficou por algumas horas. Petróquio a viu caída ali, desacordada. Assim, ele chegou perto dela e deu um beijo, um beijo de amor verdadeiro. Catarina acordou.

Anos e anos se passaram. O rei ficou feliz pelo final daquela injusta maldição. Petróquio pediu a mão de Catarina em casamento e os dois viveram felizes, tendo sido sempre lembrados naquele reino como o “casal do amor verdadeiro”.

Helena Pezzin Bonelli

Um poder para Caio

Era uma vez um menino chamado Caio, que vivia em um reino de pessoas invisíveis. Porém, ele nasceu sem essa característica. Nesse reino, as pessoas usavam armaduras para conseguirem ver, mas Caio era especial.

Um dia, Caio encontrou no jardim Tiki, a fada mágica, que estava a falar com alguns animais sobre a forma de combater os maus do mundo. Caio, entusiasmado, aproximou-se dela e perguntou-lhe se ela sabia como ele podia ganhar superpoderes. Ela, surpreendida, disse que não. Desiludido, Caio continuou a caminhar e passou em frente a uma casa mal assombrada.

De repente, viu alguém com orelhas de coelho passando em frente à janela. Curioso, decidiu entrar. Lá dentro, encontrou um monte de livros sobre encantamentos e poderes. Entusiasmado com sua descoberta, lembrou-se de que tinha visto as orelhas de coelho misteriosas. Então, decidiu subir as escadas para ir à procura dessa pessoa e, imediatamente, o viu resmungando com o Rei Davi.

Os dois olharam para Caio e perguntaram como é que ele não era invisível. Ele disse que também não sabia e pediu-lhe ajuda para conseguir o desejado superpoder. Então, o coelho resmungou com ele, gritando que, se ele soubesse, resolveria os seus problemas e que se recusava a procurar nos livros que tinha encontrado, porque já os tinha lido todos e não tinha encontrado lá nada sobre isso.

Mais uma vez desanimado, Caio voltou ao jardim Tiki e contou o que se tinha passado à fada mágica. Então com pena dele, ela disse que conhecia uma princesa que poderia ajudar. Mas, avisou que não seria tarefa fácil, porque ela era bastante preguiçosa.

Ele, feliz, perguntou onde poderia encontrar a casa da tal princesa e a fada respondeu-lhe que ela vivia em uma casa na árvore, que, na verdade, era uma cápsula do tempo, mas que ela não sabia onde ficava.

Então, Caio partiu à procura da tal casa. Como não tinha ideia nenhuma sobre onde encontrar, foi obrigada a perguntar aos habitantes do reino se eles sabiam onde ficava. Após várias respostas negativas, uma tal de Flora disse que sabia.

Cansado, Caio perguntou se ela podia levá-lo até lá. Flora era um gato que vivia escondido no reino e que, por acaso, sabia falar a língua dos humanos. O gato levou o Caio até a casa e viu a princesa com os seus pijamas, a dormir uma soneca.

Caio tossiu para acordar ela e, assim que ela abriu os olhos, perguntou-lhe se ela poderia dar algum superpoder ao Caio. Indignada por terem perturbado o seu sono, ela nem respondeu foi até a janela. Deu a Caio os mesmos poderes que tinha dado para Flora.

Agora, Caio tinha os poderes de um gato. Os dois juntaram-se à fada mágica e, atualmente, usam seus poderes para salvar o mundo das ações mal dos humanos.

João Marcos de Paula Santos

O Portal das quatro luas

Em uma noite de luar prateado, um estranho portal apareceu no meio da floresta encantada. Quatro luas gigantes pairavam no céu, lançando sombras mágicas sobre as árvores centenárias.

Aventureiros corajosos de todos os reinos chegaram, atraídos pelo mistério que o portal guardava. A primeira lua, de esmeralda, concedia poderes de cura. A segunda, de rubi, dotava os viajantes de habilidades mágicas. A terceira, de safira, revelava segredos ocultos do universo. E a última, de diamante, oferecia riquezas inimagináveis.

Cada viajante escolheu uma lua para adentrar, determinado a conquistar seus dons. O portal os levou a mundos deslumbrantes e perigosos. Aqueles que sobreviveram, enfrentaram desafios incríveis, como criaturas mágicas, e superaram armadilhas mortais.

Ao final de suas jornadas, os aventureiros retornaram ao portal, agora transformados por suas escolhas. Eles aprenderam que o verdadeiro tesouro estava na jornada, na amizade e na sabedoria adquirida.

O portal desapareceu naquela mesma noite, mas as histórias daquela aventura lendária viveriam para sempre nos corações daqueles que ousaram cruzar o Portal das Quatro Luas.

Livia Gonçalves Barbieri

A busca pelo Olho do Dragão

Era uma manhã tranquila na pequena vila de Eldoria, que ficava entre montanhas misteriosas. Os habitantes, em sua maioria agricultores e artesãos, viviam uma vida simples. No entanto, havia uma lenda que se espalhava pela aldeia, uma história que passava de geração em geração: o Olho do Dragão.

A lenda dizia que o Olho do Dragão era uma joia mágica que possuía o poder de realizar um desejo a quem a encontrasse. Há séculos, a joia havia desaparecido nas profundezas da Floresta das Sombras, um lugar cheio de perigos e mistérios. Muitos haviam tentado encontrá-la, mas todos haviam falhado.

O jovem explorador, Eirik, sempre foi fascinado por histórias de aventuras e sonhava em desbravar o mundo. Um dia, ao ouvir a lenda do Olho do Dragão, ele soube que seu destino estava decidido. Decidiu partir em busca da joia mágica que poderia realizar qualquer desejo.

Eirik partiu antes do amanhecer, deixando para trás sua aldeia adormecida. Armado com uma espada, uma bússola e uma coragem imensa, adentrou a Floresta das Sombras. As árvores pareciam sussurrar segredos, e os raios de sol mal conseguiam penetrar na densa vegetação. A cada passo, Eirik sentia a presença de algo antigo e poderoso.

No meio de sua jornada, Eirik encontrou uma misteriosa mulher chamada Selene, que vivia isolada na floresta. Ela revelou ser uma guardiã da joia e alertou-o sobre os perigos que a aguardavam. Com sua orientação, Eirik enfrentou criaturas mágicas, quebra-cabeças complexos e armadilhas mortais.

Finalmente, após semanas de busca incansável, Eirik e Selene encontraram o Olho do Dragão em uma câmara secreta no coração da floresta. A joia brilhava com uma luz intensa, emanando um poder indescritível. Eirik fez seu desejo silenciosamente, e a joia respondeu, concedendo-lhe a realização de seu desejo mais profundo: a segurança e a riqueza de sua amada aldeia, Eldoria.

Com o Olho do Dragão em mãos, Eirik e Selene retornaram à aldeia, onde a notícia de sua conquista se espalhou rapidamente. A aldeia floresceu, e a lenda do jovem explorador que havia encontrado o Olho do Dragão passou a ser contada por gerações.

Eirik nunca mais partiu em busca de aventuras distantes, pois já tinha encontrado a maior de todas: a capacidade de proteger e cuidar daqueles que amava.

A lenda do Olho do Dragão ensinou a todos que, às vezes, a verdadeira aventura está em ajudar os outros e proteger o que é mais precioso. Assim, Eldoria continuou a cantar, lembrando a todos que os verdadeiros tesouros podem ser encontrados no coração e na coragem daqueles que querem sonhar.

Luiza Moraes Carletti

Sonho de fada

Em um dia de inverno, uma menina dormia em sua casa. Ela se chamava Helen. Sonhava com um vilarejo, que havia fadas, cogumelos... As coisas eram mais coloridas, mais vivas. Nesse lugar de sonho ,havia uma fada chamada Mia, com cabelos cor-de-rosa e um lindo vestido. Ela brincava e resolvia problemas, mas não sozinha, estava junto de seus amigos elfos e fadas.

Helen sempre quis conhecer uma fada. E seu objetivo era de, um dia, conhecer uma. Mas, sabia que as fadas não gostam de frio. Então, como estava no inverno, ela decidiu que faria uma busca pelas fadas, mas teria que viajar pelo mundo em busca delas.

Ela fugiu de casa e começou a sua busca. Mas não tinha ideia de onde ir. Até que, decidiu que ia pedir ajuda à sua amiga, Laura, que topou na hora! Ela tinha várias idéias de onde ir. E sua primeira sugestão foi Centopia, reino onde certo mito dizia que lá existiam fadas. Helen aceitou, e lá foram as duas meninas.

No caminho, nadaram até chegar a um chalé, que ficaram por um dia. Helen e Laura continuaram seu caminho e encontraram um abismo. Para passar por ele, tinha uma ponte enorme de madeira. Helen viu um rastro brilhante, que passava do outro lado do abismo. Elas atravessaram.

Elas começaram a seguir o rastro e andaram muito, até que, entraram dentro de uma floresta! Ela era escura e havia muita névoa. Os sons eram sinistros! Elas ficaram com muito medo, quase desistiram. Mas, tomaram coragem e atravessaram a floresta juntas.

Chegando em uma floresta muito colorida, que não era fria e tinha muitos cogumelos e vários rastros brilhantes. As duas chegaram mais perto e viram mini criaturas voando. Sim, ela havia encontrado as tão sonhadas fadas!

Para falar com elas, seria difícil. Então, passaram uns dias pela região e tomaram a confiança delas. Laura não podia ficar mais, pois teria um compromisso no dia seguinte. Assim, Helen continuou lá. E encontrou sua “personagem” favorita, a fada que aparecia em seus sonhos: Mia.

Helen já veio conversar com ela e elas viraram grandes amigas. Assim, Mia contou todas as coisas legais que as fadas podiam fazer e as ensinaram à Helen. Tudo estava andando muito bem. A vida de uma fada era muito boa. Helen passou mais alguns dias lá e precisou ir embora, afinal, tinha uma família e sua vida a esperando. Então, Mia deu um colar a Helen, que a fazia se transformar em fada, quando quisesse, dando o poder de teletransporte. E adicionou um pingente de fada para que se lembre dela.

Chegou a hora de partir. Voltou para casa. Mas já seguiu em frente para mais aventuras. Foi a vários lugares que sonhava em conhecer. Pelo caminho, encontrou comunidades de elfos e fadas diferentes. Estava tudo muito legal, ser fada era uma coisa mágica! Até que, ela escuta um barulho.

Era o barulho de seu despertador. Assim, percebe que tudo que aconteceu foi um sonho. Levanta-se de sua cama, vai até o banheiro e nota uma coisa: o colar de Mia estava em seu pescoço.

Manuela Alvarenga Almeida

Aquele livro

Um dia, eu estava passeando pela cidade de Nova York (para onde eu e minha família nos mudamos) e achei uma biblioteca. Eu amo bibliotecas, ler e tudo parecido. Então, eu entrei.

Comecei a mexer nos livros e um deles chamou minha atenção. Seu nome era “Mundo Fantástico”. Peguei o livro e, assim que abri, tive uma grande surpresa. O livro tinha todos os personagens que eu conhecia, como o gato de botas, Mickey, princesas, e mais um monte que eu nem fazia ideia.

Comecei a ler o livro e ia ficando tarde. Mas, eu nem percebia, porque estava completamente focada no livro. Quando cheguei na última página, senti uma textura diferente, comecei a ficar zozza e apaguei.

Acordei em uma vila, mas ela estava vazia. Comecei a ouvir gritos da floresta e fui dar uma olhada. Quando cheguei, vi todos os personagens do livro brigando. Eu não sabia o que fazer, então pensei: “minha missão é acabar com essa briga para essa história terminar com um final feliz.”

Consegui achar o motivo da briga. Era uma competição amistosa em que um dos times trapaceou. Chamei a atenção de todos os personagens. Quando me viram, estranharam uma humana no livro. Me perguntaram como tinha chegado até ali.

Sem me preocupar com isso, comecei a tentar fazer um lado se desculpar com o outro. O gato de botas e seu grupo aceitou o pedido de desculpas e convidou todos para um evento na Praça da Vila. Todos aceitaram menos eu, porque acabei lembrando que tinha uma casa para voltar.

Não sabia direito como voltaria, mas, do nada, comecei a ficar zozza de novo. Acordei na biblioteca e, ufa, voltei para casa. Quando cheguei, já era de manhã, e minha mãe brigou muito por eu ter sumido chegado aquela hora. Como cheguei “tarde”, consegui não ir para a escola, “uhuuul”.

Agora, todo dia depois da escola, eu vou ao mundo fantástico e brinco o dia todo. Mas, agora tenho cuidado para não perder o horário. Um final feliz para todos.

Maria Fernanda Rabello de Aguiar

O mundo mágico

Estava lendo um livro muito interessante, sentada na minha poltrona muito macia e confortável com o Sol batendo na parede. Estava um clima ótimo para ler, porém minha irmã mais nova não me deixava em paz. Sempre é a mesma história:

— Ai, maninha, você nunca brinca comigo, nunca está nem aí pra mim.

— Oh, Catarina, para de show! Me deixe em paz!

— Oh, mãe! A Laura não quer brincar comigo!

— Laura, vá brincar com a sua irmã! — minha mãe, como sempre, defende a santa da minha irmã, e eu sempre sou a culpada de tudo.

— Mas, mãe, eu quero ler. A Catarina pode brincar sozinha.

— Não, você vai brincar com a sua irmã. Agora!

Às vezes acho que a minha mãe realmente não gosta de mim, mas enfim, lá fui eu brincar com a chata da minha irmã.



— Meninas, vamos almoçar! — minha mãe nos chama.

— Já estou indo, mãe! — eu falo.

Quando chego na mesa, percebo que minha irmã não vem atrás de mim. Então, volto até o quarto dela, mas ela também não está lá.

— Catarina! Catarina! — chamo, chamo, mas ela não me responde.

Então, percebo que a porta do armário está entreaberta, sendo que estava fechada antes. Abro a porta, mas é óbvio que não teria nada lá dentro, a não ser, talvez, Catarina tentando dar um susto em mim. Mas, na verdade, encontro um MUNDO MÁGICO, bem no meu armário!

Começo a surtar. Como tem um MUNDO MÁGICO dentro do meu armário? Isso é cientificamente, fisicamente e quimicamente impossível.

Então começo a raciocinar: se minha irmã sumiu e a porta estava entreaberta, isso quer dizer que ou a minha irmã ou alguém (desconhecido, é claro) levou a minha mana pra esse mundo.

Resolvo entrar nesse mundo para encontrá-la. Entrando nesse lugar, primeiro percebo que as árvores se movem, sendo que não tem vento, ou seja, sozinhas.

Depois, percebo que elas também têm olhos, nariz e boca. Bom, se têm boca, devem falar. Vou até uma mais próxima. Ela parece ser uma das mais antigas, com quase nenhum galho ou folha.

— Boa tarde, senhora árvore. Você poderia me dizer se viu uma menininha com maria-chiquinha carregando um coelho de pelúcia?

— Boa tarde. Se eu vi uma menininha com maria-chiquinha carregando um coelho de pelúcia? Não, não vi. Mas deve ser porque eu sempre estou dormindo. Pergunte para aquela árvore, logo após aquelas pedras.

— Muito obrigada pela sua ajuda.

Essa árvore é bem mais jovem, me arrisco a dizer que é uma das mais jovens que consigo olhar.

— Boa tarde, senhora árvore. Você poderia me dizer se viu uma menininha com maria-chiquinha carregando um coelho de pelúcia?

— Ah, sim. Vi ela passando para o Vale das Fadas. É bem por ali — ela apontou para um caminho com uma placa dizendo "Vale das Fadas".

— Muito obrigada!

Sigo um caminho cheio de árvores com flores, me sinto como se estivesse na primavera. Chego até uma linda construção, com várias casinhas pequenas. Vendo muitas fadinhas, olho para o centro e vejo uma menininha brincando com elas. Se divertindo como nunca.

— Catarina! Que bom te encontrar. Estava ficando preocupada — nem acredito que disse isso.

— Você é muito preocupada!

— Vem. Vamos pra casa

— Não quero ir para casa, quero ficar aqui e brincar!

— Vamos fazer o seguinte, vamos almoçar, depois você volta aqui brinca, eu não conto nada para mamãe (porque ela não vai te deixar ficar aqui) e você me deixa em paz. Combinado?



Depois do almoço, sento na minha poltrona novamente, e, dessa vez, consigo ler meu livro. É nessas horas que você percebe que é bom ter um mundo mágico no seu armário, para que sua irmã não fique te perturbando, e também se divirta. E eu até consegui acabar o livro.

Maria Flor Sessa Pedruzzi Nascimento

O barco do pirata Jack

Era uma vez um destemido pirata chamado Jack, conhecido por sua coragem e habilidade nos sete mares. Um dia, durante uma de suas expedições, Jack encontrou uma ilha misteriosa, repleta de tesouros escondidos e lendas antigas. Enquanto explorava a ilha, ele descobriu um coco brilhante e mágico, que emanava uma aura de mistério e poder.

Curioso, Jack não resistiu à tentação e decidiu dar uma mordida no coco. Para sua surpresa, assim que o fez, ele se transformou instantaneamente em um majestoso barco pirata. Com um casco de madeira resistente e velas que pareciam asas, Jack se tornou o próprio navio, uma fusão entre homem e embarcação.

No início, Jack ficou encantado com sua nova forma. Ele navegava pelos mares com velocidade e agilidade, atraindo a admiração de outros piratas e marinheiros. Seu nome ecoava pelos sete mares como uma lenda viva. No entanto, à medida que o tempo passava, Jack começou a perceber as limitações de sua nova existência.

Ele não podia mais sentir a brisa do mar em seu rosto ou ouvir as gargalhadas de seus companheiros piratas. Ele ansiava pela liberdade de ser um simples humano novamente, de poder caminhar em terra firme e sentir a areia entre os dedos dos pés. O mundo dos piratas, que antes era sinônimo de aventura e liberdade, agora parecia uma prisão para Jack.

No futuro, outro pirata chamado William chegou à ilha e ouviu falar do barco pirata mágico que vagava pelos mares. Intrigado, ele decidiu embarcar em uma missão para encontrar esse lendário navio. Determinado a ajudar Jack, William começou a pesquisar sobre as propriedades místicas do coco e a procurar por pistas que o levassem ao barco pirata.

Após muitos estudos e experimentos, William descobriu uma fórmula secreta que poderia reverter a transformação de Jack. Ele encontrou Jack ancorado em uma enseada isolada e, com coragem, aplicou o elixir mágico no casco do barco. Lentamente, Jack começou a sentir seu corpo voltando ao normal. O casco de madeira se transformou em carne e ossos, e Jack voltou a ser o destemido pirata que sempre fora.

Emocionado e profundamente grato, Jack abraçou William com gratidão e os dois se tornaram grandes amigos. Juntos, eles partiram em novas aventuras pelos mares, enfrentando perigos e descobrindo tesouros. Jack nunca mais esqueceu o poder mágico do coco, mas aprendeu que a verdadeira liberdade está em ser quem somos, não importa a forma que assumamos.

E assim, o pirata Jack e seu amigo William navegaram pelos oceanos, compartilhando histórias e experiências. Eles enfrentaram tempestades furiosas e desafiaram inimigos implacáveis, sempre lembrando da incrível história do coco mágico que os uniu para sempre. E, à medida que suas aventuras se desdobravam, Jack percebeu que a verdadeira riqueza estava nas amizades que ele cultivava ao longo do caminho.

O conto, repleto de magia e transformação, nos ensina que não devemos nos prender às amarras do passado, mas sim abraçar a mudança e buscar a verdadeira liberdade interior. Pois, no final das contas, é o valor das amizades e as experiências compartilhadas que nos tornam verdadeiramente ricos.

Miguel Depiante Magalhães Ferreira

O velho misterioso

Em um belo verão, dois colegas foram viajar para uma casa de praia no Rio de Janeiro. A praia era uma das mais bonitas do Brasil. Eles chegaram lá e o primeiro dia foi muito bom. Eles comeram, brincaram, soltaram pipa e etc.

Então, de noite, ainda estavam brincando quando um dos amigos que se chamava Heitor sumiu. Então, seu outro amigo chamado João foi atrás dele. Porém, quando ele acha Heitor, Heitor diz que viu um velho barbudo correndo em direção a ele, então desmaiou. Ele diz também que o cordão que o velho tinha era estranho.

Os meninos foram dormir. No mesmo dia, bem mais tarde, João foi à cozinha beber água. Lá, ele vê um velho alto pela janela, mas ignora, achando que é coisa de sua cabeça.

No outro dia, novamente aconteceu de Heitor sumir e voltar dizendo sobre o velho. Porém, dessa vez, eles foram atrás do velho. O colar que Heitor usava tinha sumido.

Então, eles andam por aquela praia escura sozinhos até que eles viram uma mulher apreciando a paisagem. Eles perguntaram se ela conhecia ou tinha visto o tal velho. Ela diz:

— Na minha época, há uns 28 anos, esse velho era conhecido por aqui. Ele pegava as crianças que passavam por ele. A gente não sabia o porquê, mas, um dia, uma menina que fazia *bullying* com outras crianças sumiu e nunca mais apareceu.

Então, com essa informação, os meninos voltaram para a casa. Eles voltaram a brincar e no outro um dia foram embora.

10 anos mais tarde e os dois amigos voltaram ao Rio. Eles estavam com muita vontade de descobrir o que tinha acontecido. Eles acharam um outro velho pela mesma região e perguntaram se ele sabia dessa história. Então, o velho diz uma lenda.

O velho conta que esse cara que pegava as crianças ele na verdade era um Boto. O Boto pegava todas as crianças que estavam com o coração ruim.

Chocados, eles foram atrás desse Boto que se transformava em gente. Eles conseguiram ver o Boto e tentaram filmar, mas ele não aparecia nas câmeras de filmagem. Ele estava invisível para os celulares. Então, eles foram conversar com o Boto.

O Boto diz:

— Não faço mal para crianças e jovens de bom coração. Eu só queria mais paz no mundo e, principalmente, nas escolas.

Os amigos ficaram reflexivos e desejaram ter descoberto essa informação na época que Heitor tinha sumido da primeira vez. Talvez tenha sido por isso que o Boto tinha cercado eles naquele verão. Agora, era tarde demais. Mas, com certeza iriam guardar esse segredo e essa história para o resto da vida. E, claro, ensinar os filhos sobre isso.

Milena Alvarenga Almeida

Castelo realmente encantado

Era uma vez duas irmãs que amavam muito as princesas. Elas tinham 7 anos de idade e estavam viajando na Disney com seus pais e sua família.

Enquanto estavam no castelo da Cinderela, o principal do parque, elas viram uma porta que parecia mágica e resolveram entrar.

Assim que entraram, perceberam que não estavam mais na Disney, e sim em um reino diferente, com reis, rainhas, príncipes e princesas, aqueles mesmo que nós encontramos nos filmes da Disney.

Elas ficaram tão felizes ao atravessar esse portal mágico que foram direto falar com suas princesas favoritas. Encontraram a Cinderela e os sete anões, a Bela, a Aurora, a Ariel, a Branca de Neve e muitas outras princesas.

Elas brincaram e conversaram muito com todas elas. Era um sonho se tornando realidade! No final da tarde, a Cinderela deu uma coroa para cada uma, falando que, a partir daquele momento, as duas também eram princesas do reino encantado. Elas não acreditaram no que estava acontecendo!

Depois, já estava anoitecendo, por isso deveriam voltar para os pais, que já estavam preocupados pelo parque.

Assim que saíram do reino, elas viram seus pais e perguntaram se eles estavam preocupados, eles disseram que não, pois sabiam que lá na área de recreação dentro do castelo da Disney todos estão sempre seguros.

As meninas ficaram chocadas, pois achavam que realmente estavam em um reino encantado, e não em uma área de recreação! Elas ficaram meio decepcionadas, mas gostaram de ter brincado e virado princesas. E, pelo menos por algumas horas, a magia e a fantasia foram a realidade da vida delas.

Pedro Morati Zardo

RPAL: a batalha no mundo das letras

Era uma vez as letras em um castelo. As letras “A” e “B” estavam assistindo TV, até que “G”, o vilão, entrou no castelo sem que nenhuma outra letra percebesse.,

“G” atacou a letra “A” e a arremessou em direção de “B”, que ficou com raiva e lutou contra o vilão. No meio da batalha, “G” e “A” sumiram.

Enquanto isso, “C” estava no jardim cheirando flores, até que viu “G” e “A” brigando. “C” tentou parar a briga, mas “G” também o atacou e mais uma letra foi capturada com sucesso.

Na biblioteca, estavam “D” e “E”, lendo livros, “G” foi sorrateiro e ninguém viu ele até que “D” fala:

— Ué, o “E” sumiu.

“D” chora e conta para “F” o caso, F o interroga:

— Como ele sumiu?

“D” diz que não sabia e “F” liga por telefone para Sherlock Holmes, e diz:

— Oi, temos um caso de desa...

“G” interrompe “F” pegando o telefone de sua mão e desligando a ligação. Ele não queria que “F” contasse nada ao detetive.

Depois de conseguir capturar três letras, “G” faz uma festa, e não na sala de festa, e sim na caverna dele, na esquina do castelo.

“H” e “I” estavam na lagoa nadando com “J”, “K” e “L”. Até que, todos menos “L” foram embora. “G” pensou:

— Hahaha, uma outra letra para minha palavra — e captura “L”.

No dia seguinte, o castelo estava um caos: desaparecimentos, choros, muitas ligações das letras restantes na tentativa de encontrar os seus amigos. Até que “D” teve a ideia de chamar os nossos “heróis”, “M”, “N”, “O”, “P” e “Q”. Aproveitando que “D” tinha os heróis, porque não obter um mapa?

Devia ter em “Loja Lerda”, uma loja com várias coisas, mas, por incrível que pareça, não tinha um mapa. Até que, as letras fizeram um teste de clonagem de letras para formar palavras, e, BOOM!, temos um mapa. O dono da loja disse:

— Espera, temos gemas do poder gratuito, igual a que os “heróis” têm!

Todos ignoraram.

“S” e “T” estavam na padaria para comprar pão, até que ambos viram dois cartazes indicando gemas de poder gratuitas. Os dois dizem:

— Olha, a gema grátis! Vamos!

Ambos vão até o local indicado na esperança de encontrar a gema e se tornarem mais poderosos. Porém, ao chegar no local indicado, deram de cara com “G”. Era uma pegadinha!

“G” tinha uma arma de fogo e atira nos dois. Eles caíram no golpe. Todos ouviram o som de tiro. Várias batalhas acontecem e todos vão até o local. “G” pensa:

— Ufa, estou cansado. Estou aqui no meu lar.

“O” aproveita o momento de distração e age rapidamente:

— Tome do seu veneno!

“R”, o dono de uma lojinha, vem até “O” com a gema e o suga com todas as lembranças de criança.

O que vai acontecer com as letras? “G” será finalmente capturado? Esse foi o fim da Temporada 1.

Pietra Trajano Azevedo

O portal secreto

Era uma noite estrelada, e eu e meus amigos Anne e Lucas estávamos conversando no quintal da minha casa. Até que ouvimos um barulho na rua e fomos ver o que era.

Chegando no fim da rua, vimos algo parecido com um portal. Mas, quando tentávamos tocar, o portal desaparecia. Eu e meus amigos decidimos voltar para casa, pois já era tarde.

Na manhã seguinte, a gente se encontrou para debater sobre o portal secreto. Anne disse que, quando voltou para casa, ouviu barulhos na rua que pareciam ser de Lilly, nossa vizinha. Então eu e meus amigos fomos investigar isso.

Passamos na casa de Lilly e vimos um livro, que parecia ter sido esquecido no chão do quintal. Pegamos para ver sobre o que era e descobrimos que era um livro de magia. Dentro dele havia um código, que talvez pudesse servir de dica para abrir o portal.

Rapidamente, eu, Anne e Lucas fomos e testamos o código. Abrimos o portal e entramos. O mundo lá dentro era bem diferente. Havia monstros, fadas, sereias, dragões e vários seres mitológicos, aquele mundo era fantástico! Nunca tinha visto algo tão incrível em minha vida.

Nós fomos passear por aquela terra e fizemos amizade com as fadas, sereias e duendes. Nós descobrimos que nossa vizinha era uma fada daquele reino e por isso era tão fria e misteriosa.

O tempo foi passando, o dia foi escurecendo e Lucas falou para a gente voltar. Eu e minha amiga Anne concordamos com Lucas e voltamos por onde tínhamos entrado. Porém, descobrimos que o portal já havia fechado.

Tentamos vários códigos e nenhum deu certo. Nós só tínhamos mais uma tentativa para acertar e voltar para nossas casas, então, tentamos o código que utilizamos para entrar de trás para frente e, adivinha? Funcionou!

Eu e meus amigos nos despedimos de todos e voltamos para nossas casas. Como o dia tinha sido muito cansativo, nós fomos dormir. Quando acordamos, foi como se nada disso tivesse acontecido. Duvidamos de nós mesmos e pensamos que poderia ter sido um sonho. Então, decidimos apagar esse acontecimento da nossa cabeça e vivemos como se nada disso tivesse existido. Será?

Sara dos Santos Cunha

Fadas existem?

Era 14 de dezembro, e eu estava indo fazer uma viagem de férias com meus amigos para um chalé. Tínhamos marcado de nos encontrar bem cedo para irmos. Porém, me atrasei e eles acabaram indo sem mim. Como eu tinha o endereço, resolvi ir de carro sozinha pela estrada.

Após um tempo dirigindo, reparei que o ponteiro do tanque estava marcando na reserva de gasolina, ou seja, o carro poderia parar a qualquer momento. Então, parei o automóvel e fui à procura de um posto de gasolina.

Encontrei uma lanchonete e peguei informações com um senhor que estava no balcão. Ele aparentava ser bem velho, tinha uma barba grande e branca, uma voz grossa, era baixo, meio orelhudo, e possuía dedos finos e compridos. Ao lado, na mesa, havia um jovem me observando fixamente. Possuía pele bem clara, longos cabelos loiros, olhos verdes e largas e pontudas orelhas. Ambos vestiam roupas marrons e verdes, longas e com capas. Achei tudo bem estranho, mas ignorei.

Quando saí do lugar, ouvi uma voz suave dizendo coisas incompreensíveis. Comecei a seguir o som. Parecia algo involuntário; era como se algo estivesse me chamando. Fui para fora da estrada e comecei a entrar na floresta. À medida que eu ia andando, a voz parecia ficar mais alta. A floresta era densa, com árvores que entrelaçavam-se, formando um dossel opaco. Havia riachos cristalinos e cogumelos que eram tão grandes que poderiam ser um abrigo.

De repente, aquela voz parou. Olhei para os lados, mas não vi ninguém. Precisava sair de lá, já estava entardecendo e meus amigos já deviam estar preocupados com minha demora.

Ouvi gritos vindo de perto e caí no chão por causa do susto. Foi quando uma moça passou correndo pela margem do riacho. Parecia ter algo nas mãos e estar fugindo de algo. A mulher caiu na água e aquela coisa que a estava perseguindo levantou uma clava. Quando ia atacá-la, corri em sua direção. A criatura me jogou para o lado. O objeto que a moça estava carregando era um cajado e estava perto de mim. Peguei ele e bati naquele ser, que gritou ao ser arremessado e logo depois fugiu.

A moça se aproximou de mim e ficou me observando abismada. Ela tinha longos cabelos avermelhados, orelhas pontudas e olhos verdes muito claros. Possuía

asas transparentes, brilhantes e delicadas em suas costas, uma delas parecia estar quebrada. Estava usando um longo vestido branco. Era uma moça encantadora.

— Não acredito, é uma humana!

— Oi — eu falei, confusa.

— Como chegou aqui? Você não seria capaz de ver o portal e nem atravessá-lo.

— Me chamo Olívia — eu disse, devolvendo a ela o cajado.

— Sou Elora.

Um barulho parecendo alguém vindo se aproximou, e uma bela moça de cabelos e olhos pretos, pele pálida e uma boca avermelhada, com asas pretas e roxas apareceu voando. Junto dela, estava um senhor baixo e um jovem alto. Eram eles que estavam na lanchonete. Todos olhavam para Elora com visível respeito.

— Uma humana? O que está fazendo aqui? — perguntou a bela moça

— Olá, sou Olívia. Não sei direito, acho que fui hipnotizada e acabei parando aqui — eu respondi a ela um pouco assustada.

— Hipnotizada? Isso deve ter sido coisa dos Pixies. Sou Evangeline, uma fada, assim como Elora, a rainha das fadas. Legolas é um elfo e este é Belorin, um gnomo.

— Desculpe as perguntas, mas o que são Pixies e onde estou? — eu perguntei.

— Você está no bosque encantado, está em outro mundo. Os Pixies se parecem com os elfos, mas são menos luminosos e mais zombeteiros. Você precisa ir embora daqui, este não é um lugar bom para você — disse Belorin.

— Eu posso ir com você, só temos que tomar cuidado com os ogros — disse Evangeline, se aproximando de mim e dando um sorriso — até logo majestade, Legolas e Belorin!

— Tchau! — Responderam todos.

Evangeline me deu as mãos e, em seguida, segurou em seu cordão e disse:

— *Toc, toc*, quem é? É o brioche saindo do bosque.

Em um instante, fomos parar na saída da floresta, onde tinha uma placa escrita: mundo humano. Evangeline acenou para mim e eu saí de lá.

Sofia Bunjes Fontes de Faria Brito

Campo de cogumelos

Era mais um dia normal. Eu estava sentada na varanda da minha casa, tomando meu café da tarde.

Meio entediada, chamei minha gata (Misa) para fazer cafuné nela, mas ela não veio. Saí da cadeira e procurei por ela por toda a casa, mas sem sucesso. Já estava ficando tarde, então fui descansar, esperando acordar, no dia seguinte, com Misa em minha barriga, ronronando. Porém, isso não aconteceu.

Desesperada, me arrumei e fui direto para a floresta, sem preparação, não levei água e nem alimentos. Entrei bem fundo nela. Logo depois, me lembrei de que tenho um péssimo senso de direção, e que, no momento, estava perdida. A única coisa boa foi que encontrei a coleira da Misa em uma moita. Provavelmente, ela deveria estar naquela região.

Dando algumas voltas, sem me afastar muito de onde encontrei a coleira, comecei a sentir fraqueza e fome. Cansada, encontrei um lugar agradável para deitar. Era um campo com cogumelos, e quanto mais eu os olhava, mais sonolenta ficava. Me rendi ao sono e deitei ali mesmo.

Perdi a noção do tempo quando dormi, mas, quando acordei, só sabia que já era hora de ir. Estava mais escuro do que antes. Abri meus olhos lentamente, e encontrei um serzinho entre eles. Ele tinha o tamanho de uma mão e usava um chapéu semelhante a parte de cima de um cogumelo. Seus olhos estavam tapados por sua franja loira, mesmo assim, consegui entender que ele estava me encarando.

— Ahhh! O que é isso?!? — gritei assustada, me levantando em um pulo.

— Oi, é... meu nome é Mycah... prazer? — respondeu tímido.

Eu estava um pouco assustada. De qualquer forma, peguei toda minha coragem e falei:

— Oi... meu nome é Yohanna... é... o que é você?

— Bem, eu sou como um guardião da floresta, plantas e animais.

Não tinha muita coisa que eu podia fazer além de aceitar. Será que esses cogumelos aqui eram alucinógenos? Perguntei a ele se ele sabia como sair daquela floresta e se ele tinha visto minha gata. Ele disse:

— Uma gata? Acho que sim. Ela estava indo em direção a saída. Sorte a sua, Vagalume! — falou com um sorriso bobão

Por que ele estava me chamando de Vagalume? Ficamos caminhando por um tempo. Mais tarde, chegamos à saída/entrada da floresta. Agradei por ele ter me guiado, mas lembrei que não tínhamos encontrado minha gata ainda. Pedi ajuda, dizendo para que ele tentasse me avisar caso a encontrasse.

— Sem problemas! Eu consigo falar com os animais, então se eu achar ela aqui, posso a pedir voltar para sua casa, Vagalume!

Quando cheguei em casa, fui direto para a cozinha pegar um copo d'água e comer um pão. Depois, fui para meu quarto descansar. Quando olhei para a cama, Misa estava em cima dela, cochilando. Pulei para cima dela e comecei a fazer cafunés. Dormimos abraçadas.

Acordei no outro dia com alguns cogumelos em um vaso na minha cabeceira e uma cartinha. Nesta, estava escrito:

"Parece que sua gata voltou por conta própria, nem precisou de minha ajuda, mas se você futuramente precisar, estarei ao seu dispor, Vagalume"

No final, havia um coração desenhado.

De volta em casa, minha vida voltou ao normal, mas algo ainda me intrigava. Aquele campo de cogumelos no meio da floresta e o encontro com Mycah eram mistérios que eu não conseguia deixar para trás.

Uma tarde, decidi voltar à floresta, mas, dessa vez, com um propósito diferente. Estava também mais preparada e levei comida. Eu queria encontrar Mycah novamente e descobrir mais sobre aquele lugar encantador. Dessa vez, não demorou muito para eu encontrar Mycah, que estava sentado em um cogumelo, parecendo um pouco surpreso com a minha visita. Conversamos por horas sobre o campo, sua história e a magia que o envolvia.

Mycah explicou que ali era um lugar especial, habitado por ele. Com o tempo, minha amizade com Mycah cresceu, e ele se tornou meu guia pessoal na floresta. À medida que explorávamos juntos, descobrimos locais mágicos escondidos entre as árvores e cogumelos brilhantes que pareciam ter poderes curativos.

Minha vida se transformou em uma aventura constante, cheia de magia e surpresas. Eu me tornei a guardiã da floresta de cogumelos, prometendo proteger seu segredo e seu encanto do resto do mundo.

E, assim, o campo de cogumelos se transformou em um lugar mágico que uniu eu e Mycah em uma amizade hipnotizante. Agora, só há eu, Mycah e Misa, no meio da floresta à tarde, aproveitando a brisa gelada e os trechos de sol iluminando os cogumelos, comendo alguns biscoitos. Nada poderia ser melhor que isso.

Talita Toledo Parpaiola

Procura-se um amor

Havia uma menina chamada Melissa. Ela era uma camponesa simples, mas sua beleza era extraordinária. Além de bonita, ela era carismática e todos adoravam ela. Certo dia, o príncipe William, da vila onde Melissa morava, fez um discurso para todas as garotas.

— Belas damas de ShakesVille, gostaria de convidá-las para um baile hoje às 22 horas. Como sabem, quero uma princesa para me casar, mas ainda não encontrei o meu amor. Então, neste baile vou selecionar as garotas mais bonitas e escolher uma para ser minha esposa. Espero todas lá!

Em casa, depois do discurso, Melissa foi falar com sua mãe. Ela pediu dinheiro para comprar um vestido. A mãe negou, disse que ela e o pai estavam apertados com dinheiro. Melissa, depois da triste resposta de sua mãe, ficou sem esperanças e muito chateada. Então, foi caminhar no jardim que tinha ao lado de sua casa. Lá era o único lugar que a acalmava.

Melissa não percebeu o tempo passar e, quando foi ver, já estava escurecendo. Ela estava tão longe de casa que acabou se perdendo, pois não percebeu o quão longe estava indo. Então, continuou andando para ver se encontrava alguém para ajudá-la.

Ela andou, andou, andou e achou uma casa. Bateu na porta para ver se a moradora podia lhe aconselhar o caminho de volta. O que ela não sabia era que essa casa era de uma bruxa muito má que se fingia de velhinha.

A bruxa disfarçada abre a porta e pergunta como pode ajudar. Estava naquele lugar tão isolado porque estava chateada por não ter um vestido para ir ao baile e que, por isso, tinha decidido não ir. A bruxa contou que isso não era problema para ela. Ela iria emprestar um vestido para Melissa. Mas antes, lhe serviria um chá.

A bruxa vai até sua cozinha e, ao invés de preparar um chá, prepara uma poção! Essa poção faz com que a beleza de Melissa vá para a bruxa e a feiura da bruxa vá para Melissa, pois a bruxa queria se disfarçar de Melissa para tentar atrair o rei William e ficar com toda a sua riqueza.

Melissa desconfia um pouco da demora para fazer um simples chá, então, vai até a cozinha escondida para ver o que realmente a senhora estava fazendo. Quando ela espia um pouco, vê uma bruxa muito assustadora, feia, cheia de rugas, com o

cabelo todo espetado, bem diferente da senhora que lhe atendeu. Ela fica com muito medo, então, sem querer, dá um grito. A bruxa ouve e, ao vê-la, Melissa corre o mais rápido possível, mas a bruxa a pega pelos cabelos e fala:

— Hahaha! Agora que eu peguei você, vou te dar uma poção para você ficar ridícula e nunca conseguir a atenção do rei, enquanto eu finalmente vou poder ir ao baile e pegar toda a riqueza do rei apenas com a sua beleza.

O relógio da bruxa toca, sinalizando que eram exatamente 22 horas. Então, ela faz Melissa engolir a poção à força, fazendo com que a beleza dela fosse para bruxa e a feiúra da bruxa fosse para ela. E, então, a bruxa que agora estava disfarçada de Melissa sai andando indo direto ao baile, deixando ela no chão.

Melissa chorou muito. Depois de um tempo, ela juntou esperanças e decidiu fazer alguma coisa para que sua beleza voltasse e ela conseguisse ir ao baile. Ela viu que sobrou um restinho de poção no pote e pensou que, se ela bebesse de novo, talvez a magia voltasse.

Pensando assim, ela bebeu o resto da poção. Para a sua sorte, tinha dado certo! Então, feliz da vida, ela foi no guarda-roupa da bruxa para ver se tinha algum vestido para ela, mas era tudo muito grande. Com isso, ela foi do jeito que estava, com uma calça e uma blusa simples. Ela foi em direção ao castelo. Ela andou, andou, andou e finalmente achou. Ela entrou no baile e já foi colocar seu nome na lista para competir com as outras garotas quem ia ser a princesa do príncipe William.

Quando eram 23h, o príncipe foi fazer sua escolha para ver quem seria sua amada esposa. Na hora que mirou Melissa, viu nos seus olhos uma menina bela e encantadora. Assim, ele a chamou para conversar e, coincidentemente, no jardim, eles conversaram. William percebeu que estava completamente apaixonado por ela e então disse:

— Querida Melissa, no meio de tanta gente, encontrei você. Uma garota com brilho nos olhos e um coração puro. Gostaria de conceder uma dança comigo nesta noite?

E lá foram eles a dançar no palácio. No meio da dança, os dois, completamente apaixonados, dão um beijo de amor verdadeiro e, assim, o príncipe William descobre sua eterna apaixonada.

Enquanto isso, a bruxa chora aos cantos de sua casa por não ter conseguido ir ao baile.

CONTOS

8º ANO - CONTO POLICIAL

Amanda Carneiro de Andrade Camatta Rangel

O mistério do Luke

Era 5 da manhã, fazia muito frio e ainda estava escuro. Acordei assustada. Silêncio absoluto. Estranho. E os latidos do meu cachorro? Nada. Lembrei que não tinha alimentado Luke na noite anterior. Meus pais e minha irmã dormiam feito uma pedra. Desci as escadas na ponta dos pés, para não acordá-los, e fui colocar a ração numa vasilha, antes que ele começasse a latir desesperadamente, como fazia todas as manhãs. O silêncio continuava, e Luke não aparecia. Eu procurei por toda casa e vasculhei todos os cantos do jardim, mas não o encontrei.

Saí de casa sozinha pela primeira vez, e foi apavorante. Mas não desisti. Fui até o parque onde costumo passear com ele e com minha mãe e perguntei a todos que estavam lá, mas a única resposta que consegui foi um “não”.

Comecei a pensar em quem teria motivos para levar meu cachorro. Lembrei do meu vizinho que era apaixonado pelo Luke, então corri até a casa dele e bati na porta e lá encontrei um menino cheio de mordidas e arranhões de cachorro.

“Por que você está todo machucado?”, perguntei.

“Por que eu vou falar com você? Aliás, isso daqui é mordida e arranhão do meu gato...”, respondeu o garoto.

Eu desconfiei um pouco dele, mas ele realmente tem um gato. Pensei em outra pessoa e acabei lembrando da minha irmã, que tem inveja de mim porque fui eu que ganhei esse cachorro. Então, rapidamente, voltei para minha casa, para o meu quarto e despertei minha irmã, Lídia, sacudindo-a na cama.

“Irmã, você viu o Luke?”, perguntei.

“Não...”, respondeu ela.

“É porque ele sumiu, e eu não consegui achá-lo até agora”, falei, quase choramingando.

“Mas o quê?!”, interrompeu minha irmã, nervosa.

“Pois é... e eu não tenho outro suspeito agora, além de você...”, confessei.

E lhe contei que vi algumas pistas, coisas estranhas: a vasilha de água dele havia sumido, a coleira e a focinheira, e até parte da ração dele.

“Você não acha estranho o Luke sumir e com tudo isso?”, questionei.

E Lídia ficou parada, pensando... Depois, resolveu arriscar.

“E nosso pai? Ele odeia quando um cachorro late! Principalmente quando ele está dormindo, muito cansado, ou quando ele tenta trabalhar...”, disse ela.

“Eu acho que isso faz sentido. Mas preciso investigar mais...”, respondi.

Fui até seu escritório, e ele estava de porta fechada, falando ao telefone, em viva-voz. Era meu tio, que mora perto de nossa casa. Tudo normal. Só que aí, ouvi meu pai falar o nome de Luke. Resolvi encostar na porta e ficar ouvindo. Quem sabe ele tinha encontrado meu cachorro!

“E como estão as coisas com o Luke?”, perguntou meu pai.

“Boas, eu acho...”, respondeu meu tio.

“Algum problema?”, perguntou meu pai.

“O seu cachorro é muito bagunceiro, barulhento, não me deixa dormir nem trabalhar!”, respondeu, rindo, meu tio.

“Eu sei... Eu sofro com isso também, e é esse o motivo pelo qual eu deixei ele aí na noite passada. Estava desesperado. Uma forte dor de cabeça e ele não parava de latir. E hoje eu tenho uma reunião importante”, disse meu pai.

Eu não acreditava no que eu ouvia: o meu pai era o verdadeiro culpado dessa história toda!

Resolvi bater na porta e perguntei se podia entrar. Ele, rapidamente, desligou a ligação e abriu a porta.

Fui direta:

“Pai, como você pode fazer uma coisa dessa com o meu Luke? E sem me dizer nada?! Eu escutei tudo atrás da porta... Não tente fingir que nada aconteceu, pai.”, falei.

“Eu fiz isso sem te avisar porque, em primeiro lugar, você não aceitaria se eu levasse ele para longe de você. E segundo, era só esta noite, porque não conseguia dormir com o latido dele e eu tenho uma reunião daqui a pouco, então não tive escolha. Vou pegá-lo de volta antes do trabalho...”, explicou ele.

“Mas, e a sua ligação com o meu tio?”, perguntei.

“Eu só ia avisar para ele que eu pegaria o Luke antes do meu trabalho começar.”

Dei um abraço no papai, aliviada e feliz. No final, eu não precisava mais me preocupar com esse “grande problema”, porque agora eu sabia que o Luke ia voltar.

Asafe Misael dos Santos Amorim

A Residência Whitewood

A Residência Whitewood, um casarão antigo rodeado por jardins impressionantes, estava envolvida em um silêncio denso quando o famoso detetive Charles Marlowe e sua parceira, a investigadora Audrey Campbell, chegaram à cena do crime. Uma névoa espessa pairava sobre a propriedade, criando um ambiente repleto de mistério.

Dentro da residência, foram recebidos por Lady Isabella Whitewood, a matriarca da família. Ela estava visivelmente abalada e os conduziu até a sala de estar, onde estava o corpo de seu marido, Lord Archibald Whitewood, deitado no chão, com uma adaga cravada em seu peito.

Audrey examinou o corpo enquanto Charles questionava Lady Isabella sobre os acontecimentos da noite.

"Lady Whitewood, poderia nos contar o que ocorreu?"

Entre soluços, ela começou a falar.

"Tivemos um jantar em família esta noite. Depois que todos saíram, fiquei aqui na sala para apagar as velas. Foi quando ouvi um grito vindo da sala de estar. Corri até aqui e encontrei Archibald... assim."

Charles olhou ao redor, notando detalhes intrigantes na sala.

"Lady Whitewood, parece que houve uma briga aqui. As cadeiras estão viradas e os tapetes estão amassados. Alguém estava aqui com o seu marido?"

Ela confirmou com lágrimas nos olhos.

"Sim, o Sr. Malden, nosso administrador. Ele também estava no jantar."

Audrey trouxe uma lupa e começou a examinar a adaga.

"Esta adaga é elaborada, não parece ser uma arma comum. Alguma ideia de quem poderia ter um motivo para assassinar Lord Whitewood?"

Lady Whitewood hesitou por um momento, depois suspirou.

"Archibald tinha muitos desafetos devido aos seus negócios. Além disso, nosso filho, Edward, estava em conflito com ele sobre a administração da propriedade."

Enquanto entrevistavam os membros da família e os empregados da residência, emergiu uma nova pista. Edward Whitewood, o filho, tinha sido visto discutindo com o pai na noite anterior ao assassinato. Ele afirmou que discutiram por causa de uma mulher com quem ambos estavam envolvidos.

Charles decidiu interrogar Edward separadamente.

"Edward, você estava discutindo com o seu pai devido a uma mulher. Poderia nos dar mais detalhes?"

Edward pareceu relutante, mas finalmente admitiu.

"Era Amelia Turner, uma cantora de uma das bandas mais famosas da cidade. Eu estava apaixonado por ela, mas o meu pai também tinha um relacionamento com ela. Tivemos uma discussão acirrada naquela noite."

Enquanto a investigação prosseguia, foi encontrada uma carta enigmática no escritório de Lord Whitewood. A carta dizia:

"A sua traição não ficará impune. A sua vida por nossos segredos."

Charles e Audrey perceberam que havia mais do que parecia à primeira vista. Descobriram que Amelia Turner tinha um passado obscuro e estava sendo chantageada por alguém que conhecia os seus segredos.

Com base nas pistas, Charles reuniu todos os suspeitos na sala de estar, incluindo Amelia Turner. Ele revelou que o assassinato de Lord Whitewood estava ligado a uma rede complexa de traições e segredos.

Com um olhar penetrante, Charles apontou para Amelia.

"Amelia, você estava sendo chantageada por Lord Whitewood devido aos seus segredos. Ele a ameaçou revelar o seu passado escandaloso. Você o matou para proteger a verdade."

Amelia soluçou, admitindo o seu crime.

"Eu não tinha alternativa. Ele estava prestes a arruinar a minha vida. Eu não queria, mas..."

O caso foi solucionado, revelando uma teia de relações tumultuadas e segredos sombrios que culminaram no assassinato de Lord Whitewood. A névoa que pairava sobre a residência começou a se dissipar, deixando para trás uma sensação de resolução e justiça.

Clarice Carneiro de Andrade Camatta Rangel

Seu destino estará escrito

Durante minha vida, sempre quis parecer duro. Quis ser o melhor em diversas coisas. Fiz amigos, uma família, tive uma vida. Estava triste. Tudo por causa da arrogância. Algo que, por muitos anos, me consumia calado. Eu não via. Mas a vida, dura e incerta, me fez aprender. Do pior jeito? Talvez. Talvez para mim tenha

Eu e meus colegas de trabalho saíamos como um grupo todas as noites. Contava sobre minha vida incrível, esposa adorável, viagens, situação financeira estável e assim vai. Nem era tudo isso. Mas podia sentir a inveja deles sob meus olhos. Me orgulhava disso. Sem privilégios, mas insistiam. Interesse... talvez.

Aquela noite. A noite em que tudo mudou. Estávamos comemorando uma parceria que conseguimos na empresa. Minha esposa estava em casa. Ela estava, eu sabia disso. Mas ela sumiu. Estranhei e resolvi olhar as câmeras de segurança. Estavam desativadas. Todas. Era eu e mais três. Brindando o sucesso. Sucesso esse que já não importava mais por conta do clima que se espalhava pela sala de estar. Owen Blake e Callie Moore. Nomes que, na visão de nossas famílias sádicas, foram feitos para se juntar. Eu era ruim com ela. Mal ficava em casa por medo. Medo de mim.

Revirei a casa inteira. Nada. Dois amigos meus também sumiram naquele momento. Karl e Joe, colegas de trabalho que, bem repentinamente, passaram a fazer parte do grupo. Eles disseram que ajudariam na procura e que diriam qualquer coisa que vissem. Mas, sumiram e também procuramos em todos os lugares. Só sobrou Carter. Carter é meu amigo de infância e trabalha na mesma empresa que eu. Sempre fui muito fiel à nossa amizade. E ele também, não é?

O que está acontecendo? Subi para ver os quartos novamente. Carter permaneceu no andar de baixo. Nada. Alguns segundos depois, as luzes se apagaram subitamente.

Carter não respondia. Acendi a lanterna do celular e continuei a procurar. Callie, Karl, Joe e Carter. O que está acontecendo? Desci as escadas, sempre com muito cuidado. Mas, espera. Meu quarto é de Callie. Claro! Não tinha nada. Como nada? Não era possível. Onde estava Callie? Tudo dela se foi. Naquela noite.

Desci as escadas pronto para chamar a polícia. De repente, uma voz pairou sobre o ar. Congelei. “Cozinha”. “É só uma partida”, disse alguém. Eu fui. Agora, a pergunta que não quer calar é: por quê? Por que segui a voz? Por que tal rebeldia?

Perguntei quem era e a voz só repetia: “cozinha”. “É só uma partida”. Quando entrei, descobri do que se tratava. Duas cartas no balcão. Eram idênticas. Estavam viradas. Breu. Um silêncio. Eu estava com medo, muito medo. Pela primeira vez, eu admito: eu estava com medo. Medo do que viria em seguida. O que está acontecendo? Callie? Karl? Joe? Carter? Não deixei escapar som nenhum. Só perguntas irritantes passavam pela minha cabeça. Até que, ouvi uma voz dizendo:

— Vou contar até 3. No 3, vire uma carta no balcão. Somente uma. O seu destino estará escrito. Você deve aceitar calado. É só um jogo, Owen. Só uma partida.

Virei a carta da esquerda. Dizia “assine”. Eu estava com medo.. Claro que fiz o que ele pedia. Então, as luzes se acenderam. Era Carter. Carter segurava um dos papéis com um sorriso no rosto. Eu assinei sua promoção. Ele ocuparia o meu cargo.

Depois, Callie apareceu. Callie segurava outro papel. Era o papel do divórcio. Depois, Karl apareceu. Ele segurava as chaves da casa. Por último, Joe se juntou a eles, segurando um saco com peças de valor e muito dinheiro.

— O que estão fazendo? Onde vocês estavam? Como assim, não vou ter mais nada? Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

— Estamos acabando com a sua vida patética — disse Callie — fiz um trato com Carter. Ele me ajudaria no divórcio porque sabia que você não aceitaria. Enquanto isso, eu o ajudaria a ocupar o seu cargo. Karl e Joe concordaram com o plano para ficar com parte de seus bens e se aproximaram de você no trabalho. Queríamos fazer você sentir medo. Já estava na hora de saber o que é isso.

Não sei como pude acreditar neles. Eram todos interesseiros. Bom, os sinais diziam tudo, não é? Pelo menos, eles fizeram com que essa noite mudasse tudo. Para melhor.

Era um arrogante. O ocorrido me fez ver. Por isso eles fizeram o que fizeram. Eu mudei muito. Fiz uma nova família e tenho uma filha. Me mudei novamente depois de alguns meses naquela casa. Tenho uma esposa incrível e uma vida nova. Me tornei policial por indicação dos que souberam da história. Sou mais feliz. E, claro, menos arrogante. Mas, afinal, o que será que estava escrito na outra carta?

Davi Bunjes Fontes de Faria Brito

O sumiço

Estava eu no meu escritório esperando mais um caso aparecer. Confesso que a segurança da cidade está aumentando muito, pois, a cada ano, as ocorrências estão diminuindo significativamente. Não era a minha situação neste dia, já que, logo pela manhã, uma senhora abriu a minha porta, e, chorando, pediu ajuda. Tentei acalmar a coitada e, quando finalmente consegui, pedi a ela para que me explicasse a situação:

— Meu esposo, de nome Daniel, exerce a função de guarda noturno em uma loja. Habitualmente, ele retorna para casa nas primeiras horas da manhã seguinte, mas hoje essa rotina não se repetiu. Embora tenha estranhado, pensei que algum compromisso inesperado o deteve, fazendo-o perder o café da manhã em nosso lar. Isso já aconteceu algumas vezes antes, então não dei muita importância e segui minha rotina como de costume. No entanto, já se passou um dia completo e ainda não tive notícias dele. Começo a ficar preocupada e, confesso, até suspeito do que possa ter ocorrido.

A mulher, chamada Rose, tem 45 anos. Ela é herdeira de um dos grandes barões do café da região. Vivia em uma grande mansão com seu marido que, diferente dela, não possuía condições de vida tão boas antes do casamento. Era um homem humilde, vindo de uma família de escravos recém libertos. Para ser sincero, este foi um caso bastante atípico para mim. Fomos ao posto de trabalho do Daniel. Era uma lojinha de roupas simples, mas o dono parecia bastante meticuloso quando tratava-se da segurança do estabelecimento. Seu nome era Agostin.

Agostin contou que Daniel tinha trabalhado normalmente, como de costume. No entanto, alguma coisa em seu modo de agir estava confuso. Ele parecia inquieto, ansioso. No entanto, alguma coisa em seu modo de agir estava me conturbando. Ele parecia inquieto, ansioso. Não sei o que estava acontecendo, mas, logo de cara, veio-me uma sensação estranha sobre ele. Perguntei a Agostin quem tinha sido a pessoa que veio lhe perguntar sobre Daniel naquele dia. Ele, ao escutar meu questionamento, parece que ficou assustado.

Após esse diálogo suspeito, fui sorrateiro e me escondi em um local para observar a loja e Agostin. Já era noite. Quando estava quase desistindo, lá estava o que eu precisava: Agostin apareceu, com uma roupa toda preta, parecendo que

queria se disfarçar. Ele abriu a loja, pegou algo e, logo em seguida, fechou. Nesta hora, comecei a segui-lo, tentando ser o mais furtivo possível para que o mesmo não me percebesse. Ele parecia nervoso. Estava tremendo muito, talvez por ansiedade, talvez pelo frio, que agora contemplava a cidade. A cada segundo que eu o observava, mais convencido eu ficava que ele era o criminoso responsável pelo desaparecimento de Daniel.

Agostin entrou em um bar. Sentou-se em uma mesa onde estava um homem encapuzado, com uma mochila em suas costas. Sentei em uma mesa próxima, peguei meu jornal e fingi que estava lendo. Comecei a escutar a conversa entre os dois. O homem encapuzado contava que amanhã iria deixar uma pista falsa para mim. Que, com isso, iria invadir a mansão e conquistar muito dinheiro. Este homem encapuzado me trazia um sentimento ruim. Ele parecia ser um criminoso de elite e, sinceramente, duvidava que Daniel ainda estivesse vivo. No entanto, era meu dever conseguir evitar este roubo.

Ao ouvir o homem falar, Agostin apenas implorou para que ele não mate suas filhas. O homem lhe promete que, se ele cumprir com o combinado, nada aconteceria a elas. Ali, percebi que Agostin não era o criminoso, pelo menos não o principal. Aparentemente, este homem ameaçou as filhas de Agostin e, num ato de desespero, está ajudando o criminoso.

No dia seguinte, a primeira coisa que fiz foi ir à mansão de Rose para relatar o que ocorreu e avisá-la sobre o perigo iminente de um roubo. Rose me contou que sempre soube que Agostin não era confiável. Disse a ela que ele não era tão mau assim, que estava, na verdade, sob ameaça do tal homem encapuzado. Eu disse também que tive a ideia de fazer uma emboscada para o furtador. Eu iria para o meu escritório esperar a pista falsa de Agostin. Imediatamente após, me dirigirei à sua mansão e ficaremos escondidos aqui dentro, esperando a chegada do sujeito. Chamarei alguns policiais para a nossa segurança, pois pode se tratar de uma grande gangue.

— Ok. Fico no aguardo. Até logo.

— Até!

Fui ao meu escritório e, como esperado, Agostin estava lá me esperando.

— Bom dia, senhor. Lembra de mim?

— Claro que sim! Agostin, não é? — respondi de maneira cínica

— Vejo que o senhor está com a memória afiada. Não tenho muito tempo a perder, então serei objetivo: tenho novas pistas sobre o sumiço de Daniel.

Agostin, seguindo as ordens do homem encapuzado, contou-me apenas pistas falsas, sem fundamento algum. Agradei e voltei direto à mansão. Nos escondemos dentro dela e ficamos esperando os furtadores. O clima estava tenso, por ser uma situação muito arriscada. Não tínhamos noção do tamanho da gangue. Apostei completamente no efeito surpresa e na vantagem posicional que tínhamos.

Meia hora se passou até que, finalmente, escutamos um som. Mas não era um som como eu esperava, de uma porta sendo arrombada ou algo do tipo. Muito pelo contrário: a porta foi aberta utilizando uma chave. Sussurrei para um dos policiais que estavam me ajudando na missão:

— Os bandidos estão cada vez mais estratégicos. Estão utilizando uma chave para abrir a porta, que provavelmente conseguiram após roubar Daniel.

— Eles, de fato, não são principiantes .

O fato de escutar poucos passos me chamou atenção. Aparentemente, era apenas um homem roubando a mansão. Quando ele passou perto do meu esconderijo, tomei a minha decisão mais arriscada e corajosa. Apontei a arma para sua cabeça e gritei:

— Perdeu! Renda-se imediatamente!

O homem estava mascarado e com uma roupa toda preta. Ele tomou um grande susto após o meu grito e, após isso, levantou as mãos e disse, fingindo estar calmo:

— Me rendo! Me rendo!

Tiramos a máscara do homem, e, para minha surpresa, o homem encapuzado por trás da gangue L.S e responsável pelo sumiço de Daniel era nada mais, nada menos, que o próprio Daniel. Tudo isso foi um plano para roubar a fortuna de sua mulher (agora ex-mulher).

Davi Esmael Almeida Filho

O mistério da Escola Johnson

Acontecimentos sinistros ocorreram na Escola Johnson esta semana, no qual eu, Stuart Williams, trabalho há dois anos. Quando fui chamado por Ben Johnson, atual diretor da escola, para auxiliá-lo, aceitei o convite de imediato. Minha condição financeira não era muito boa, minha mãe estava desempregada há quatro anos, e tínhamos perdido meu pai faz três meses. Éramos sustentados por meu tio, irmão do meu pai, que não sabíamos ao certo com o que ele trabalhava, mas sabíamos que ele e meu pai eram grandes amigos de Benjamin Johnson.

Nesta segunda-feira, dia 16, eu e Ben fomos arrumar as salas após a saída dos alunos, e notamos a falta de cadeiras e mesas nas salas. Não foi um número muito significativo, cerca de quatro a seis cadeiras, mas fazia falta, pela grande quantidade de alunos presente em nossa escola. Quando fomos almoçar em uma padaria que costumamos ir, percebemos a saída de um grande ônibus preto, que estava estacionado no mesmo quarteirão de nossa escola. Não levantamos suspeitas, podia ser apenas um ônibus qualquer, mas nos chamou bastante atenção.

No dia seguinte, era aniversário do professor mais antigo da Escola, Edward, professor de matemática. Como sempre, trouxemos um bolo para comemorar na hora do intervalo juntamente com todos os alunos de todas as classes. Logo, na tão esperada hora, o porteiro veio nos dizer que Edward não havia chegado. Nos desesperamos totalmente, a escola ficou um caos. Ben me ordenou ir acalmar os alunos que ele e mais alguns professores iriam tentar se comunicar com o desaparecido professor de matemática. Os alunos voltaram para as salas e as aulas continuaram normalmente, como se nada tivesse acontecido. O sinal tocou e os alunos foram embora. Eu e Ben fomos almoçar e quando fomos ver se o ônibus que tínhamos visto no dia anterior estava no mesmo local, nos deparamos com um corpo morto. Fomos correndo desesperadamente, quando Ben chegou o mais perto possível para poder identificar o corpo, disse:

— Edward? Mas como? Stuart pegue meu telefone rápido e chame uma ambulância! Agora!

Rapidamente liguei, e tive a péssima notícia que não tinha ambulâncias disponíveis, por conta de um tiroteio que estava tendo em uma cidade vizinha. Benjamin e eu tomamos a decisão de levar o corpo para casa.

— Pode deixar que eu levo, vou analisar há quanto tempo está morto e o motivo da morte. Você fica responsável por comunicar à família – disse à Ben.

— Tudo bem – ele falou lacrimejando – Me mande mensagem assim que descobrir alguma coisa.

— Mando sim. – Retruquei.

Fui para casa o mais rápido que pude e, quando cheguei, pedi ajuda à minha mãe que possuía experiência com esse tipo de situação por ter trabalhado em alguns hospitais.

Analisamos por um longo tempo, e logo observamos cortes fundos que pareciam ser feitos por longas e bem afiadas. O corpo estava frio, parecia que havia sido morto faz um tempo. Assim que descobrimos essas informações, comuniquei a Ben. Ele agradeceu e alegou ter falado com a família, que solicitou o corpo para enterrá-lo no dia seguinte. Ben tomou a decisão de suspender a aula para que alunos e professores pudessem comparecer ao enterro. Passei o dia todo pensando quem poderia ter matado Edward, juntado fatos que aconteceram e tentando chegar em algum ponto em comum.

Nesta quinta, dia 19, temos trigêmeos fazendo aniversário, como são apenas alunos e não professores, não costumamos levar bolo, mas também separamos uma parte do intervalo que será dedicada ao aniversariante. Todos estavam ansiosos, a mãe dos trigêmeos falou que ia levar um grande bolo para poder comemorar. Chegando a hora do intervalo, a mãe disse com grande angústia que não encontrou os filhos, e já estava procurando pelos mesmos faz um tempo. Eu rapidamente comuniquei a Ben.

— Senhor, a mãe dos trigêmeos ligou e disse não saber onde estão os filhos, ela disse ter procurado e não ter achado eles em casa. Disse a ela que o porteiro não os viu chegar e faremos o que for possível. Assim que obtermos alguma informação, ela será a primeira a ser avisada.

— Boa Stuart, comunique aos alunos para voltarem para casa imediatamente que iremos encontrá-los. Estou oficialmente suspendendo as aulas de hoje e amanhã, vamos voltar a ter aula somente semana que vem.

Comuniquei aos alunos, e pedi para que eles enviassem uma mensagem assim que chegassem em casa, para sabermos se estão seguros.

Fomos à rua ver se encontrávamos alguma pista que pudesse nos ajudar. Procuramos e procuramos mas não achamos nada. Quando, de repente, uma ideia me veio à cabeça ao ver que o grande ônibus preto que estava saindo de sua vaga e indo embora.

Criei a hipótese de que o grande ônibus preto seria o grande responsável pela morte de Edward e o desaparecimento dos trigêmeos. Para chegar a essa ideia, liguei os seguintes fatos: o ônibus estacionar perto da escola, o corpo de Edward ser encontrado em cima da vaga onde o ônibus estacionava e o ônibus estar saindo logo após o desaparecimento dos trigêmeos. Mas, ainda faltava ligar os acontecimentos com a data.

Edward foi morto no dia de seu aniversário, os trigêmeos desapareceram no dia de seus aniversários, mas, o que as cadeiras e as mesas roubadas tem a ver com isso? Pedi a Ben que me mandasse o recibo do dia em que as mesas e as cadeiras foram compradas. Ele logo me mandou e vi que haviam sido compradas um ano antes, 15 de Outubro. Falei com Ben a conclusão que obtive para decidirmos juntos o próximo passo que iríamos tomar.

Expliquei melhor e ele compreendeu, e me perguntou o que iria fazer. Respondi que precisávamos encontrar alguma coisa que compramos em algum dia da semana seguinte, ou alguém que fizesse aniversário. Após um longo tempo de procura, achamos uma pessoa que faria aniversário na quarta-feira da semana seguinte, Ben. Isso o assustou um pouco, mas disse para ficar tranquilo que montaria um plano.

Passei o final de semana inteiro tentando bolar um plano e consegui. Na quarta-feira, Ben iria normalmente à escola, mas iremos atrás dele com um carro para seguir o ônibus assim que acontecesse alguma coisa com ele. Decidi levar Wilson, um homem de grande estatura que trabalha de vigia na escola faz um bom tempo.

Esperamos ansiosamente, esperamos pela chegada da quarta-feira. Ao chegar o dia, isso foi feito. Ben foi sequestrado logo cedo e colocado no ônibus preto. O seguimos como planejado e, depois de cerca de quinze minutos, chegamos à uma fazenda. O ônibus abriu e o sequestrador saiu segurando Ben, indo em direção do que nos parecia um celeiro. Saímos do carro e os seguimos até que chegamos no celeiro. O homem que estava vestido totalmente de preto entrou e o seguimos até que Wilson pulou em cima dele e o agarrou.

— Parado aí agora! - disse Wilson..

Benjamin conseguiu se soltar e saiu correndo para trás de mim. Com o homem imobilizado por Wilson, fui perto o bastante quando tirei sua máscara e descobri que era simplesmente...

— Senhor porteiro?! Mas por que o senhor?!

Imediatamente após o porteiro ser revelado, Benjamin o agrediu.

— Isso é por você ter matado Edward, e desaparecido com nossos alunos!

Tentamos acalmar Ben, mas o porteiro acabou desmaiando. O levamos para o carro quando me veio uma pergunta à cabeça. Onde estariam os trigêmeos que haviam desaparecido faz quase uma semana?

Fomos a casa dos alunos que não haviam sido encontrados e a mulher que dizia ser a mãe deles não nos deixava entrar. Achamos bem suspeito e Wilson decidiu invadir. Procuramos a casa toda até que achamos os trigêmeos, mas não sabíamos porque a mulher havia mentido. Passado um tempo que investigamos a casa, nos deparamos com uma foto que estava pendurada no quarto da mulher. Descobrimos que ela era casada com o porteiro e havia mentido para criar distrações e ganhar tempo para organizar o sequestro de Ben.

Mistério solucionado. Os dois foram presos, e eu, Wilson e Ben fomos aplaudidos pela escola toda. Dias de paz finalmente voltaram a reinar na Escola Johnson.

Eduarda Bergamini Bazzarella

Voo de “A”

Oi, meu nome é Spencer Fields, e há três anos, no dia 20 de março, uma de minhas melhores amigas, Alison Hastings, desapareceu junto com o seu jatinho particular.

Era uma tarde de sexta-feira quando passou no jornal que o jatinho dela havia desaparecido. Estávamos eu e mais três amigas esperando em minha casa para comemorar a volta dela à cidade, quando uma delas escutou o nome de Alison vindo da TV. Na mesma hora, nós quatro paramos e prestamos atenção no filme. Aumentei o volume da TV e quando fomos prestar atenção, a notícia veio.

Instantaneamente, todas nós começamos a chorar com a notícia sem saber o que fazer ou dizer. Depois que o baque passou, nos levantamos para tentar fazer algo, mas nada podia ser feito, ela havia desaparecido.

Um ano depois, ou seja, há dois anos, exatamente na data em que o avião desapareceu, eu, Emily (Marin), Arya (DiLaurentis) e Hanna (Montgomery) recebemos uma mensagem em nossos celulares que mudaria nossas vidas.

Estão sentindo a minha falta?

Pois vocês vão se arrepender de tudo!

-A

Lemos juntas a tela do celular, sem acreditar no que nossos olhos estavam vendo. As meninas estavam reunidas em minha casa, em uma simples tarde de sábado, apenas para jogar um pouco de conversa fora e fazer as unhas. Ao receber aquela mensagem, instantaneamente entramos em desespero. Começamos a pensar e discutir quem poderia ser o autor dessa mensagem misteriosa. Será que realmente Alison está viva?

— Será mesmo que ela sobreviveu e escreveu essa mensagem? O que será tudo isso? — disse Hanna.

— Pensa um pouco, Hanna. Óbvio que ela não reviveu para vir nos assombrar! — respondeu Arya.

— Vamos com calma! O que vai adiantar discutirmos agora? Isso só vai dar mais munição para seja lá quem for esse tal de “A” — eu questionei.

A partir daí, começamos a pensar no que iríamos fazer. Arya começou a levantar suspeitas de Jenna, uma menina do nosso colégio que não se dava bem com Alison. Ela tinha acabado de retornar da Pensilvânia para nossa cidade. A mensagem de “A” chegou justamente quando ela voltou.

— Talvez tenha sido mesmo a Jenna, mas tem outras pessoas na cidade que nos odeiam tanto quanto ela por termos “ajudado” a Alison a fazer mal a elas. — disse Spencer.

Depois de raciocinarmos mais um pouco, chegamos a conclusão de que provavelmente era Jenna a autora daquela mensagem. Iríamos confrontá-la na segunda-feira, quando chegássemos à escola.

Chegado o dia da aula, não pensamos duas vezes e fomos direto na Jenna. Arya tomou frente e logo bradou:

— Melhor parar com isso, Jenna! Todos nós sabemos que foi você que mandou a tal mensagem para nos assustar e se vingar de nós.

— Do que vocês estão falando? Eu realmente não sei do que se trata. Sinto muito. — Jenna sai andando dali, fingindo que nada aconteceu.

Assim que ela termina de falar, recebemos outra mensagem.

Ops, acho que acertaram o coelho errado.

Mais sorte na próxima, Amoras.

~A

Ficamos atordoadas o resto do dia com a nova mensagem. Quando a aula acabou saímos da escola e fomos para a casa de Hanna desta vez. Começamos novamente a discutir as possibilidades. Elas começam a discutir até que eu interferi na conversa.

— Gente! O Mark Miller está de volta à cidade. Está óbvio! Certeza que ele também está tentando nos assustar, pois Alison também fazia questão de demonstrar o seu desafeto por ele quando ele se declarou para ela.

Elas me ouviram, se entreolharam, mas continuaram discutindo. Pareciam não ter ficado tão empolgadas com a lembrança quanto eu. Ao final daquele dia, outra mensagem.

**Parem de procurar,
não vão me encontrar.**

~A

Passaram-se tempos e tempos e as mensagens não paravam. Nós, continuávamos procurando por o tal “A”. E era tão difícil de desvendar, que cada vez mais esse mistério nos impressionava. Quando achávamos que nós estávamos a um passo à frente de “A”, na realidade, “A” estava a 20 passos na nossa frente.

Era insuportável, estávamos à beira de desistir. Bolamos outro plano. Eu estava novamente sozinha em casa, ninguém ia descobrir o que eu estava fazendo. Eu estava indo bem até demais na verdade. Ninguém suspeitava até elas voltarem para a minha casa por algum motivo.

Quando vejo elas na porta, fecho o computador mais rápido que posso.

— Por que fechou o computador assim? — Hanna me perguntou.

— O que você está escondendo? — disse Arya.

Nesse instante, Arya correu rapidamente até a bancada e abriu o meu computador. Ali, ela vê todas as mensagens programas que eu tinha feito e meu segredo, caro leitor que chegou até aqui, cai por terra.

— Spencer, você é a “A”!!!!!! — todas gritaram ao mesmo tempo.

Em segundos todas estão em volta do computador.

— Tá tudo aqui, tem rastreadores, mensagens, planos tudo tá aqui. Por que você fez isso conosco? — disse Hanna.

Não quis dizer nada, apenas fiquei calada. Ao final de um longo minuto, me soltei:

— O que querem que eu diga? Hein? Alison era uma pessoa horrível! Sempre foi! Ela nunca contou, mas antes de me fazer entrar no grupo sempre dizia coisas horríveis para mim!

— E por que descontar em nós? — perguntou Emily.

— Por que vocês precisavam sentir o que eu senti. — disse.

Bom no final, me descobriram e paguei por isso. As meninas me perdoaram após algum tempo. Me arrependo do que fiz, elas realmente não tinham culpa de nada. Hoje, até conto isso como exemplo. Pessoas podem ser perdoadas, mesmo que tenham feito uma coisa que magoasse outras pessoas. Às vezes, elas só precisam de amigos de verdade.

Mas, como tudo dura pouco, enquanto bebíamos vinho, anos depois do que fiz, quando menos esperávamos, nossos celulares tocaram ao mesmo tempo. Elas olham para mim, instantaneamente. Logo, reagi:

— Juro que dessa vez não sou eu, acabei de contar tudo que aconteceu! Me arrependi demais de tudo, não iria repetir isso.

Enquanto isso, no celular...

**Ela tem razão. Dessa vez não é a
Spencer, queridas. Sentiram
minha falta?**

~A.G.

Guilherme Rocha Hoffmann

O Mistério do quadro roubado

Era uma noite bastante fria em Vitória, quando o detetive Arthur recebeu um telefonema do museu de arte de São Paulo. O famoso quadro “O Grito”, do pintor Edvard Munch, foi roubado da exposição temporária.

Arthur chegou ao museu e encontrou o diretor, Sr. Motta, com uma cara pálida e chorando. Ele informou que o alarme do museu disparou por volta da meia-noite, e que a polícia foi acionada imediatamente. Quando ele chegou ao local, viu que a moldura do famoso quadro estava vazia e que tinha um bilhete na parede. O bilhete dizia:

“Eu estou com seu quadro. Se quiser vê-lo de novo, irá te custar 10 milhões de reais. Amanhã, às 18 horas, eu ligarei para você com as instruções. A polícia não deve ser envolvida, ou vou destruir a obra.”

Arthur, com muito cuidado, examinou o bilhete e percebeu que ele era feito de recortes de jornal. Ele também viu que não havia sinais de arrombamento no museu, e que as câmeras de segurança tinham sido tapadas com fita isolante.

— Como o bandido entrou e saiu do museu sem ser visto? - Questionou Arthur ao Sr. Motta.

— Não tenho noção. Só sei que esse quadro é o mais valioso e raro que está no Brasil nesse momento. Ele pertence ao museu nacional da Noruega, e nós conseguimos trazê-lo a partir de um empréstimo, graças a um acordo diplomático. Se não trouxermos ele de volta, será lamentável e vergonhoso para nosso país.

— O senhor não precisa se preocupar, senhor. Eu darei o meu melhor para encontrar o quadro. Mas, sua ajuda será necessária. Quem mais sabia da presença do quadro no museu?

— Bem, somente eu, os funcionários do museu, os curadores da exposição e os convidados especiais.

— E onde eles estão agora?

— Os funcionários e os seguranças estão no museu, à sua disposição. Os curadores da exposição são dois, Dra. Anna e Dr. Erik, ambos noruegueses. Eles estão hospedados em um hotel ao lado do museu. Os convidados são cerca de 20

peçoas, entre políticos e peçoas de altos postos na sociedade, artistas e colecionadores.

Arthur começou sua investigação, esperando encontrar alguma pista que o levasse ao ladrão. Ele interrogou todos os suspeitos, e analisou as imagens das câmeras de segurança. Ele descobriu que o ladrão era ninguém menos que simplesmente o Dr. Erik, o curador norueguês da exposição! Ele tinha acesso ao quadro, e sabia o ponto cego das câmeras e como desligar o alarme. Ele também tinha um motivo: ele era um agente duplo, que trabalhava em uma máfia que roubava dos ricos para dar aos pobres.

Arthur descobriu que Erik tinha um cúmplice, que era o principal convidado especial da inauguração - o prefeito da cidade, um homem chamado Hank. Ele fora o responsável por levar o quadro para fora do museu, escondido em sua mala, que ele usara para passar o fim de semana no hotel.

Arthur rastreou o celular do Dr. Erik e descobriu que ele estava na casa do prefeito. Ele planejava se encontrar com Hank e o líder da máfia para entregar o quadro. Arthur chamou reforços e cercou o local. Foi possível ouvir da casa alguém falando que aquele barulho que faziam as viaturas estava se enfiando nas ruas e acabando com a graça.

Arthur decidiu entrar na casa.

— Saia e se renda, seu traste!

— Droga! Como você nos encontrou? - Retrucou Erik.

— Isso não é da sua conta, seu verme! - Arthur deu uma coronhada na cabeça de Erik — Eu sou um detetive!

— Pois você é horrível nisso!

Carlos jogou os três na viatura e devolveu o quadro ao Sr. Motta.

Eu saí de perto, com meu corpo se desmanchando na fumaça deixada pela fuga das viaturas e junto se misturando ao barulho que estava ensurdecador em tal meio.

João Pedro de Paiva de Andrade

O caso do Barão

Era uma tarde ensolarada, como qualquer outra. Ainda não havia chegado nenhum cliente à minha porta até aquele momento. E quando digo cliente, quero dizer especulações e mentiras. Mas, estava tudo normal...

Não, não estava nada normal; desde que cheguei ao meu escritório, sentia uma atmosfera pesada, como se alguém acabara de cometer algo que iria se arrepender pelo resto de sua vida...

Ao anoitecer, quase dando meu horário de saída, aquele sentimento de hoje de tarde não havia desaparecido. Sentia que algo muito ruim havia acontecido.

Contudo, insatisfeito, vi que meu dia havia acabado. Quase indo embora, entrou em meu escritório o que parecia ser um soldado, que se auto apresentava como “sargento do Barão”. Ele me disse:

— Você é Geralt? O detetive? — perguntou com um tom desafiador e com um olhar sério.

— Sou, sou sim. Então, porque veio até meu escritório? Algum problema? algo aconteceu? — suando frio, Geralt devolveu a pergunta ao soldado.

— Sim, sim. Estou com um problema, na verdade meu chefe, você já deve ter visto os cartazes pelas ruas; sua esposa e sua filha estão desaparecidas, quero que venha a uma região chamada Velen o mais rápido possível para investigar isso. Não se preocupe, o pagamento será generoso, então sem enrolação, te vejo em Velen, Geralt.

A conversa havia sido concluída nessa hora, com o sargento saindo de meu escritório sem me dar tempo para raciocinar, responder ou perguntar.

Depois de um tempo processando as informações que ali me foram ditas, concluí sem pestanejar que iria a Velen o mais rápido possível. Fiz minhas malas, e naquela mesma noite, peguei a carruagem mais próxima e fui a Velen como um vento.

Depois de 5 dias viajando em uma estrada de lama, cheguei a região de Velen e fui de encontro ao Barão. Chegando em seu castelo, fui recebido pelos seus soldados, que me acompanharam até ele.

Dentro do castelo, avistei logo de longe o Barão com suas roupas avantajadas; em seu jardim, então, fui de encontro a ele:

— Eu... — sem tempo de completar, o Barão me interrompeu.

— Eu sei quem és. Acredito também saber por que vieste, vamos conversar lá dentro — disse o Barão.

Ao entrar em seu escritório, Barão me ofereceu uma bebida, e de bom grado, aceitei; bebemos, e depois voltamos ao assunto principal:

— Direto ao problema. Sou Phillip Strenger, embora as pessoas daqui me chamem de “Barão Sanguinário”.

— Geralt, de Rívia. As pessoas me chamam de “aquele cara que resolve problemas”.

— Eu já disse. Sei quem és. A verdade seja dita, esse é o único motivo para estarmos conversando - disse Phillip com um tom de arrogância - Gostaste da visão de Velen, Geralt?

— Não. Pântanos, pauis, marismas por toda parte...

— Exatamente — concordou Strenger — Se alguém se perde por aqui, fica bem difícil de encontrar...

— Entendi o que você quer — disse Geralt, sério.

— Hehehe. és perspicaz - riu o Barão - Geralt, como você bem sabe, meus entes queridos estão desaparecidos. Quero que os encontre, e, em troca, lhe darei uma fortuna inimaginável — concluiu o Barão.

— Seu sargento comentou sobre essa fortuna... — pensou Geralt — está bem, vou ajudá-lo, encontrarei sua família, mas, depois, quero ver essa tal de “fortuna inimaginável”.

Concluída a negociação, parti para a investigação:

— Quando foi a última vez que você as viu?

— Elas sumiram após a lua nova, como se tivessem sido sugadas pelas sombras — disse o Barão, em um tom de tristeza.

— O que quer dizer com sumiram? — Geralt retrucou o Barão.

— Precisamente isso. Acordei numa manhã e descobri que elas tinham partido.

— Você tentou procurá-las?

— Sim, tentei. Enviei meus homens a sua procura na hora, mas eles não estão preparados para isso. Como disse, são uns bobões. Além disso, Velen não passa de pântanos e florestas lamacentas. Com vários esconderijos perfeitos. Se a intenção é esconder alguém, esse é o lugar certo para isso — disse Barão, em um tom sério.

Vendo que aquela conversa não estava me levando a lugar algum, pergunto ao Barão:

— Precisarei saber muito mais do que isso. Posso ver os aposentos delas?

— Para quê? — perguntou Barão.

— Preciso de pistas, qualquer coisa na qual me basear — disse Geralt.

— Não hei de deixar um estranho colocar as patas nos pert... — Barão é interrompido por Geralt.

— Quer ou não quer que eu as encontre?

— Quero — disse Barão.

— Então, deixe-me trabalhar.

— Certo. Só que hei de ir contigo. No momento, as portas estão trancadas...

Logo após a conversa, o Barão me levou aos quartos de Tamara e de Anna, mas ficando do lado de fora e me deixando entrar; fui de imediato ao quarto do casal, ou seja, de Anna e Barão.

De cara, percebo que o Barão ainda deixava flores frescas em seu vaso, esperando que elas voltassem a qualquer minuto.

Depois, em frente ao vaso, me deparo com a parede com uma coloração diferente... Talvez costumava ter alguma coisa pendurada ali? Uma pintura!? Sim, sim... Uma pintura, uma pintura que deveria estar ali.

Depois, vou para o outro lado da parede, onde curiosamente tem um guarda-roupa, e, quando abro, vejo um pedaço estropiado de candelabro. Alguém, pelo visto, bateu ele na parede e atravessou até o guarda-roupa.

Está ficando interessante. Deve haver mais indícios de conflito por aqui...

Mais a fundo vejo entalhes profundos... Causados por um objeto pesado?

Na mesa do Barão vejo ainda mais indícios de conflito, como o restante de um castiçal e manchas de vinho... Como se alguém tivesse quebrado uma garrafa... de Toussaint, Sim. Ervulece. Com o cheiro ainda vivo, sigo ele e...

Eu não imaginara. A trilha terminou em um degrau de uma escada, quando fui chegando mais perto... E mais perto... Ouço gritos do lado de fora da casa do Barão.

Quando vejo pela janela, era o estábulo do castelo pegando fogo e os homens do Barão em frente a ele perplexos. Comecei a correr rapidamente até chegar ao lado de fora da casa, e avistando um soldado, perguntei:

— Fogo! Vocês estão cegos? Ninguém está disposto a apagá-lo?

— Não é tão simples assim! A maioria tem medo! Quando o Barão tem um acesso de fúria, ninguém escapa! — gritou o soldado.

Sem pensar muito no comentário que ali me fora dito, fui de encontro ao estábulo em chamas. Entrando lá, quase perdendo o oxigênio, peguei o Barão inconsciente pelas costas e saí o mais rápido possível.

Chegando do lado de fora do estábulo, larguei o Barão no chão. E este agora, acordado e em estado de fúria, se levantou e tentou me acertar com um soco, que logo foi defendido e jogado ao chão.

No chão, segurando a gola de sua roupa, falei em alto e bom som:

— Precisamos conversar, “Sanguinário”.

De novo em seu quarto, o confrontei:

— Você a maltratava, você maltratava sua esposa! Não tive tempo de ver o quarto de sua filha, mas, você quer mesmo que eu acredite que você era um pai carinhoso para Tamara? Depois de tudo que vi?

— Não, Geralt... Nunca encostei um dedo na Tamara, nem uma vez. Ela sempre foi minha alegria de viver — disse Barão, em um tom de tristeza.

— Mas, e a Anna, sua esposa?

— Isso já é outra história. Ela... Sempre soube despertar minha ira.

— E como foi que sua esposa despertou sua ira?

— ... (Barão fica em silêncio)

— Como Barão? me responda.! — disse Geralt, irritado.

— Ah, Geralt... não tens ideia... Faz vinte anos que nos conhecemos. Como mais ninguém, ela sabia onde me cutucar, onde provocar, para que doesse.

— Então é isso, você a maltratava por lhe criticar? - disse Geralt.

— Você sabia que elas tinham fugido desde o começo, você sabia que elas não haviam sido sequestradas. — continuou Geralt, ainda mais irritado.

— Sim geralt, mas... — Barão é interrompido por Geralt.

— Não tem mas, não há mistério nenhum aqui, Você as afastou pelas suas ações, pelo seu temperamento. E, pelo visto, para elas, foi a gota d'água. Elas fugiram de você para terem uma vida melhor. Uma vida não de muita riqueza e luxo, mas de liberdade e felicidade, longe de você.

— E sua filha? Cansada de suas ações contra sua esposa. Fugiu junto de sua mãe.

— Barão... Não tenho mais trabalho aqui, não posso te ajudar sobre isso, você que terá que procurá-las e se reconciliar com elas. Não eu, você. — completou Geralt.

Depois dessa conversa, saí dos aposentos do Barão pálido. Ainda era novo na área, mas o que acabara de acontecer aqui era uma reviravolta que eu não imaginava. E, com certeza, seria algo que me lembraria pelo resto de minha vida como detetive.

Uma semana depois desse caso, em uma cidade próxima a minha, por obra do destino, encontrei uma mãe e uma filha trabalhando juntas em uma escola. Não conversei com elas, mas pelos seus rostos... Não podia estar enganado. Eram a Tamara e a Anna, felizes juntas, dando aula para as crianças.

E, pelo visto... aquele meu sentimento não havia se dispersado totalmente. Não era um sentimento de angústia, mas sim de felicidade no final das contas, felicidade pelo final delas.

Em contrapartida, também lembrei do Barão e como ele deveria estar agora, mas não pensei muito sobre isso.

Continuei meu caminho como detetive dali pra frente, mas sempre me lembrando desse caso, e me perguntando: “Veja os monstros que esse mundo pode nutrir”.

José Felipe Thebaldi de Araújo

O famoso caso do vaso irlandês

Era uma vez uma turma de quatro jovens amigos que se chamavam Cascata Holmes, Kelly Greschi, Lucilia Lucy e Asparquinho Scissors. Todos estavam na casa do amigo Miltinho, que era metido, para fazer um trabalho de escola. Os pais de Miltinho eram extremamente esnobes e colecionavam artefatos e quadros caros. Sua mãe tinha o estilo de vida *fitness* e todos comiam comidas *fitness* com ela.

Quando as luzes se apagaram, eles ouviram um barulho de vaso quebrando. Passados três segundos, as luzes se acenderam e eles observaram que o famoso vaso irlandês tinha quebrado. Um olhou para o outro sem saber quem quebrou e quem iria arcar com o prejuízo.

O primeiro suspeito foi o Asparquinho, pois ele estava próximo ao vaso quando as luzes se apagaram. Porém, segundo ele, o mesmo estava procurando uma vela para iluminar o local e concluírem os trabalhos da escola.

A segunda suspeita foi a Lucy, pois ela comia muito e estava indo em direção à cozinha. Segundo ela, estava com fome, mas, ao chegar na cozinha, deparou-se com uma sopa verde com aspecto ruim, e não quis comer, já que quem fez foi a mãe de Miltinho que era *fitness*. Então, ela abriu a geladeira e pegou um sorvete que ali estava.

O terceiro suspeito foi o pai do Miltinho, pois a Lucy disse que viu um vulto, e se escondeu em um cesto de roupa suja que estava perto da cozinha. O vulto era do pai, que admitiu não aguentar mais comer aquela comida verde e foi atacar a geladeira na cozinha, mas ele não percebeu que tinha uma casquinha com sorvete no chão e caiu e ficou inconsciente.

O quarto suspeito era o Miltinho, porque ele sumiu do nada quando as luzes se apagaram. E ele não quis falar onde foi, mas quando os outros ouviram um ruído vindo do porão, abriram a porta e viram um guaxinim. O Miltinho revelou que lembrava de um animal que ele tinha com 5 anos de idade que morreu. O pai não queria o guaxinim em casa, por isso Miltinho o escondeu no porão e estava levando comida pra ele.

O pai foi ligar para pegar o guaxinim, mas o telefone estava cheio de cola, aí o Cascata Holmes teve uma suspeita: ele viu que a mãe estava fugindo com um saco

de lixo. A Kelly Greschi conseguiu pegá-la, e o Cascata Holmes pegou o saco de lixo e disse:

— Como eu suspeitava! Ele pegou um pedaço do vaso e sua lupa e viu que tinha cola nos cacos do vaso. Ele chegou à conclusão que o vaso já tinha sido quebrado antes.

No final, a mãe confessou que foi ela que quebrou o raríssimo vaso irlandês, e ela explicou que quando estava fazendo pilates deu um chute sem querer no vaso. Ela colou os pedaços, mas percebeu que bem de perto dava para ver os trincados. Depois, ela pegou o telefone e chamou os amigos do Miltinho para fazer o trabalho da escola. Durante o trabalho, ela desligou a luz e quebrou o vaso novamente para tentar colocar a culpa em alguém, mas o telefone ficou sujo de cola e o vaso também. Então, Cascata Holmes e Kelly Greschi desvendaram o mistério.

O pai perdoou a mãe e ficou tudo bem, afinal, ele poderia comprar outro vaso irlandês e nenhum dos amigos teve que pagar o prejuízo.

Julia de Oliveira Fiorot

Eu, detetive

Eu, detetive Régia, estava tomando meu café da tarde com um cookie, ao lado do meu irmão caçula, Reginaldo.

— Reginaldo, esses últimos dias estão entediantes, estou precisando de mais casos para investigar!

— Calma, Régia, você precisa ser paciente. As coisas vão ocorrer no momento em que devem ocorrer. Tudo tem um propósito para ser como é.

— Ah, cansei de ouvir a mesma coisa, Reginaldo. Nem sei porque continuo conversando com você. Com você é filosofia pra cá, filosofia pra lá. Ah, eu não tenho paciência pra isso não, me desculpe.

Nesse momento, tocaram a campainha da casa, e Reginaldo foi atender. Não estava acreditando no que via. Era meu pai, o qual eu não via há 3 anos. Achávamos que ele havia morrido em um acidente de carro. Eu, meu irmão e minha irmã mais velha, a Regina, fomos abraçá-lo.

— Como é bom ter você de volta! — eu disse.

— É, nós sentimos muito sua falta! — completou Regina.

— Que é isso? me larguem! O que pensam que estão fazendo? eu nem conheço vocês.

— Hahaha, boa, boa, pai, você nos pegou nessa — disse Reginaldo.

— Do que que vocês estão rindo? Eu estou falando sério! Inclusive, saiam já da minha casa.

— Pai... — supliquei, sem ainda entender nada do que estava acontecendo.

— Pai? Eu não sou idiota para cair nessa brincadeira. Eu não tenho e não quero ter filhos.

— Olha só, eu não sei o que está acontecendo com você, mas, por favor, acredite em nós. Nós somos seus filhos! E sua esposa é a Angélica, que está em Londres a trabalho. — tentei explicar.

— Desculpe, mas acho que me confundiram.

— Se nós não fossemos da sua família, então como teríamos a chave da mesma casa que você? — argumentou Reginaldo.

Sei lá... Acabei de chegar do trabalho e não estou com cabeça para isso. Agora, vão embora.

Assim, nós três pegamos nosso saco de dormir e passamos a noite do lado de fora da casa. É muito estranho que o meu pai não tenha tido vontade de nos procurar e que não se lembre de nós, mas sim da casa. Enfim, ao amanhecer, ficamos esperando nosso pai acordar para dar a sua caminhada da manhã, e às 7h ele saiu.

— Pai, pai — disse, indo atrás dele.

— Ah não, vocês de novo.

— A gente não vai desistir até você acreditar. — disse Reginaldo.

— Não vou acreditar, assim, do nada.

— A gente consegue provar. Sabemos muito sobre você

— Por exemplo, você já comeu um pote de doce de leite inteiro, e por isso não come mais. — Regina disse, entrando no assunto — Outra coisa, você detesta recreação em festas, seu esporte preferido é basquete e sua cor preferida é branco

— Como isso é possível? Por que não me lembro de vocês?

— Calma, vamos tentar de ajudar, parece que você teve uma perda de memória — disse Reginaldo, sentindo alguma certeza nisso.

Me apresentei:

— Pai, eu sou detetive e vou investigar o que aconteceu com você, mas eu preciso que você me conte tudo o que lembra.

— Tudo bem. Eu lembro que havia uns homens, que..., que estavam com o rosto tapado, isso, e eu também lembro de um lugar grande, escuro, que tinha um monte de pessoas deitadas, com equipamentos na cabeça e... não consigo lembrar mais.

— Sem problemas. Quando lembrar de algo a mais, nos avise, tá? — completei, demonstrando minha paciência e boa vontade em resolver logo essa confusão.

Depois, papai continuou sua caminhada e nós três entramos em casa. Falei para os meus irmãos:

— Gente, com essas informações que o papai deu, acredito que o acidente de carro possa ter sido planejado pelos caras de rosto tapado, que provavelmente o levaram para esse tal lugar com pessoas deitadas e equipamentos na cabeça. O que acham?

— Faz sentido. Mas, e agora? Não temos pistas o suficiente ainda. — me respondeu Reginaldo.

— Podemos pesquisar pessoas desaparecidas na cidade e ver o que elas têm em comum, para descobrirmos o objetivo dessa suposta organização. — pensei.

Pegamos o computador e pesquisamos. Conseguimos descobrir que todas essas pessoas se destacavam pela boa alimentação e prática de esportes. Dei sequência à minha tese:

— Galera, geralmente pessoas saudáveis são ideais para serem cobaias de algum experimento!

— Foi o que eu pensei também. Se for isso, precisamos salvar essas pessoas, precisamos saber onde é esse lugar que o papai falou. — Regina interveio.

Meu telefone tocou. Logo que vi, disse a meus irmãos:

— Gente, papai está me ligando. Alô? Oi, pai.

— Oi filha, lembrei de mais uma coisa. Acho que o nome do lugar começava com R.

— Obrigada pai, acho que agora falta pouco para solucionarmos o caso!

Para encontrar esse lugar, demoramos mais de três dias, já que não aparecia no mapa. O que nos fez conseguir foi a pulseira que meu pai estava usando, que ela começou a piscar quando chegamos perto de uma floresta. Paramos o carro e fomos seguindo a pulseira, até ela nos levar para uma árvore pequena. Tentamos entender o que tínhamos que fazer por um tempo e foi quando eu percebi que a árvore era artificial e a tirei do solo. Para nossa surpresa, lá estava um buraco fundo, o qual resolvemos entrar, por uma escada que já estava lá. Meu pai parecia estar cada vez mais nervoso e pensativo.

Quando acabamos de descer a escada, encontramos uma porta marrom e pequena. Depois que entramos, nos encolhendo, vimos uma sala grande, cheia de pessoas deitadas em camas, desmaiadas, com equipamentos na cabeça, exatamente como meu pai tinha nos falado. Vimos também uma mesa com vários botões, que davam choque nas pessoas por meio do que elas usavam na cabeça. Apontamos as armas e salvamos as pessoas que lá estavam. Como conclusão, conseguimos solucionar o caso por completo: com base nos meus estudos médicos, as cobaias recuperaram a memória com o tempo e, provavelmente, esse projeto tinha o objetivo de controlar a humanidade inteira.

E por fim, tudo se acalmou. Meu pai voltou para casa, agora com sua memória recuperada, e pudemos voltar a nossa vida normal. Já eu, sigo ansiando pelo próximo caso! Só espero que dessa vez não envolva minha família.

Kenzo Plotegher Kina

Caso 0

Em 1993, o detetive John voltava a seu apartamento, quando recebeu uma ligação misteriosa de um anônimo. A ligação dizia que ele tinha que ir na rua do lado de sua casa às 19h30min. Logo após o detetive desligar o telefone, apareceu um novo contato em seu celular dizendo para ele não se esquecer.

Quando chegou tal horário, ele encontrou com um senhor que parecia bem suspeito. Na visão do detetive, aquilo não se passava de um trote. Até que, ele avista um homem todo encapuzado, cobrindo seu rosto com uma máscara, sendo assim impossível de reconhecê-lo. Este tal homem entrega um bilhete e vai embora, sem deixar muitos rastros ou vestígios.

Quando John chega em sua casa, leu o que estava escrito no tal papel. Era a localização de um esconderijo de uma organização criminosa que estava foragida há mais de 20 anos! O detetive ficou muito animado para investigar este caso.

No dia seguinte, o detetive foi até o local, que era uma fábrica de brinquedos que não era usada há exatamente 20 anos! Isso foi justamente desde as últimas aparições dessa organização, e, na mente de John, isso tinha alguma coisa em comum.

Se fosse comparar as datas, quando John deu seu primeiro passo para dentro da fábrica, as luzes se acenderam, sendo muito estranho um local ainda ter as luzes funcionando depois de vinte longos anos. John estava achando isso tudo muito suspeito, parecendo que alguém já esperava por ele.

John estava com um alto pressentimento que havia algo de errado, e isso lhe dava arrepios. Quanto mais ele se esgueirava para dentro da fábrica, mais o clima ficava assustador e misterioso. Até que, ele tropeçou e caiu num buraco que o levou até uma sala de reunião. John começou a ouvir passos, e então se escondeu em um dos armários da sala. Quando ele olha pelos buraquinhos do armário, havia homens encapuzados na mesa, homens que pouco segundos atrás tinham entrado na sala.

Então, os homens encapuzados comentaram sobre o próximo ataque deles, que seria no dia 30 de setembro às 23h59min no coliseu lá na Itália. Quando os homens saem da sala, John sai do local correndo para avisar as autoridades. Quando as autoridades chegam até o local indicado pelos homens, eles são capturados e pegos e descobrem que estes homens planejavam destruir as 7 maravilhas do

modo. O porquê disso, ninguém sabe. Pelo menos, John conseguiu os impedir antes que o pior acontecesse!

Laura Barbosa Vilaça Dutra

Sterling

Durante uma tarde chuvosa, enquanto trabalhava no meu escritório, vi uma ambulância ultrapassar todos os carros na rodovia em frente a minha janela. Em uma cidade pequena como a em que moro, ambulâncias não são algo comum, e, com certeza, o caso iria repercutir por toda a vizinhança. Mas não era hora de se pensar nisso, ainda faltavam horas até o final de meu expediente.

O telefone fixo ao lado de minha escrivaninha tocou, quebrando o silêncio que ali se instaurava. Antes de atender, calafrios percorreram meu braço, o que me fez repensar a escolha. Porém era apenas uma ligação de trabalho, o que poderia estar errado?

— Olá?

Perguntei, ao receber a ligação.

— Boa tarde senhor, falo com Victor Schmidt?

— Sim, eu mesmo. Qual seria o assunto?

— Seu tio, Francis Schmidt, irmão de seu pai, foi assassinado hoje, às 16h45 minutos.

— O que? Meu tio?

Tremi enquanto segurava o telefone próximo a minha orelha.

— Senhor? Está aí?

— Ah, sim. O velório...

— Precisamos que você venha até a casa dele urgentemente.

— Claro, estou indo.

Desliguei sem esperar resposta, e peguei minhas chaves penduradas na porta do escritório. Dirigia em meio a lama, tentando não perder o controle do carro. Em minha cabeça, repercutiam todos os momentos que tive com meu tio. Ele era extremamente rico e aparentemente esnobe, mas no fundo era uma boa pessoa. Passei menos tempo com ele do que gostaria, mesmo que tenha morado com ele durante anos, nós dois estivemos sempre muito ocupados.

Em instantes, me vi em frente a sua mansão, isolada na parte mais alta da cidade. Nas sombras da noite, a imponente mansão da família Schmidt se erguia, uma silhueta majestosa contra o céu estrelado. Um enclave de luxo e mistério, aquele

era o lar do imponente Francis. Os policiais entravam e saíam de dentro da mansão, mas eu mal reconhecia seus rostos, tudo embrulhava-se em minha mente.

Me aproximei da entrada, encarando a grande porta de madeira onde eu e meus primos costumávamos bater e sair correndo. Com anseio, adentrei sua residência, que agora não mais a ele pertencia.

As paredes cobertas pelo papel de parede verde escuro e antigo do corredor me levavam até a sala de estar. E lá estava ele, imóvel, e sua expressão demonstrava uma mistura de pavor e agonia, um testemunho mudo de uma vida abruptamente interrompida. Enquanto o encarava, senti alguém chegar pelas minhas costas e tocar meu ombro:

— Meus pênames, senhor Victor. Todos sabemos que seu tio era muito próximo de você.

Virei-me de costas para encontrar um homem de capa preta e terno por baixo. Sua face era indiscutivelmente peculiar, seu nariz era grande e ele tinha um bigode semelhante ao de Stálin.

— Desculpe, como sabe meu nome?

— Oh, sim, me desculpe. Detetive Agostini, Charles Ferri Agostini. Vim investigar o assassinato de seu tio.

— Ah, claro, entendo. Mas se puder me dar licença por alguns minutos. Obrigado.

Saí sem lhe responder e me apresentar devidamente, apesar de que ele provavelmente sabia mais de mim do que eu mesmo.

Dias se passaram desde a morte de meu tio, e eu ainda estava lá, sem notícias do que aconteceria. Eu me sentava em minha poltrona, olhando para o relógio na parede, ansiando por alguma resposta, da pior que fosse. E como se algum ser divino houvesse ouvido minhas preces mentais, o celular ao meu lado tocou. Atendi, com minhas expectativas crescendo a cada batimento do meu coração:

— Alô?

— Senhor Victor, certo?

— Sim, sou eu. Sua voz não me é estranha, nós nos conhecemos?

— Sou o detetive Agostini que falou brevemente com você no dia do óbito de seu tio. Vim lhe avisar que o velório e o testamento ocorrerão hoje mesmo, às 17 horas.

— E decidiram me avisar agora? Meia hora antes?

— Não fui eu que determinei isso. Caso você queira vir, o endereço é Rua Horácio Richter de Souza, número 265.

— Vou aparecer aí, obrigado por avisar.

— Não há de quê, senhor. Até mais.

Me despedi de forma meio rude, da qual me arrependi logo após cometer, mas não era hora para isso, o velório de meu tio aconteceria logo. Chegando no local, me deparei com parentes do qual não via há muitos anos. Embora seja mais novo, sabia muito bem que nenhum dos meus familiares realmente se interessava por meu tio, apenas pelo patrimônio dele. Não esperava nada de Francis, seu dinheiro não me era interessante. Logo vi o enigmático detetive encarregado do caso, que levantou-se rapidamente e veio em minha direção:

— Que bom ver o senhor aqui.

— Eu disse que compareceria.

— Está certo, mas existe a possibilidade de que não viria.

— Eu vim, sou um homem de palavra. Diferentemente de meus parentes que aqui estão, vim pelo meu tio.

— Tem certeza disso, Victor?

— Tenho, mas é claro que tenho! Nunca iria querer nada do meu tio!

— Qual foi a última vez que foi o visitar?

Realmente, há muito tempo que não visitava meu tio. Será que no fundo, eu realmente não queria nada dele mesmo?

— Isso é parte de alguma investigação?

— Sim, qualquer conversa é incluída na investigação.

— Bom, então serei honesto com você e darei todas as informações que precisará, mas quero algo em troca.

— Sem problemas, eu imagino.

— Quero o auxiliar no caso. Quero saber de primeira mão quem matou meu avô.

— Sinto muito, mas acho que não é possível que o senhor me ajude, trabalho sozinho.

— Eu insisto.

— Não posso deixar que isso aconteça.

— Então não lhe irei ajudar, até mais.

— Não! Senhor! Precisamos de seu depoimento!

Eu apenas o ignorei, e decidi que seguiria a investigação sozinho, não precisava daquele detetive arrogante.

Tempos se passaram e eu não havia conseguido nada, até que uma pista me veio à cabeça: os quartos secretos da mansão de meu tio. E lá estava eu novamente, em frente a longa porta de madeira escura de meu tio. As lembranças antes nostálgicas agora eram substituídas pela raiva de não conseguir resolver o mistério sozinho. Ao menos, Agostini também não havia feito nenhum processo, o que de certa forma me alegrava um pouco. Atrás da estante em sua biblioteca, estava uma pequena porta intocada há muitos anos, a qual meu tio me mostrou quando eu ainda era menino.

Dentro da sala escondida, muitos documentos antigos e mapas se encontravam espalhados pelo chão e em cima de uma mesa que se localizava no centro. Nada daquilo parecia interessante, todos os papéis eram velhos demais para serem identificados, tirando uma certidão de nascimento, datada de 1935.

A pessoa nascida em questão era uma mulher chamada Catarina Sterling, filha de outra família muito rica da cidade. As famílias hoje em dia se davam bem, quase não havia encontros, muito menos conflitos entre as duas. Porém outros documentos diziam o contrário: discursos e cartas de ódio, muitos envolvimento em facções e máfias e identidades falsas.

À medida que avançava nas investigações, camadas de traições, ressentimentos e segredos começaram a se desvendar. A fachada de riqueza e sucesso da família Sterling escondia uma rede de atividades criminosas e chantagens. Mas, seria isso motivo para os acusar de algo? Aparentemente não. Muitos outros poderiam ser suspeitos, além de que os conflitos eram muito antigos.

Dias, semanas e até meses se passaram e nada de resolver aquele mistério. Tudo coincidia na família Sterling, mas não seria certo culpar sem provas concretas, além de que não sou um detetive, não tenho certeza do que estou fazendo. No entanto, conforme as peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar, uma paranóia crescente começou a me consumir. Me encontrei com Agostini novamente, e precisava de sua ajuda. Para minha surpresa, ele aceitou me ajudar na investigação.

Aparentemente minhas informações eram mais preciosas que as dele. Fomos até a mansão várias vezes juntos, mas algo me incomodava. Cada olhar furtivo, cada suspiro nos corredores da mansão parecia carregar um significado oculto. A sensação

de que eu estava sendo observado era constante, uma sombra que me acompanhava em todos os lugares.

A sombra era Agostini. Talvez essa minha preocupação fosse apenas coisas da minha cabeça. Não confiava nele, e sentia que ele também não confiava em mim. Apesar disso, ele sempre encontrava as pistas muito rapidamente e era muito eficiente. A verdade era que tudo parecia muito suspeito, as pistas de Agostini levavam a outro suspeito: Geraldo, o jardineiro de meu tio. Ele supostamente estaria regando as plantas enquanto meu tio morreu, e o dia era chuvoso, não haveria necessidade de regar nada.

Mas, conversando com ele, o homem negava tudo. Agostini dizia que ele percebeu o erro que havia cometido, mas não parecia certo para mim. Enquanto as pistas apontavam para uma direção, a sensação de estar no meio de uma teia cuidadosamente tecida também crescia. Agostini escondia algo, e eu precisava saber o que era.

À medida que a investigação se aproximava do seu ápice, algo começou a parecer errado. Agostini se aproximava de mim, acusando-me de envolvimento no assassinato de meu próprio tio. Nunca esperaria algo assim dele, ele sabia muito bem que não era eu. Eu neguei com minha voz trêmula de indignação e medo. Agostini então abriu a porta atrás da estante, revelando o local onde encontrei os documentos de meu tio. Sim, eu estive lá, e esperava que ele soubesse daquilo, afinal, ele era um detetive profissional.

— Foi você?

Agostini me perguntou, enquanto entrava na sala.

— Não, você sabe que não fui eu.

Neguei novamente, apreensivo sobre o que ele iria fazer.

— Então leve tudo isso embora. A polícia vai revistar a casa amanhã, e se encontrar suas digitais aqui também, a situação vai se complicar ainda mais para você.

— Sim, boa ideia.

Finalmente alguma boa sugestão, não queria ser preso por algo que não fiz. Chegando em casa, no final da tarde, decidi revisar os documentos que trouxe. Nada parecia estranho, mas uma certidão de nascimento me interessou: de um homem chamado Francis Charles Sterling. O nome não me era estranho, o conhecia de algum lugar. De acordo com a data de nascimento, o menino hoje teria 30 e poucos anos. Lembrei então, e me levantei em um salto.

— O homem era Agostini.

Ele se apresentou para mim, mas da onde veio o nome Agostini? Seria tudo inventado? Saí correndo até seu escritório, e ele me esperava sentado em sua cadeira.

— Agostini? Por que nunca me contou? — perguntei, apreensivo.

— Uma hora você acabaria por descobrir, Victor. — Agostini me respondeu, mantendo sua calma.

— Já esperava que viesse, sinceramente. Eu deveria ter queimado os documentos que continham meu nome. Acho que agora podemos encerrar isso.

— Mas o que isso teria haver com a investigação?

— Ah, quase me esqueci de que você não é tão profissional assim. Bom, sua família tem importunado a minha há muito tempo. Seu avô, por exemplo, fez questão de se mudar para o outro lado da cidade só para não nos encontrar mais.

— Não sei onde está querendo chegar.

— Isso não seria motivo para fazer o que fiz, é claro, mas após o que seus pais fizeram, não poderia evitar que um dia acontecesse

— Sterling, enfim, não estou entendendo o que quer dizer? O que meus pais tem haver com você? E principalmente, o que tudo isso tem haver com a investigação?

— Ah Victor, tenho pena de você.

Agostini tira então um punhal de seu bolso, e uma luz se acende em minha mente: Ele matou meu tio e encenou uma personalidade farsa para arruinar minha família e culpar um inocente pelo crime.

— Agostini, não ouse fazer isso.

— O jardineiro está lá fora, pronto para ser culpado. Vamos agilizar isso.

O choque paralisou minha mente enquanto ele detalhou seu plano. A motivação por trás de sua traição permanecia nas sombras, uma incógnita que me atormentaria. Sua voz sussurrou ameaças e seus olhos brilharam com a promessa de violência. Eu me defendi da melhor maneira possível, mas a luta era desigual. A traição era forte demais, e Agostini era implacável. Senti a mão fria da morte se aproximando enquanto nossos olhares se encontravam uma última vez. E então, tudo ficou escuro.

Livia de Oliveira Fiorot

O sumiço da rainha e da princesa

Um belo dia, o rei Marcos, resolveu dar uma festa em seu palácio, com o intuito de comemorar seus 30 anos assumindo o cargo de rei. Alguns minutos depois, as pessoas começaram a chegar. Dentre elas, estavam a rainha e a princesa.

Passado um tempo, as pessoas começaram a notar que a rainha e a princesa tinham sumido, então o rei começou a se preocupar e ligou para John, seu amigo, detetive:

— Alô, John, preciso da sua ajuda para uma investigação!

— Oh meu Deus! Me conte o que aconteceu, amigo.

— Resolvi dar uma festa no palácio hoje e minha esposa e minha filha sumiram do nada.

O detetive ficou boquiaberto.

— Meu Deus! Não se preocupe vou te ajudar com a investigação deste caso.

— Nossa! Não sei nem como te agradecer! Muito obrigada, John.

— Por nada. Preciso saber quando elas sumiram.

— Logo assim que a festa começou.

— Ok.

John desligou o telefone e foi procurá-las em lugares mais próximos ao palácio. Ele se deparou com um parque e começou a fazer investigações nele. Depois de algumas horas andando pelo parque, o detetive encontrou um bilhete dizendo: ninguém nunca irá nos encontrar! As mãos do detetive começaram a tremer e então John ligou para Marcos.

— Meu amigo, estou em choque. Encontrei um bilhete delas.

— E o que dizia esse bilhete?

— “Ninguém nunca irá nos encontrar”.

Marcos também entrou em choque, mas as investigações continuaram. Algumas horas depois, eles encontraram um copo sujo de vinho e uma garrafa. Então, eles começaram a pensar e concluíram que a rainha e a princesa tinham tomado muito vinho antes de chegar à festa e o efeito desse vinho era o sumiço, ou seja, elas tinham sumido inconscientemente.

Logo depois que o vinho fez efeito, elas estranharam o lugar onde estavam, mas sabiam que o vinho podia ser uma suspeita do sumiço, então, leram o rótulo da garrafa e confirmaram que um dos efeitos do vinho era o sumiço.

Enquanto isso, John estava olhando o que aconteceu nas câmeras e comunicou a Marcos, que ficou aliviado.

— Que bom, obrigada pela ajuda, de verdade.

A princesa e a rainha resolvem voltar ao palácio e se desculpam e justificam toda a situação e relataram que estavam sumidas no parque e eles voltam a ter uma vida boa como antes.

Livia Vescovi Licerio

Um dia de Peter Collins

Era uma noite escura e densa, em uma pequena cidade no interior do país. Peter Collins era um conhecido escritor de romances policiais do vilarejo, trabalhando em sua biblioteca particular, herdada de sua família por parte de pai. Ela era antiga, tinha pinturas espetaculares e misteriosas, chão de madeira e uma escada que dava para o segundo andar repleto de livros antigos, onde se encontrava uma mesa. Sr. Collins passava a maior parte do seu dia escrevendo romances. Foi quando Peter recebeu um telefonema enigmático. Uma voz grossa, tal qual de um homem adulto, do outro lado da linha sussurrou:

— Preciso de ajuda. Alguém está tentando me matar.

Sem ter tempo de Collins responder, a ligação cai.

Peter, com sua experiência em imaginar suas histórias sabia que não podia ignorar, pensou rapidamente e conseguiu a gravação da chamada, foi quando conseguiu escutar uma voz baixinha ao fundo:

— Rua Jack Monteck, 623.

Dr. Collins anotou em um pequeno pedaço de papel e correu em direção a rua, debaixo de uma chuva fina, que molhava mais que a forte, e foi até o tal endereço.

Após 15 minutos de caminhada, Peter estava encharcado, foi quando chegou no destino: era uma boate que não está no horário de funcionamento. Lá, encontrou uma mulher misteriosa e elegante, desesperada moça que logo se apresentou como Helena. Ela disse que era a esposa do dono de uma grande empresa de tecnologia e tinha suspeitas de que seu marido estava correndo perigo.

— Sr. eu que falei com você pelo telefone. - Disse Helena.

— Mas é verdade que o suspeito do meu marido está em perigo.

Aquela história estava muito estranha, mas Peter, com sua persistência e sagacidade, começou a investigar o caso.

Ele fez perguntas a Helena. Collins descobriu que havia uma conspiração envolvendo a empresa e alguns de seus funcionários. Descobriu que Helena não era quem ela dizia ser, mas sim uma agente secreta disfarçada e que na verdade foi ela que recebeu um pedido de ajuda misterioso no celular. Peter, intrigado e com um pouco de raiva da situação, não fez mais perguntas e ajudou Helena a desvendar esse tão temido mistério.

Com a ajuda de Helena e algumas pistas que ela tinha conseguido anteriormente com informações que Peter não queria perder tempo perguntando como as conseguiu. Helena levou Collins até a empresa onde tinha conseguido informação de seu endereço, mas era tarde demais, encontraram o dono da empresa morto. Com as pistas, relatos e rastros não muito deixados, pois não tinha rastros de sangue ao redor do corpo, juntos, Helena e Peter desvendaram o mistério rapidamente.

Um dos funcionários que tinha interesses estava tentando roubar informações confidenciais, mas o chefe acabou descobrindo, então preferiu persegui-lo e tirar a vida do homem. Mas, graças a Peter e Helena, ele foi preso.

Uns dias depois, Collins recebe uma ligação rápida:

— “Compareça ao centro de convenções.”

Curioso, Peter foi até o local. Lá, encontrou Helena novamente, que o revelou ser de uma família muito rica e disse que ele estava sendo testado. Sr. Collins recebeu de sua “parceira” de crimes uma quantia de 9 milhões.

Peter, impressionado com o tanto de dinheiro recebido, logo se mudou para outro país e investiu na sua carreira de escritor. E, assim, Peter Collins encerrou mais um capítulo de sua vida cheia de mistérios e aventuras policiais.

Luiza Batista Barboza

(TÍTULO)

Um amigo distante me convidou para ir ao seu iate no final de semana da minha lua de mel. Eu e meu marido Toby, ele era um grande detetive. O meu amigo Charles Cleinm tinha me dito várias coisas que aconteceram quando não tínhamos muitos contato.

— Lembra do meu tio Llory? Então, tudo o que ele quer ele consegue, mas desta vez, ele “roubou” a minha namorada.

— Nossa, Charles. Eu não sabia disso, sinto muito.

Quando pousamos nos portos Europeus, vimos um lindo iate, muito grande, glamoroso, chique, que os meus olhos ficaram espantados. Toby disse que é muita ostentação para nós, mas eu só o ignorei e subimos pelo pier.

Fomos nos acostumando com tanto luxo e, à noite, descemos ao salão para comer. Lá, nós apenas conhecíamos Charles, então resolvemos ficar por perto dele. Até que o seu tio Llory desce as escadas e se encontra com sua “amada”. Todos param em volta para ouvir o que ele tinha a dizer:

— Eu queria agradecer a presença de todos aqui. Ao meu grande amigo Hussan, pela qual a herança sempre esteve na família. Ao meu sobrinho, Charles. O coronel que sempre esteve me protegendo, meu único filho, Josh. O Juan, que sempre manteve nossa equipe em primeiro lugar. Juan era estrangeiro, então não entendia a nossa língua. A minha melhor amiga de carreira cinematográfica, Margot Stan. E a minha querida noiva. Eu fiz questão de colocar o nome de todos no meu testamento, para perceber que vocês todos são sanguessugas do meu trabalho duro durante anos. Então mudei todo o testamento, transferindo toda a minha riqueza à minha noiva, Allysa.

Eu e Toby não estávamos entendendo nada até o momento, pois ele nem ligou para a nossa presença. Estávamos espantados. O sr. Llory se aproximou da mesa para assinar os papéis, porém, na hora, as luzes se apagaram e ouvimos um barulho de faca. Quando as luzes se acenderam novamente, Llory foi jogado no chão com uma faca no seu peito. Ficamos em espanto, imediatamente chamamos a polícia e eles começaram a investigação.

— Vou entrevistar todos vocês para ver se eu consigo um aumento no meu salário esse mês... Tá, vamos começar. — Todos já tinham sido entrevistados, só faltava eu e meu marido.

— Ouvi muito de vocês, mas, não posso tomar uma conclusão precipitada.

— Mas você vai nos liberar assim? Sem mais perguntas?

— Vou, mas tomem muito cuidado com o que estejam planejando fazer neste final de semana.

Eu e Toby voltamos ao quarto pensando em quem teria matado, mas fomos interrompidos por um barulho de tiro. Seguimos o som até o corredor e vimos Josh caído no chão, ferido, e uma figura encapuzada passando por trás do corredor, deixamos as autoridades cuidarem disso e fomos dormir pois, Juan tinha nos convidado para a sua corrida de Fórmula 1.

No dia seguinte, chegamos à pista e assistimos a Juan correr. Eu avistei uma figura estranha e fui seguir, pois algo dentro de mim sabia que era o assassino. Eu peguei um prato em uma lojinha que tinha ao lado e machuquei a sua cabeça. Mas, de noite, recebemos um convite em nosso quarto, dizendo para vigiar o comandante. E foi exatamente isso o que fizemos, vigiamos o comandante. Mas, nada de suspeito aconteceu, até que ouvimos um grito. Saímos correndo, mas aparentemente só nós ouvimos o barulho.

Depois de dois dias de investigação, descobriram que o barulho que ouvimos no quarto foi no momento em que Charles foi atingido. Eu fiquei em choque total. Mas, eu disse a Toby que era para tomarmos uma atitude. Ligamos para os policiais e falamos que sabíamos quem era o assassino, ou melhor, os assassinos.

Combinamos de nos encontrar em um local mais reservado, então estavam todos no mesmo lugar. Eu, Toby, Juan, Hussan, Margot, o comandante. Sentimos falta da noiva de Llory, até descobrirmos que ela faleceu por um acidente de carro enquanto estava vindo para cá. Então, seria apenas nós e os policiais.

— Vocês falaram que sabem quem é o assassino. É verdade?

— Claro que sim, nós não mentiríamos para os oficiais.

— Tá bom, né. Mas falem, quem é?

— Vamos relembrar os fatos. O primeiro a morrer foi o sr. Llory, logo depois o seu filho, Josh. Vindo para cá, onde seria revelado o assassino, a noiva dele. Recebemos de noite no nosso quarto uma carta dizendo para ficarmos de olho no comandante, e foi o que fizemos. Mas sabemos que não é ele.

Entramos escondidos no quarto do Hussan e descobrimos que ele estava jogando cartas com a Margot, então não é ela. E o Juan estava na corrida

— Tá, mas vocês falaram e falaram e ainda não sabem?

— Óbvio que nós sabemos.

— Espera, agora é minha vez de falar. Quando persegui o assassino eu joguei um prato na sua cabeça, e isso deixou uma marca. Margot, tire o seu chapéu.

— Não. Hussan me deu esse chapéu e eu gosto muito dele.

— TIRE LOGO ESSE CHAPÉU!

Ela não queria tirar o chapéu, então os policiais tiraram a força e ela realmente tinha uma cicatriz. Ela imediatamente foi presa. Fomos depois para o lado de fora do “palácio” para relaxar um pouco e tomar umas taças de champanhe.

— Eu não estava aguentando mais isso — Juan me entrega uma taça —
Obrigada, Juan.

— Não tem de quê.

Até esse momento, Juan já estava longe de nós.

— Espera, Toby... Como Juan entendeu a nossa língua?

Nicolly Koefler Delfino

O sumiço da irmã

CAPÍTULO 1

A voz, que já era firme e grossa, foi ficando cada vez mais perto, como se alguém estivesse chegando mais perto.

Estava prestes a ir embora quando ouvi uma voz diferente da outra. Ela era mais fina, logo achei que era uma criança, parecia um grito, e era uma menina, a voz saiu com um tom de medo.

Sabia que já tinha escutado em algum lugar, só não conseguia lembrar de onde. Pensei mais. Lembrei de quando estava brincando com a minha irmã em um dia chuvoso que minha mãe tinha saído. Não consegui conter o choro. A voz era dela, eu tenho certeza. Foi quando ouvi o barulho de um vidro se quebrando no chão. Fiquei assustada, porque sabia que ela estava lá, não sabia o que fazer, só sabia que não podia deixar ela sozinha de novo.

CAPÍTULO 2

A condição financeira da minha família sempre foi muito boa, claro, não éramos muito ricos, mas também não muito pobres. Nunca passamos por dificuldades, e eu sempre ganhava o que queria. Mas, para isso, minha mãe e meu pai sempre trabalhavam muito. Eu sempre tive que cuidar da minha irmã durante a tarde. Nunca me importei muito com isso, às vezes até gostava. Bom, até chegar à adolescência, foi quando comecei a reclamar disso. Falava que não aguentava mais, e que era insuportável ficar lá igual uma babá.

Um dia, era aniversário da minha amiga, Lívia, ela tinha me chamado, e eu ia, até minha mãe falar que eu tinha que ficar com minha irmã porque ela ia trabalhar. Fiquei brava, mas mesmo assim disse "ok".

Quando ela saiu, eu esperei um tempo e fui para o aniversário da Lívia, achando que não teria problema nenhum. Eu tinha de 13 a 14 anos na época, então ainda era muito imatura. E me arrependo disso até hoje.

Quando estava na festa minha mãe não parava de ligar, eu desligava toda hora, porque achei que ela iria perguntar como Karen (minha irmã) estava. A festa acabou e então pedi carona para casa.

Quando cheguei, logo vi minha mãe. Ela estava pálida, tremia muito, dava para ver o coração dela bater da entrada da casa. Abri a boca pra perguntar o que estava acontecendo, mas ela foi mais rápida:

— Isabel Pankow, onde está a sua irmã mais nova? — sua voz saiu trêmula, mas ainda assim com um tom de autoridade.

Sempre ficava com medo quando ela falava assim. Senti uma pontada de culpa no coração, mas pensei: ela deve estar em algum lugar da casa. Não se preocupe, Belly, não se preocupe. Minha mãe interrompeu o pensamento, parecia que ela estava ouvindo tudo o que eu pensei porque disse:

— Procuramos dentro da casa e o bairro inteiro, ela sumiu. Não está em nenhum lugar, e adivinha quem estava “cuidando” dela? Exatamente, você!

Quando ela terminou de falar isso, senti uma pontada ainda mais forte. As suas palavras ainda pairavam sobre a minha cabeça. Era tudo culpa minha. Se eu estivesse cuidando dela, nada disso teria acontecido. Eu achava que iria ter um infarto, comecei a ficar ofegante, mas, mesmo assim ela continuou:

— E fica ainda pior, quando eu te liguei 36 vezes e você ignorou todas elas. E a festa? Foi legal? se divertiu muito? É sério, Isabel? O que deu na sua cabeça para fazer isso? Eu espero muito que você encontre ela algum dia da sua vida, porque se não encontrar, eu nunca vou te perdoar.

Eu nunca vi a minha mãe daquele jeito, ela estava alterada, nervosa. Quando ela terminou de falar, eu comecei a chorar como nunca chorei desde quando eu nasci, era um choro de culpa, tristeza, negação, nunca vi aquilo na vida. Mas, depois daquele momento, prometi para mim mesma que iria encontrar ela. E, desde então, minha vida mudou. Todos os dias, até hoje, eu espero encontrar ela de novo.

Hoje tenho 17 anos, falta um mês e meio para fazer 18, e sempre procuro pistas no meu tempo livre.

CAPÍTULO 3

A polícia já deu o caso como encerrado. Acusaram o Mason (meu vizinho) de ser o culpado. Só que eu sabia que não era ele, e que ele tinha sido acusado injustamente. Eu o conheço desde que nasci, e ele nunca faria isso. Mas, ainda não

tenho certeza de nada. E acho que o único jeito de descobrir era indo na prisão ir falar com ele.

Chegando lá, tive que assinar um monte de coisas e esperar um tempão. Chamaram meu nome e fui para uma sala esperar ele chegar. Tinha um segurança muito mal encarado na porta. Mas enfim. Ele chegou. Eu disse, tentando ser simpática.

— Oi — estava muito nervosa, porque ele foi acusado de sequestrar a minha irmã, não sabia nem como falar com ele.

— BELLY? Respondeu ele, assustado — O que que você tá fazendo aqui, por acaso perdeu o juízo? E sem contar que aconteceu aquele...

Interrompi ele na hora. Não podia deixar ele terminar de falar.

— Vim aqui falar exatamente sobre isso. Antes que pense que eu vim te julgar e ficar falando um monte de coisa na sua cara. Não, eu vim exatamente para ouvir o que você tem a dizer.

— O que eu tinha para falar, eu já falei! Eu não sequestrei sua irmã, e sei que sabe disso melhor do que ninguém, Belly.

Abri a boca para falar, mas ele interrompeu

— Nunca faria isso com você e sua família, minha mãe me deu educação, e vocês sempre ajudaram a gente nos momentos mais difíceis da vida, não sou ingrato. Olha, para mim, você sabe que eu não fiz nada, né?

Não sabia o que responder, afinal, era verdade, ele tinha toda razão. E odiava isso. Eu sabia que ele não tinha feito absolutamente nada, até porque a polícia nem deu provas o suficiente. Realmente não sabia o que responder, meu orgulho não me deixava falar a verdade, mas também seria muito errado mentir, nunca me perdoaria. Respirei e falei:

— Não sei. Sinceramente.

— É sério, Belly? Todos os momentos brincando quando éramos crianças, rindo das piadas engraçadas do seu pai. Não adiantou de nada?

Quando ele falou aquilo, senti vontade de chorar. Lembrei da minha irmã e comecei a olhar para cima para tentar segurar o choro. Me despedi e fui pra casa.

Pelo menos de uma coisa eu tinha certeza: não foi Mason que sequestrou a Karen. O que eu já imaginava. Agora não sei o que fazer.

Passei a noite inteira pensando no que poderia ter acontecido. Estava me lembrando da festa, até que lembrei de uma coisa muito importante. A Lívia saiu bem cedo da festa, falou que tinha coisa da escola para fazer e ninguém falou nada. Pensei que ela deveria saber alguma coisa.

Bati na porta dela três vezes quando e, quando eu ia bater a quarta vez, ela respondeu. E disse:

— Oi, tudo bem?

— Oi, o que que foi?

— Bom, vim falar com você sobre o sequestro da minha irmã — minha voz falhou, e soluzei — lembra?

— Lembro, claro. Mas o que você quer saber?

— Tudo? Literalmente tudo

— Você descobriu? Como?

Não sabia do que ela estava falando, mas sabia que se falasse que sim, ela iria falar. Então, cliquei no gravador de áudio e falei:

— Sim

— Ok, então eu confesso que fui eu que sequestrei ela, junto com o Miguel, um colega de turma obcecado nela.

— Mas, por que você fez isso?

— Eu sempre tive muita inveja de você, porque você sempre teve uma condição boa, tinha tudo que queria, o menino que eu gostava era apaixonado por você. No oitavo ano, acho que queria ser você.

— Por que não me disse?

— Sei lá, eu me achava muito doida por isso

— Mas, cadê a minha irmã?

— Está com o Miguel, na casa de praia.

— Ok, estou indo. Daqui a pouco volto para falar com você.

CAPÍTULO 5

A casa de praia era muito longe, demorei 01h e meia para chegar. Cheguei no momento em que o livro começou. Depois que ouvi minha irmã falar gritei, chorando:

— KAREN?

— Irmã?

— Oi, sou eu Belly, Achei você. — Não consegui conter o sorriso. Ela me respondeu com um abraço, e Miguel veio logo atrás

— Miguel?

— Co... como você descobriu?

— Tenho minhas fontes — sorri — posso levar vocês para casa da Lívia?

Temos que conversar.

— Tudo bem.

CAPÍTULO 6

Voltamos para casa da Lívia, falei que o que eles fizeram foi grave, mas não iria entregar ninguém para a polícia. Porque eram meus amigos, mas eles iriam ter que pagar para o Mason sair da prisão.

Quando eu e minha irmã chegamos, minha mãe gritou e nos abraçou e conversamos muito sobre tudo o que aconteceu.

Pedro Giacomini Espíndula Cavalcanti

Mistério na prisão

A história é de Portos, um especialista em testar prisões de segurança máxima nos Estados Unidos. Contratado pelo Governo Federal, ele finge ser um preso temporariamente para descobrir as brechas de cada penitenciária.

Um dia, iniciando a fuga de mais uma prisão de segurança máxima, dentre as várias das quais fugiu, ele percebeu que essa era diferente das outras. A diferença dessa prisão era que o espaço dela era mais curto, a mente dele falava que ele, dessa vez, não ia conseguir. Mas ele não iria desistir, porque ele não vai dar ouvidos a essa voz. Dessa vez, vai ter de pensar um pouco mais antes de agir.

Portos, estava mais um dia na prisão que não sabia onde ficava, e foi tomar café com seu colega de cela. Portos era um cara observador e um tanto misterioso, e tinha muitos inimigos dentro da prisão e era rodeado de babacas. Seu único amigo era Hotte Myer, que se conheceram dentro da prisão através de uma briga entre Portos e um outro preso. Nesse dia, Portos estava muito machucado e ensanguentado, quando, de repente, seu amigo Hotte o salvou da morte.

No dia seguinte, ainda muito machucado, Portos foi trabalhar acompanhado de seu amigo. Hotte teve que se separar para tomar um banho e deixou seu amigo sozinho na cela. Nessa hora foi quando tudo aconteceu. Hotte, do banheiro, ouviu um grito muito alto, e saiu desesperado correndo. Ele ficou chocado com o que viu: seu amigo estava jogado no chão com várias feridas pelo corpo.

Portos tentou ajudar, mas ele não se mexeu mais. Portos então pensou em tentar resolver esse mistério e entender de onde vinham as feridas, mas estava cansado demais. Não gostava mais de testar prisões e não queria mais se arriscar.

Por causa desse mistério, mudou de vida. Não valia a pena viver assim.

Rafaella Amorim Rodrigues Dalbem

O mistério no navio

Sou uma detetive de alta classe muito conhecida. Mas, ultimamente, eu estava tirando um tempo para cuidar de mim, então resolvi tirar férias em um navio.

Antes de contar, devo explicar que fui convidada pelo comandante do navio, o sr. Albuquerque, e sua filha Catarina Albuquerque. A filha do comandante me disse que gostava muito dos meus livros e que tinha lido vários. Então, eles me convidaram para o seu novo passeio no navio.

Voltando... Eu tinha visto a sra. Catarina morta, jogada no chão e resolvi tomar uma atitude. Disse que faria uma investigação com todos que estavam no local ou tinham algum vínculo com Catarina. Comecei por sua melhor amiga, Jennifer.

— Você é a melhor amiga de Catarina, não é? O que você estava fazendo na hora do crime?

— Eu estava no bar com o noivo da ‘Cat’.

— Vocês estavam sozinhos no bar, sem Catarina?

— Sendo bem sincera, eu sempre achei ele um cara charmoso.

— Ok... Já tenho o que preciso, mande chamar o próximo.

Eu sentia que o noivo de Catarina teria algo com o crime acontecido, mas muita coisa ainda estaria por vir.

— O senhor é o noivo de Catarina. O que estava fazendo na hora que o crime foi feito? — perguntei a ele.

— Eu estava com Catarina e sua amiga no bar, ela disse que iria se retirar, pois precisava tomar um ar. Eu talvez tivesse tomado umas duas garrafas de vinho ou mais, apenas sei que, quando me levantei para ir atrás de Catarina, eu caí no chão e fui acordado logo depois pelos atendentes do bar.

— Você, eu ficarei esperta, mas até que não tem como você ter tido algo a ver com o crime.

— Pelo menos você me entende, dona — disse o noivo, com um certo desdém no olhar.

— Saia já logo daqui e chame o próximo da fila!

Descobri que o comandante, apesar de pai ausente, estava realmente trabalhando na hora que a filha sofreu atentado. Ele detectou um grande *iceberg* em

nossas rotas, então teve que mudar o nosso trajeto para que não houvesse uma grande coalizão.

Ao entrevistar a babá de Catarina, descobri que ela era um doce e realmente amava Catarina. Era sua babá até hoje para compensar a ausência que o pai fazia. Na hora do atentado, ela contou que tinha ido ao quarto pegar os remédios e o terço para rezar.

Eu estava aliviada, mas ao mesmo tempo com muito medo do que levaria o assassino a fazer isso, pois ele não teria motivo algum.

— Devo dizer a vocês que sei quem é o assassino de Catarina. Com uma melhor amiga falsa, um noivo possivelmente traidor. Só nos resta a babá.

— O quê? Mas eu não machucaria a minha menina! Eu contei a verdade.

— A verdade?! Sério que você ainda tenta mentir?

— Mas eu contei a verdade. Até um certo ponto. Eu realmente tinha ido ao meu quarto pegar meus remédios e meu terço, mas também peguei a arma do crime. Eu logo tomei um susto e acabei jogando a arma no mar. Não vi mais a arma do crime desde então.

— Eu sei, por que quem realmente colocou a bala na arma foi... eu! — disse, surpreendendo a todos.

Eu venho acompanhando a família Albuquerque a gerações, sei cada passo que eles deram durante séculos. E isso começou com meu tataravô. Ele era amigo de um conhecido, um tal de João Albuquerque. Eles eram amigos íntimos, conheciam tudo um do outro, porém o João Albuquerque traiu o meu tataravô, roubando todas as suas coisas e bens. Então, meu tataravô deu um fim nele, se é que vocês me entendem. Isso foi passado do meu bisavô, meu avô, meu pai... E agora chegou a minha vez, e quem me ajudou nisso foi Catarina.

Nesse momento Catarina entrou pela porta principal.

—Olá, Catarina.

—Olá, detetive. Já descobriram o que aconteceu? Olá, papai. Sentiu minha falta?

Todos estavam abismados após a entrada de Catarina pela porta. Forjamos o crime para nos vingar e mostrar para aquelas pessoas que não precisávamos dela. Chegou a vez dessa geração Albuquerque lidar com as consequências! Depois dessa vingança, voltei à folga em grande estilo.

Sophia Aboumrads Orlandi dos Santos

Férias inusitadas

Durante as minhas férias com minhas amigas, vivemos uma experiência que jamais poderíamos imaginar. Tudo começou de forma tranquila e divertida, com risadas, aventuras e momentos inesquecíveis. No entanto, um acontecimento inesperado mudou completamente o rumo da nossa viagem.

Em um belo dia, uma das minhas amigas desapareceu. Ficamos preocupadas e assustadas, sem entender o que poderia ter acontecido. Começamos a procurar ela, percorrendo cada canto do local onde estávamos hospedadas. A aflição tomava conta de nós, pois não tínhamos ideia do que poderia ter acontecido com ela.

Foi então que, para nossa surpresa, começamos a receber mensagens anônimas. Essas mensagens afirmavam que algo terrível havia acontecido com a nossa amiga desaparecida e que, para encontrá-la, teríamos que pagar uma quantia de dinheiro considerável. O desespero tomou conta de todas nós, pois não tínhamos ideia de como lidar com essa situação.

Decidimos não nos render ao medo e à chantagem. Em vez disso, resolvemos investigar. Começamos a juntar pistas, analisar as mensagens recebidas e buscar qualquer informação que pudesse nos ajudar a desvendar esse mistério. Foi um trabalho muito difícil, mas estávamos determinadas a encontrar nossa amiga e descobrir a verdade por trás de tudo isso.

Com o passar do tempo, as peças começaram a se encaixar. Descobrimos que as mensagens anônimas eram, na verdade, enviadas pela própria amiga desaparecida. Ela havia tramado tudo como uma forma de se vingar de nós de um acontecimento que aconteceu. Ficamos chocadas e magoadas ao descobrir que alguém em quem confiávamos tanto poderia nos fazer mal dessa maneira.

Apesar da dor e da traição que sentimos, decidimos confrontar nossa amiga. Queríamos entender os motivos por trás de sua atitude e tentar resolver essa situação da melhor forma possível. Após uma conversa, percebemos que ela estava passando por problemas pessoais, e que sua vingança era uma forma distorcida de lidar com suas próprias frustrações.

No final, conseguimos superar essa experiência traumática juntas. Essas férias, embora tenham sido marcadas por um problema, nos ensinaram a importância da empatia.

Tais de Oliveira Fiorot

A misteriosa morte do pipoqueiro

Era uma tarde chuvosa, e eu estava correndo para pegar a menor quantidade de chuva possível, já que nunca me lembrava de andar com guarda-chuva. O pipoqueiro estava lá, como de costume, abrindo uma tenda em cima de seu carrinho de pipoca.

— E aí Anna, não vai comprar a sua pipoca das sextas-feiras?

— Ah! Hoje infelizmente não... Preciso ir antes que a tempestade aumente.

— Tá bom então, até semana que vem?

— Com certeza!

Desse dia em diante, ocorreu tudo normalmente, e na próxima sexta feira eu havia o encontrado, mas ele estava esquisito. Nunca tinha feito isso antes, mas dessa vez implorou para que eu comprasse a pipoca como se o fato de eu não comprar o deixasse sem rumo. Achei estranho, mas deixei para lá. Mal sabia eu que esta era a última vez que eu o veria.

Na semana seguinte, ele não estava lá e seus familiares não souberam explicar exatamente o que lhe aconteceu. Os motivos que o levaram a morte. Ficaram tão chocados como eu. Uma morte abrupta às 13h do dia de hoje.

— Por isso vim até aqui, Sr. Mário. Não aguento mais viver nesse mistério.

— Certo, obrigado por confiar em mim para solucionar esse caso. Este é o meu número, irei mantê-la avisada sobre qualquer pista. Agora, preciso que volte para sua casa e deixe-me pensar um pouco a respeito.

— Sr. Mário, o que vamos fazer agora? Já tem algo em mente? — disse Jacob, o ajudante de Mário.

— Você poderia me trazer um café, já que está tão animado, enquanto eu fico aqui analisando o caso. Cada detalhe vale ouro.

Fiquei na delegacia por um tempo processando tudo. Será que a morte teria sido abrupta mesmo? Parecia uma questão de semanas, pois em uma sexta-feira o pipoqueiro estava bem, na outra estava esquisito e na outra havia morrido. Por que será que o sujeito implorava a compra de pipoca? Só Anna percebeu isso, ou seus outros clientes também?

— Jacob, o que você acha de dar uma volta? Vamos até o lugar onde o pipoqueiro vendia sua pipoca.

— Claro, chefe. Estava mesmo entediado nessa delegacia.

Chegando lá, perguntei para todos os moradores daquele bairro se compravam ou já compraram a tal pipoca e os quais me confirmaram, perguntei se haviam notado algo de estranho em seu comportamento. Nenhum deles notou absolutamente nada. Fomos até a casa do pipoqueiro para ver se sua família tinha alguma informação.

— Olá, sou o detetive Sr. Mário e estou aqui para falar da morte do filho de vocês, Jorge Fullen.

— Ah! Detetive, foi a pior coisa que já me aconteceu... Nunca pensei que meu filho, tadinho, ia morrer assim, tão novinho!

— Sinto muito, senhora... Como estava a convivência com ele recentemente? Ele estava esquisito com vocês?

— Não, nosso filho estava feliz como sempre foi... Não merecia isso, seja lá o que tenha o matado.

Então ele só estava esquisito com a Anna... Interessante.

Quase de saída, encontrei uma gota de sangue perto do quarto do desaparecido. Achei suspeito e, por isso, esperei eles irem trabalhar no dia seguinte e fui com Jacob investigar esse quarto. Havia somente uma gota de sangue no chão, porém o chão tinha acabado de ser limpo. Percebi por causa do cheiro e do piso escorregadio.

O quebra-cabeça começava a se encaixar quando, diante do chão lavado recentemente, percebe-se o fato de que a mulher estava com um pano molhado em seu ombro no momento em que conversamos, mais ou menos 2 horas depois do desaparecimento de seu filho. Mas, por que a mulher estaria limpando o sangue do quarto de seu filho? Será que ela tinha matado o próprio filho? Ou estaria cobrindo o crime de alguém? Como isso tem a ver com o fato de o pipoqueiro implorar somente a Anna para comprar sua pipoca? Essas dúvidas seriam respondidas em breve. Foi então que ouvi os pais da vítima conversando com um homem do lado de fora da casa:

— Por favor, não nos obrigue a fazer mais nada. Já estamos escondendo o fato de você tê-lo matado...

— Apenas cumpra com as minhas palavras, ele que não acreditou que se não conseguisse a quantia de dinheiro que lhe disse vendendo para apenas uma cliente estaria morto.

— Até quando vamos ter que cobrir você?

— Até quando eu quiser, senão vocês vão acabar igual ao filho de vocês.

Nessa mesma hora, eu e Jacob pegamos nossas armas e prendemos o assassino. Informei à Anna que o caso havia sido solucionado e assim acabou nossa grande investigação.

CONTOS

9º ANO - CONTO PSICOLÓGICO

Arthur Pereira Heid Furley

Instinto

José estava em sua casa a observar o planar das aves, ininterruptamente, quando sua mãe lhe enviou uma mensagem dizendo para ele passar na farmácia, pois ela precisava comprar um remédio para dar sequência a seu tratamento. Como ela estava ocupada trabalhando em pleno domingo, pediu a seu filho esse favor. José estava muito cansado para aceitar a ordem da mãe. Diria até que ele estava mais é com preguiça. Então, ele só continuou ali, observando o voo dos pássaros.

Acabou adormecendo naquela tarde de domingo. Sua mãe chegou do trabalho e se deparou com seu filho esparramado no sofá da sala. Naquela hora, seus pensamentos turbulentos só se ligavam a uma coisa: “o que esse menino tá fazendo aqui?!” Seu instinto era acordar o filho e dar uma bronca nele, mas seu outro sentido falou mais alto: o de mãe. Mesmo que o menino tenha desobedecido ela, ele era apenas uma criança.

Deixou ele dormir, pois se importava com seu filho e não ia interromper um momento tão bom para ele. Mesmo que ele tenha “errado” e não tenha feito o que ela tinha lhe pedido, poderia aprender depois. Por que precisava ser naquela hora?

Portanto, no dia seguinte, a mãe, ao abrir as cortinas da sala e o emaranhado de raios solares entrarem, viu seu filho acordar meio cansado. Esperou ele se acalmar para conversar com o menino. Deu bom dia para ele e começou perguntando se ele achava que o que ele tinha feito era certo. O menino ficou calado. A raiva da mãe já tinha se esvaído, então ela somente informou ao menino que não era para fazer mais o que ele tinha feito.

“Porque eu sou sua mãe, você está crescendo e eu vou precisar da sua ajuda, está bem?”. Os dois se abraçaram e seguiram o dia felizes, como antes deste incidente. E a mãe seguiu para comprar seu remédio ela mesma, na esperança de que seu menino um dia perceba a importância do amadurecer.

Carlos Augusto Hamamoto Pires

Um texto?

Hoje eu acordei, não me lembro muito das coisas que acontecem no mundo. É melhor eu ir tomar um café da manhã ou escovar meus dentes? Eu não sei, ou não me lembro, mas sei que tenho que fazer os dois, é isso que os bilhetes ao meu redor mandam eu fazer. Como estes bilhetes vieram parar aqui? Eu não sei, mas é melhor eu fazer logo as coisas escritas neles, como arrumar a cama, ir tomar o café da manhã e também ... O que era mesmo? Ah sim, escovar os dentes.

Terminando tudo, tenho que fazer algo, mas o que era? Agora que notei, os papéis têm uma contagem, o que são números? Sim, aquilo que eu aprendi na escola, um, dois, três, quatro, cinco, seis... hmm, sete, nove, não não, oito, nove e dez, acho que tenho que procurar esses tais números, veremos, já fiz os um a quatro... só tenho que procurar os outros. Vejamos, se eu seguir nesta direção, possivelmente eu vou achar os outros, tenho que ver... Ver o que? Sim, as minhas tarefas, tenho que fazê-las antes de acabar o dia, tenho que procurar os outros bilhetes, eu acho?

Achei outro bilhete, nele pedia para que eu cozinhasse e em seguida para que eu lavasse a louça. Pensante em que fazer, olhei novamente o bilhete, estava escrito para fazer uma macarronada, vou à dispensa procurar os... o que procurar mesmo, sim, os ingredientes para macarronada. Pego eles e me dirijo a cozinha, cozinho, e... lavar a louça, fazer isso, está escrito no bilhete. Bom, com a passagem de tempo, vejo os outros bilhetes, e completo minhas tarefas do dia.

Mas, no décimo bilhete, tinha um pedido estranho, algo como lembrar de escrever bilhetes para o amanhã. Peguei uma caneta e escrevi coisas normais como arrumar a cama e cozinhar o meu almoço. Escrevi uns dez bilhetes e espalhei por pontos estratégicos da minha casa, como no banheiro e quarto, mas acho que já está tarde o suficiente para eu dormir. Então, vou à cama e tiro um precioso cochilo.

Hoje eu acordei, não me lembro muito das coisas que aconteceram no mundo. É melhor eu ir tomar café da manhã ou escovar os dentes?

Senti uma tremenda pressão na perna direita, não sabia o que era, mas tinha a certeza de que isso não era algo normal. Me levantei correndo, indo ao banheiro. Estava incapaz de me levantar da cama, não conseguia compreender o que havia ocorrido com a minha perna. Olhei para o lado, um bilhete, nele falava a forma como

machuquei a perna. Estava escrito que eu tinha deixado cair um estilete em minha perna. Aquele bilhete era algo incrível para mim, tinha quase tudo que eu precisava.

Notei um outro papel no chão parecia como uma receita médica ou algo assim. Estava escrita uma informação de que eu tinha tido uma disfunção cerebral, no qual eu sempre me esqueceria das coisas que aprendi, vivendo cada dia sem me lembrar nada do anterior.

Com isso, veio uma reflexão: por quanto tempo eu vivi assim, será que tem mais de anos? Nunca saberei, mas já estava tarde e fui dormir pensando em resolver meus problemas amanhã.

Hoje eu acordei, não me lembro muito das coisas que acontecem no mundo. É melhor eu ir tomar café da manhã ou escovar os dentes?

Carolina Aguido Ferreira

A partida

Nos corredores, ecoava a mistura de gritos e sussurros, a expectativa e ansiedade pairava no ar. O ginásio estava eletrizado, com a torcida vibrando nas arquibancadas como uma onda humana agitada. Era a semifinal do campeonato nacional de vôlei, e o Brasil estava à beira de um duelo emocionante.

Lucas, o jogador de vôlei central da equipe brasileira, sentia o coração batendo com força contra o peito. Seus olhos escaneiam o ginásio, capturando cada detalhe: os rostos tensos dos colegas de time, a determinação estampada no semblante do treinador, as bandeiras mexendo com as cores da nação. Ele sabia que aquele momento era crucial e que a pressão era avassaladora.

Enquanto a bola subia para o primeiro saque, Lucas sentiu um turbilhão de emoções. Um misto de animação e nervosismo. Ele se via como um jogador experiente, alguém que já havia enfrentado desafios árduos, mas, ao mesmo tempo, não conseguia evitar a sensação de que tudo estava em jogo.

O jogo começou, e a estratégia traçada pelo treinador martelava na mente de Lucas. Ele lembrava dos momentos de treino intenso, das conversas táticas e da preparação meticulosa para aquele confronto. Cada movimento, cada jogada tinha um propósito estratégico, e Lucas estava determinado a executá-los com precisão.

O líbero, Pedro, era como um raio em campo. Sua velocidade era impressionante, e Lucas admirava como ele conseguia antecipar os movimentos do time adversário, se lançando no chão para fazer defesas impossíveis. Cada mergulho de Pedro era como uma injeção de adrenalina para a equipe, um lembrete constante de que eles estavam juntos nesse jogo. Porém, havia um desafio formidável do outro lado da quadra. O adversário tinha um sacador que dominava a arte do "Ace". Cada vez que ele ia para o saque, uma onda de tensão percorria o time brasileiro. Lucas podia sentir a pressão aumentando a cada giro da bola na mão do adversário. A precisão e a potência daqueles saques eram a personificação do perigo.

Enquanto o jogo avançava, Lucas lutava para manter a concentração, bloqueando as distrações e focando apenas no que estava à sua frente. Cada vez que saltava para bloquear, cada vez que atacava a bola, ele buscava canalizar a força de sua equipe e transformá-la em movimentos determinados, tinha um bom raciocínio estratégico em campo.

No final, cada ponto se tornou importante, e o placar oscilava como um pêndulo. A adrenalina corria pelas veias de Lucas, enquanto ele se esforçava para superar seus limites físicos. Podia sentir a tensão acumulada nas arquibancadas, o desejo fervoroso de vitória que emanava dos torcedores.

E então, quando o *match point* se aproximou, Lucas sentiu uma calma estranha o invadir. Era como se todo o tumulto de emoções tivesse parado por um momento. Ele olhou para seus companheiros de equipe, viu a confiança nos olhares deles e soube que não estava sozinho. Com determinação renovada, ele se preparou para mais uma investida.

O último saque veio rápido e furioso, cortando o ar como uma flecha. Lucas saltou, seus músculos tensos, e, com um poderoso golpe de pulso, ele direcionou a bola para o chão do lado adversário. A quadra explodiu em comemoração, os abraços e sorrisos eram a expressão da vitória conquistada com tanto esforço e trabalho em equipe.

Enquanto Lucas celebrava com seus colegas, ele olhou para trás, para o lado da quadra onde o sacador habilidoso do time adversário estava. Ele viu a decepção e a frustração naquele rosto, e, de repente, percebeu que ambos os lados carregavam o peso dos sentimentos e das expectativas. Naquele momento, Lucas entendeu a profundidade do esporte. Não era apenas sobre vencer ou perder; era sobre superar desafios, lidar com a pressão, aceitar vitórias e derrotas. E, acima de tudo, era sobre os sentimentos humanos que corriam por trás de cada jogada, cada saque e cada defesa.

A partida emocionante havia terminado. Enquanto a torcida continuava a celebrar, Lucas sentiu um orgulho imenso em representar seu país e em fazer parte da incrível jornada do vôlei nacional.

Davi Vargas Wallauer

A casa das lembranças

Em um canto tranquilo da cidade, erguia-se uma casa de madeira envelhecida pelo tempo. Seus pilares desgastados e janelas adornadas com cortinas de renda contavam histórias de anos passados. Dentro daquelas paredes, a família Catapulta havia vivido gerações de alegrias e tristezas.

A casa foi lar de Felícia Catapulta durante toda a sua vida. Agora idosa e vivendo sozinha, ela viajava pelo corredor do tempo toda vez que passava por um móvel ou tocava as paredes desgastadas. Cada canto continha memórias preciosas, cada rangido do assoalho ecoava risos e conversas há muito tempo silenciados.

Felícia Catapulta costumava sentar-se no alpendre, olhando para o jardim onde ela e seu marido, José Catapulta, haviam cultivado flores e plantas. A nostalgia a envolvia como um abraço familiar. Ela sentia a presença dele ao seu lado, recordava os piqueniques sob a árvore e os dias tranquilos em que cuidavam das plantas juntos.

Os filhos e netos Catapultas sugeriram que ela vendesse a casa e se mudassem para um lugar mais moderno e conveniente, mas ela não conseguia se desapegar das memórias que a casa continha. Cada parede era um livro de histórias, cada sala guardava momentos que ela não queria deixar para trás.

Felícia Catapulta percebeu, depois de anos vivendo naquela casa, que aquilo não era apenas uma coleção de paredes e telhados, mas um guardião de histórias e um farol de conexão entre as gerações, já que poderia, além de contar, mostrar as suas histórias. Mas, a casa não duraria para sempre. Afinal de contas, ela também é um material e, embora durasse muito tempo, as lembranças não poderiam se perder.

Felícia Catapulta, após esses pensamentos, teve uma ideia de tirar várias fotos de cada item, canto, parede. Escreveu as histórias das lembranças, colocou tudo em um livro e postou na Internet para finalmente imortalizar suas lembranças. Seja material ou virtual, as memórias da Felícia Catapulta viverão para sempre, mesmo após a sua morte.

Eric Barreto Cardoso

Um lugar na Memória

Dia desses, vi álbuns de fotos sobre a minha infância e alguns momentos meus de aniversário e de escola. Algumas imagens têm histórias que começo a me lembrar. Não sei se são ruins ou boas, mas algumas delas vale a pena falar e contar, histórias que são partes de quem eu sou.

E, numa dessas fotos, estou sentado na sala de aula no 1º ano, logo que entrei na escola em 2014 e era tudo novo pra mim. Nessa época, conheci a professora Fabiana, novos colegas. Alguns não permaneceram na escola, como a Maria Luiza, pra quem eu gostava de cantar uma música do “Pequeno Cidadão”, do Arnaldo Antunes. Foi um ano de coisas novas, como aceitar o convite do meu irmão para fazermos judô juntos. Antes tentei fazer teatro, mas não deu certo.

Uma lembrança boa foram as aulas de música que fiz até 2016. “Acorda”, canção da Palavra Cantada, foi uma das músicas que a professora Aninha me ensinou. São muitas lembranças. Em 2016, eu passava o dia inteiro na escola, ano que conheci novos amigos e sinto saudades até hoje. Ano que gostava de ler livros na biblioteca, gostava de dançar com a minha amiga Maria Luiza e de brincar de jogos.

De lá pra cá, muitas coisas aconteceram, como passeios, festas juninas, dias da família, olimpíadas de integração e SEMAC (semana de arte e cultura). Muitos desses momentos estão registrados em fotos, mas também marcados em minha cabeça e no meu coração.

Ao fechar um dos álbuns, pensei: esse é meu último ano na escola e vou sentir saudades deste lugar.

Estefane Endlich Rodrigues

Escolhas

Desde que era pequena, eu costumava sentir coisas estranhas quando as pessoas se aproximavam de mim. Era como se elas estivessem acompanhadas. Isso também acontecia quando eu conversava sobre sentimentos. Eu costumava personificar meus sentimentos. Como por exemplo, o ciúmes. Ele era o mais presente na minha vida, e começou a aparecer depois que a minha irmã mais nova nasceu. Apesar disso, eu também sentia muita alegria, que começou a se internalizar muito quando eu ganhei o meu primeiro cachorro.

De uns anos para cá, parei de sentir tudo isso. Era como se todos esses sentimentos tivessem desaparecido e todos os meus amigos tivessem sumido. Até que, certo dia, fui convidada para ir a uma festa de aniversário de uma amiga, pouco próxima de mim. Havia conhecido ela na escola, era seu primeiro ano lá. Por ser novata, a diretora costumava pedir para que a gente acolhesse bem essas pessoas, e foi isso que eu fiz. Educada, a convidei para um passeio comigo e com minhas amigas. Naquele dia, ela estava muito feliz, e deixava bem claro, "estou amando esses momentos com vocês". Era muito incrível o fato de que um passeio nos tivesse aproximado tanto.

Os meses foram correndo e o tempo passando. Até que, aconteceu a festa dela. Por incrível que pareça, eu não fui convidada de primeira, mesmo tendo sido uma de suas primeiras amigas lá na escola. Horas antes da festa, a questionaram sobre a minha presença no aniversário, e ela, por estar do meu lado no momento, deu uma risada, bateu no meu ombro e disse: é claro que ela vai. Eu, sem muita opção, falei: "Claro". E dei uma risada sem graça, tentando disfarçar o fato de que minutos atrás eu não ia a festa alguma.

Isso mexeu muito comigo, sabe? E trouxe todos os sentimentos personificados de volta. Minha cabeça se tornou uma confusão. Afinal, ela era ou não a minha amiga? Entendo que, em poucos meses, a gente não conhece uma pessoa de verdade, mas, do jeito que ela falava, achei que realmente fosse minha amiga.

No dia da festa, todos da minha escola estavam lá, e, pelo visto, só eu que não tinha sido convidada. Quando eu fui cumprimentar o pessoal, os sentimentos vieram à flor da pele. Era o medo, me perguntando: "por que tá todo mundo olhando pra

gente?"; a ansiedade, questionando a nossa roupa; nervosismo, me fazendo roer as unhas. E a tristeza, me questionando sobre a índole daquela menina.

Ao longo da festa, muitos chegaram até mim, perguntando: "ué, você foi convidada?" O que eu podia fazer? Falar?

"Sim", e dando uma risada sem graça, "eu fui convidada".

Me senti menosprezada, e, pior que isso, decepcionada com a atitude da menina que eu considerava amiga.

No final da festa, me despedi de todos, cheguei nela e falei: "Muito obrigada pelo convite, estava tudo ótimo, uma das melhores comidas que já provei. Tchau, tchau, até algum dia."

Fui embora, deixando para trás a amizade que com carinho fiz questão de cultivar.

Ester Antunes de Brito

Minha vida mudou depois de você

Eu nunca, enquanto passei por essa situação, pensei assim. Porém, agora de fora, consigo ter uma visão real do que aconteceu.

Meu nome é Helena e, na época, eu tinha 16 anos. Era uma garota certinha, mas normal, como todos da minha idade. Fazia besteiras, idiotices e burradas, é coisa da idade, era o tempo para isso. Não via algo que me afetava constantemente, tanto que, só agora, aos 21 anos, pude vir refletir sobre.

Estudei no mesmo colégio a vida toda, então eu era muito enturmada com todos. Isso não afetava diretamente o meu desempenho, entretanto, na cabeça dos meus pais afetaria, por isso não me deixavam sair com eles. Depois da aula, eu devia voltar para casa e estudar, sempre foi o que fiz até que minha amiga me chamou. Manu e eu éramos próximas desde o 6º ano, por isso, respondi. Se fosse qualquer outro, não teria parado na aula de história para ouvir.

— Hoje a gente vai à sorveteria depois da aula. Um garoto que vai entrar na escola esse ano ainda vai também. Vai ser legal para ele conhecer a galera, por isso, os mais antigos têm que ir.

Ela sabia que eu nunca saía depois da aula, muito menos com quem eu não conhecia, seis anos de amizade e eu já tinha recusado muitos convites como esse.

Fiquei reflexiva e pensei que deveria me dar essa chance. Chegando na sorveteria, vi o tal menino sentado de costas. Pedi para Manu pegar o meu sorvete de chocolate e morango e sentei.

— Você é o Lucas? — perguntei.

— Sou sim, prazer.

Todos chegaram e ficamos lá um bom tempo. Depois, cada um foi para seu canto. Descobri que Lucas morava perto de mim. Caminhando com ele na volta, descobri como ele gostava de falar sobre a irmã, o que era fofo. Descobri também que ele amava futebol e torcia para o Flamengo. Após um longo papo, nos despedimos. Em casa, me senti estranha e não sabia porque. Ficava revivendo nossa conversa na cabeça e tentando entender o que sentia. Resolvi deixar isso de lado e fui dormir.

Na semana seguinte, meus pais já estavam de volta. Eu, como sempre, cheguei na aula ainda sonolenta. Mas uma coisa, ou melhor, pessoa, me despertou.

Era o Lucas! Ele finalmente tinha começado na nossa escola. Senti uma felicidade desconhecida e um pouco esquisita. Andei rápido para falar com ele, queria cumprimentar e dar as boas-vindas. O alcancei e fomos até a sala conversando.

Depois da aula, eu ia para casa, como sempre. Saí voada, até que senti uma mão nas costas. Era ele! Um conforto me invadiu e fomos de novo pelo mesmo caminho de casa. Passamos na frente de uma sorveteria, ele me fez esperar e comprou um sorvete para mim. O meu de sempre, como ele reparou nisso? Não sabia, e não importava.

Em um sábado de férias, eu não ia sair e ninguém tinha combinado nada comigo. Ao descer com o lixo, percebi que a caixa de correios do nosso apartamento tinha uma carta dentro. Tive sorte de na hora ter sido eu a ver e pegar a correspondência, imagina se fosse meus pais! Ao olhar a carta, vi que era dele. Tantos sentimentos vieram juntos que eu nem entendi o que estava sentindo e só consegui sorrir de canto de boca.

A carta dizia:

“Minha querida,

Hoje se passou apenas uma semana desde o recesso das aulas. Não consigo descrever o quanto o meu dia a dia se torna chato sem as nossas conversas e sem a sua companhia. Estou tão cansado de não ter como me afundar em seu sorriso ou não sentir o seu cheiro que preciso arrumar um jeito de te ver logo. Por isso, planejei algo. Hoje, não durma e fique de olho, talvez caia uma pedrinha em sua janela.

Lucas. ”

Eu não consegui descrever o quanto fiquei ansiosa. Ele acertou em falar que tudo era chato sem estarmos perto, conseguiu dar nome a tudo que eu já estava sentindo mas não conseguia entender direito. A noite caiu e eu estava disposta a fazer algo que meus pais nunca iriam aprovar. A pedrinha bateu e eu levantei num pulo só. Quando o vi, tudo pareceu certo. Desci sem esforço e nos abraçamos com saudade! Ele me olhou e disse:

— Para mim, seu olhar não se compara ao brilho das estrelas, ou ao encanto do luar, muito menos à escuridão dos céus ou ao azul do mar. Seu brilho é mais angelical, seu encanto é mais hipnotizante, sua escuridão tem mais majestade e seu azul é mais celeste. Eu fiz esse poema só pra dizer que eu te amo.

Fiquei tão sem reação na hora que só o beijei. Nós chegamos a um consenso de que isso foi também um pedido de namoro. Ali, minha vida mudou.

Gabriela Breder Guimarães

Livre

Era uma noite escura e chuvosa. No pequeno apartamento, Isabel lutava para conter os sentimentos que a consumiam. Seu namorado, David, estava demorando para lhe ligar Faziam isso todas as noites. Mas, recentemente, algo estava esquisito. Ele parecia estar se esquecendo desse momento, ou estar escondendo algo dela. Isabel já não aguentava mais. A todo momento, perguntas ecoavam em sua mente. Todas estavam, por enquanto, sem resposta.

David era um namorado perfeito... isso era o que ela pensava, e outras pessoas também. Ele era gentil, carinhoso, bem educado. Ela era feliz.

Um dia, ao vasculhar o celular de David, Isabel encontrou mensagens trocadas com uma menina chamada Clara das quais ela não gostou muito. Seu coração afundou, e ela se sentiu perdida em sua própria imaginação. A cada uma das mensagens que lia, seu coração apertava mais, parecia que tudo era... era tudo uma mentira.

Isabel decidiu investigar mais, seguindo David após um dia de escola. Ele tinha falado que iria para seu curso de inglês. Ao dobrar a esquina, ela o viu entrar em um café aconchegante, onde lá estava esperando uma menina. Clara! Isabel observava de longe, angustiada. As risadas deles ecoavam em sua mente, como uma tortura constante.

Precisando de respostas, Isabel confrontou David naquela noite, durante a tradicional ligação. As palavras duras revelaram uma teia de mentiras e enganos. David negou qualquer envolvimento com Clara, mas suas explicações não tinham coerência, e não acabava com as evidências.

Eventualmente, Isabel decidiu falar com Clara. A reunião foi tensa, cheia de lágrimas e palavras difíceis das duas partes. Clara afirmou que estava se correspondendo com David e que estava gostando dele. Ela disse que não sabia que não sabia da existência de Isabel. A revelação deixou Isabel ainda mais chateada. Como ele pode enganar as duas? Ela decidiu que, a partir dali, se afastaria dele.

O tempo passou e Isabel começou a reconstruir sua vida. Ela ficou bem triste com a situação, mas era apenas um menino. Ela era nova e estava aprendendo. Um dia ela iria encontrar alguém que realmente a amasse do jeito que ela era, disso, ela tinha certeza. Terapia a ajudou a enfrentar suas inseguranças e medos, e ajudou a

tomar uma decisão. Iria, além de tudo, se aproximar e ser amiga de Clara. A outra menina já tinha se mostrado aberta a isso, buscando Isabel para que ambas pudessem se fortalecer com o que passou. Livre, era assim que ela finalmente se sentia.

Gustavo Rodrigues de Andrade

Ratos de esgoto

Querida, não sei nem como explicar meus sentimentos. Desde que entrei no exército alemão não consigo segurar a tentação da guerra. Há anos nosso grandioso país vem sendo afrontado por essas outras potências europeias, na maioria por inveja. A França, com seu ressentimento e fúria depois de darmos um sacode neles na Guerra Franco-Prussiana, e a “grandiosa” e “invencível” Inglaterra. Eles têm medo que nossas máquinas e poder econômico superem seus “brinquedinhos”.

Estou animado. Eu e meus colegas marchamos pelas nossas cidades, cantando nosso maravilhoso hino, visitamos escolas, bares, restaurantes. Tudo para provar que está tudo tranquilo e que nosso inimigo não é páreo para nosso exército. Retornamos ao trem e seguimos viagem até a França. Às vezes, paramos para fazer alguns treinamentos ou algo do tipo.

Mas, eu estou nervoso, sabe? Não só eu, mas todo o pelotão. Eles querem fingir que estão tranquilos, mas é óbvio que, pela cara deles, o clima está tenso, ainda mais que estamos perto de Luxemburgo!

Agora, todo mundo está tentando ter o mesmo clima de alegria de alguns dias atrás. Espero que nada de ruim aconteça. Amor, faltam algumas horas para o nosso destino.

Não sei como explicar meus sentimentos. Estou em um buraco, que cavamos dia e noite. Não durmo há dias. Estou com sono, mas o medo do gás ou dos franceses entrarem aqui e me matarem me deixa acordado. Aqui dentro é horrível e, quando chove, piora. A lama nos cobre até o joelho, não conseguimos andar. Os ratos viraram rotina. Convivemos como se fôssemos colegas na mesma situação. Nós somos simplesmente ratos de esgoto.

São mandados soldados para a terra de ninguém, em alguma tentativa desesperada de tomar um território. Eles nunca voltam. Estou com medo de ser o próximo. Não quero morrer, eu quero voltar para casa e lhe dar um longo abraço. Por favor, se eu morrer nesse lugar, não se esqueça de mim.

Eu demorei um dia para pensar o que escrever, mas minha sentença de morte chegou. Eu e mais algumas pessoas iremos à terra de ninguém. Os poucos anos que estive com você foram os melhores da minha vida, nunca pensei que teria tanta sorte. Mas, não deixe que minha morte a abale. Viva a sua vida como nunca, por favor, por

mim. Talvez não dê tempo de te falar tudo isso, então, tudo o que eu escrevi talvez não tenha caído em suas mãos. Tudo bem. Escrever isso me fará melhor.

Esse texto foi confiscado pelo 13º batalhão francês em 14 de setembro de 1917.

Helena Pissinali de Souza

O farmacêutico

Era quase de madrugada quando eu saí de casa. Precisava clarear a mente antes de sequer pensar em tentar dormir.

Agora, já deve ser por volta das 4 horas da manhã. As ruas estavam quase completamente vazias, como é de se esperar em um horário como este. Meu corpo está pesado por conta do cansaço e minha mente só consegue focar nos barulhos em volta. Caminho sem rumo, observando o movimento ao meu redor enquanto minha mente inconscientemente volta no tempo, quase recapitulando o dia anterior.

Eu havia saído de casa bem cedo, por volta das cinco e quarenta da manhã, para ir trabalhar. Trabalho em uma pequena farmácia na frente do parque central da cidade e, por isso, é uma farmácia bem movimentada.

Chegando lá, mal tive energia para cumprimentar meus colegas de trabalho. Minha sonolência apenas aumentava, como o vento da manhã, quase tão frio quanto o noturno. De volta ao presente, percebi que estava fazendo o mesmo caminho que faço todos os dias para ir àquela mesma farmácia e imediatamente desvio dela, indo em direção à praia.

Logo após o começo do meu turno, o número de clientes havia começado a aumentar. Era logo depois do almoço quando vi um menino, que não parecia ter mais de 6 anos de idade. Ele chegou perto de mim e percebi quão simples eram suas roupas, sujas e esfarrapadas. Ele cutucou minha perna e, quando olhei para os seus olhos, ele me perguntou se tínhamos remédios para dor. Ele disse que tinha 23 reais em moedas, juntadas há anos, e precisava muito de comprar um remédio para sua mãe.

Perguntei a ele se sua mãe o havia mandado até ali. Complementei dizendo que, infelizmente, além de o dinheiro não ser suficiente, eu não poderia vender um remédio para uma criança. Ele começou a chorar desesperadamente enquanto me explicava que alguém havia machucado sua mãe, que ela estava com muita dor e não conseguiria ir à farmácia.

Ele implorou pelo remédio, disse que pagaria o resto depois. Ao ouvir isso, não tive coragem de sequer pensar em cobrar algum dinheiro dele.

Peguei alguns remédios para dor e paguei eu mesmo por eles. Depois, pedi para que o menino me levasse até a mãe dele.

Quando chegamos lá e eu vi a situação, minha mente parou de funcionar por um segundo. A mãe estava imóvel no chão, não sabia muito bem se estava respirando e havia um pouco de sangue manchando sua roupa e se espalhando pelo chão.

Senti meu coração ficar mais pesado em meu peito e tudo que se passava em minha cabeça era como eu iria contar para o menino o que meus olhos viam. Apesar de minha memória ter ficado um pouco embaçada, chamei uma ambulância e prestei o socorro que pude a essa família.

Agora, de volta ao presente, finalmente vejo para onde meus pés estão me levando. Para o mesmo local onde estava a mãe do menino, porém agora vazio.

Sinto uma grande tristeza ao pensar em como isso é uma ocorrência comum em tantos lugares, como tantas pessoas têm que lidar com a perda de indivíduos tão importantes para elas de forma tão repentina e injusta.

Olhando para o vazio que agora me cerca, me pergunto se no futuro a situação terá melhorado, se ninguém terá mais que se preocupar em voltar para casa e se deparar com algo tão terrível.

Hugo Barreto Cardoso

O meu aniversário de 15 anos

Em uma sexta-feira aconteceu o meu aniversário de 15 anos de idade. Fui para a escola com meu irmão e todos os meus colegas. Alguns professores também comemoraram a data cantando parabéns pra nós.

Sempre gostei de comemorar aniversários, porque é muito bom comemorar a data de nascimento. E essa data é importante, sempre foi. Consigo lembrar de todos os meus aniversários: de todos os bolos, dos doces preparados pela minha avó, como: brigadeiros e quindins, dos balões e a decoração feita pela minha tia.

Quando mais novo, a casa enchia de gente e de alegria. Mas, hoje em dia, não há tanta gente assim.

No meu último aniversário, que aconteceu na rua em frente da minha casa, foi um momento especial em que eu fiquei feliz da vida. Dessa vez, tive alguns outros convidados além da minha família, porque desejei mais pessoas nesse dia para estarem juntos conosco.

Tenho vizinhos que são músicos. Como presente, decidiram tocar no meu aniversário e foi uma felicidade pra mim ter visto meus vizinhos tocando. Eugênio, Rodolfo, meu pai e Wesley tocaram Blues e outros sons.

Nem todos estavam presentes como eu queria. Mas, enfim, no final do dia, cantamos parabéns para nós dois e para o meu pai que costuma dizer: “Vocês são meus maiores presentes”.

Isabela Cerillo Moura

Onde eu te vejo agora

Sentada no banco do mesmo ônibus de sempre, com um único fone no ouvido e o som de *“Dorothea - Taylor Swift”* no máximo, começo a lembrar da gente. *“You got shiny friends since you left town. A tiny screen’s the only place I see you now?”*

A única coisa que eles não sabem é que não é tão fácil largar tudo para trás assim. Mas, eu me lembro de tudo. Dos nossos recreios juntas na antiga escola. De passar a noite toda rindo em ligação e os meus pais me perguntando: “Quem é essa?”, de cantar nossas músicas favoritas na aula. De não me preocupar com nada perto de você, passar os meus aniversários do seu lado. Nossas tardes em cafeterias, só batendo papo. De te contar tudo. De nunca ficar sozinha. Eu me lembro de tudo. Só que, agora, tudo o que me resta é isso: memórias e mais memórias.

Você diz que, depois que eu saí da cidade, conheci pessoas novas e que por você está tudo bem. Mas, você não percebe que nenhuma delas é você? Ninguém vê quando estou deitada a noite vendo as suas fotos com os nossos antigos amigos, na nossa antiga escola, fazendo o que fazíamos, eles estão no meu lugar agora?

E eu sei que a culpa é toda minha, fui eu quem escolhi sair da cidade, da escola e largar tudo pra trás, inclusive a nossa amizade. Você diz que eu mudei, mas, afinal, a troco de quê? Nos perdemos exatamente por isso.

Quando me param, me perguntam sobre você, onde você está. Eu nunca sei o que dizer e é sempre assim, nesses momentos paro e penso: como a gente chegou até aqui? Sempre dizíamos que era tudo para sempre. No fundo, eu sempre soube que isso não existia. Mas, nunca é tarde para voltar para o seu lado.

Sempre seremos as mesmas garotas, virando a noite estudando para as provas e planejando nosso futuro. A gente só nunca pensou que talvez não estivéssemos mais juntas para ver isso acontecer.

Julia Nobres Cabral

O mar e ela

Estava ficando tão escuro que já não conseguia ver nada. Estava frio, mais frio do que qualquer pessoa poderia aguentar. Ela não conseguia respirar. Tentava fugir ou gritar por ajuda, mas não conseguia fazer nada, era como se estivesse congelada. Tentou correr e chamar alguém e, quanto mais tentava, menos conseguia resultado. Quando parecia que ela seria devorada pela escuridão, ela acordou.

Ainda estava escuro. Ela pulou a janela e foi em direção à praia. Estava fresco e a brisa do mar estava conseguindo acalmá-la. Já fazia um tempo desde a última vez que ela tinha ficado assim, apenas sentindo a brisa e observando o horizonte.

Já fazia um tempo, mas Ella nunca havia pensado que doeria tanto dizer tchau a pessoa que ela passou tanto tempo perto, era como se ele fizesse parte dela. Dar adeus a uma pessoa querida é a coisa mais difícil que pode acontecer E Ella sabia disso. Ela já tinha tentado esquecer, porém, toda vez que ela conseguia, sempre havia algo para lembrá-la. Às vezes eram as flores plantadas no jardim, os filmes de comédia, os doces e o mar. O mar era o que mais a fazia lembrar, desde suas características até o jeito de ser. Das vezes que nadavam até escurecer e até das vezes que faziam piqueniques em frente ao mar, falando sobre as histórias fantasiosas que eles haviam criado na infância.

Tudo que Ella fazia lembrava ele. Até em seus sonhos ele a perseguia. Essas eram as noites boas, as em que ela sonhava sobre as aventuras dos dois. Quando sua noite não era feita por sonhos doces e cheios de saudades, eram os pesadelos frios e amargos que a acompanhavam.

Ella não aguentava mais, já havia perdido muitas noites chorando por causa disso. Então, recorreu à solução que sempre funcionava. Mergulhou. O mar sempre a acalmava.

Quando rompeu a superfície da água, Ella já estava mais calma. Voltou para sua casa, se deitou na cama e voltou a dormir. Pacificamente, enfim.

Julia Pirola Ogênio

Percepção

Um café sem açúcar em uma manhã de julho. Meus dias vêm se resumindo ao moletom de crochê e ao tênis sujo de lama e grama. Vem se resumindo a provas e notas que nunca são perfeitas, por mais que eu tente. Ao vento na janela e a bolsa pesada de materiais.

Recordações. Saudades do passado. Saudades de quando os amigos não cabiam nos dedos da mão. De quando a escola se resumia a ansiar pelo recreio. Saudades de quando as matérias eram fáceis e matemática se resumia a 1+1.

O passado é a saudade do futuro e, quando se percebe, não tem como voltar. Tenho percebido o quanto meus amigos sentem falta do passado. Tenho percebido o quanto sinto falta. Me lembro das noites em que ficava brava porque não conseguia ficar acordada até tarde. Dos dias de sol em que a alegria era ir à praia e tomar sorvete. Dos dias de chuva em que se sentia o cheiro de grama molhada enquanto se via desenho na TV.

Percepção. Os sentimentos vividos pela criança que fui me tornaram a adolescente que sou. Mesmo nos dias de hoje, estou presa no tempo que acabou de passar. Presa na infância com a mente na maioridade. Com vontade de poder ter a adrenalina dos jogos de pique-esconde. A dopamina por andar de patins e brincar de queimada.

Durante muito tempo, eu vou me lembrar das memórias enquanto fico deitada na cama, olhando o ventilador que bagunça meu cabelo esperando a melatonina chegar. Enquanto olho para a noite através da janela e admiro as estrelas no céu tão escuro quanto o carvão.

Apesar de tudo que me faz pensar, espero que no fim eu faça valer a pena o presente. Que o passado se torne um motivo de esperança para o presente e assim uma vitória no futuro. Que a percepção me faça sorrir, refletir e chorar. Que ela possa ser o motivo das minhas qualidades e a solução dos meus defeitos.

Sabe, não quero desperdiçar a única vida que tenho. Aproveita-lá não significa fazer ela se tornar perfeita ou um exemplo para as pessoas de fora. Não significa fingir estar bem ou mal para chamar atenção. Significa viver cada momento como se fosse o último. Como se cada dia, cada hora, cada minuto fosse importante, pois eles nunca vão voltar. Significa ser verdadeiro e presente pra quem te quer de verdade.

Significa se sentir bem consigo mesmo e fazer aquilo que te faz bem. Se nós tivéssemos uma clara percepção disso, não viveríamos da forma que vivemos.

A vida é feita de altos e baixos. Talvez ela seja mesmo um jogo. Mas que, para se ganhar, devemos jogar da melhor forma. Um dia, quero me recordar do que fiz e me alegrar com minhas conquistas. Com minhas escolhas. Me lembrar daquilo que fiz para mim e para os outros.

Talvez a percepção seja a peça que falta nesse quebra-cabeça. Assim, termino o texto que fiz a partir do momento que me sentei no banco e tomei um gole de café. No momento que a folha caiu na tela do celular e percebi que ali havia inspiração.

Lorena Lourenço Santos

Festa sem velas

O aniversário da pequena Amanda estava se aproximando. Será o seu aniversário de 7 anos. Ela estava muito animada com sua festa, falava com sua mãe toda hora de como seria o sabor do seu bolo, dos presentes que iria ganhar e, principalmente, como estaria igual a sua princesa preferida.

O dia de seu aniversário finalmente chegou. Ela chamou todas as suas colegas de turma para a festa às 16 horas em ponto. Ela colocou seu vestido da Branca de Neve que sua mãe tinha mandado fazer especialmente para sua filha. Depois, ela ajudou sua mãe a decorar a casa e roubou alguns docinhos.

Apesar de para Amanda parecer uma eternidade, às 16 horas chegaram e ela estava esperando na frente de sua casa junto com sua mãe. Não sabia muito bem o que fazer, pois era a primeira festa que comemorava em que os convidados não eram somente seus familiares. O tempo passou, 16h20min e ninguém havia chegado. Estava começando a ficar preocupada, mas achava que as amigas estavam apenas atrasadas. Depois, chegou às 16h30min, talvez elas estivessem perdidas. Depois, veio às 16h 40min e logo mais às 17 horas.

A menina se conformou que as colegas não viriam. Ela se perguntou o que tinha feito de errado para que ninguém viesse. Sua mãe então lhe deu um forte abraço e disse que não era culpa dela, falou que ela um dia encontraria boas amigas para fazer ótimas festas, mas que agora ela e a princesa Amanda teriam a melhor festa que pudessem com os melhores doces e bolos.

Amanda sorriu e agradeceu. Não precisava de mais do que isso.

Pedro Fraga Martins

Até logo

Eu estava lá no aeroporto, junto com a minha família toda reunida. Mas, não era para viajar. Era para me despedir. Meu tio, uma das pessoas que eu mais admirava neste mundo, decidiu se mudar. Não para uma outra cidade que eu pudesse ir de carro, mas, sim, para outro país.

Antes dele viajar, todos nós conversamos. Nos divertimos relembrando as histórias e momentos que passamos juntos. Eu não consegui chorar, mesmo ele sendo uma pessoa muito importante na minha vida. Mas minha mãe, minha vó e minhas tinas choraram horrores na hora de se despedir.

Quando chegou a hora do último abraço, meu coração disparou. Parei de ouvir as pessoas ao meu redor, só ouvia a minha respiração. Durante os 15 segundos que durou esse abraço apertado, lembrei de cada outro abraço, cada risada, cada conselho que ele me deu. Após isso, ele foi para a sala de embarque.

No carro, o silêncio prevalecia. Em casa, quando deitei na minha cama, acho que ali minha ficha caiu. A tristeza me invadiu e comecei a chorar. Só tinham se passado meia hora, mas já pareciam dias. Mesmo chorando muito, eu me confortava em saber que veria ele de novo. Porque despedidas nunca são um adeus, mas sim um até logo.

Pedro Henrique Serafim da Conceição

Meu passado...

Muitas pessoas da minha idade têm medo de falar sobre seu passado, suas lembranças de infância. Eu, Valmir, tenho 78 anos e fico muito feliz quando me perguntam coisas desse tipo, e, sem pensar duas vezes, começo a contar detalhadamente tudo que passei, para infelizmente acabar aqui.

Bom, já que normalmente aqui eu não recebo muita atenção, estou aqui, um baita escritor, né não? Brincadeiras à parte, estou aqui para apenas contar para você, meu futuro leitor, um pouco da minha infância, um pouco de muitas de minhas vivências.

No auge dos meus 11 anos, tive que me mudar de minha fazenda no sertão nordestino após complicações por conta das secas. Então, junto a minha família, migramos até uma cidade populosa, visando melhores condições de vida.

Morei por 5 anos em Caucaia, trabalhando vendendo balas, limpando carros, até mesmo vendendo meus pequenos cordéis, vivendo assim até os meus 16 pra 17 anos, quando tomei uma decisão de me mudar para São Paulo, onde diziam que pessoas de fora conseguiam oportunidades boas de trabalho. Viajei até a rodoviária de João Thomé, em Fortaleza, onde peguei um ônibus até Tietê, em São Paulo.

A viagem de ônibus foi longa e cansativa, mas eu sabia que iria valer a pena, pois eu estava disposto a mudar minha vida. Eu já não suportava mais todo o sofrimento que eu e minha família estávamos passando naquela cidade no Ceará. Eu sabia que foi a minha busca por algo novo e significativo que me guiou até aquele ônibus.

Ao me aproximar da rodoviária do Tietê, uma sensação de ansiedade tomou conta de mim. O desconhecido me esperava do outro lado, e eu estava prestes a mergulhar de cabeça nesse novo capítulo. Eu tinha apenas uma mala com algumas roupas e pertences pessoais, mas o mais importante era o peso das expectativas e desejos que carregava comigo.

Os primeiros meses foram difíceis. Encontrar um lugar para morar, conseguir um emprego e se adaptar ao ritmo frenético da cidade grande não foi tarefa fácil. No entanto, a cada desafio superado, eu me sentia mais forte e confiante. Eu estava determinado a não apenas sobreviver, mas evoluir nesse ambiente.

Na grande São Paulo, minha vida mudou completamente. Fiz amigos, conheci uma linda mulher, e com a mesma me casei e tive dois filhos, que provavelmente hoje nem se lembram que o pai está vivo. Mas, tenho certeza de que estão todos felizes com suas famílias.

Às vezes sinto uma solidão e uma saudade imensa dos meus filhos, mas após a morte da minha esposa, eles concordaram em me colocar neste velho asilo. Estou nele há 4 anos e tenho em mente que estou com os dias contados.

Bom, apesar de todas as limitações físicas que o tempo me trouxe, mantenho minha mente ativa e aproveito cada dia da minha vida, esperando em algum momento, ver minha esposa novamente e descansar. Mas, enquanto aguardo meu futuro incerto, me lembro de todas essas experiências com gratidão, e ficaria feliz de saber que alguém se interessou e leu este pequeno conto.

Theo Cypreste Almeida

Um conto sobre amizade?

Ah, meus amigos, que aventura incrível vocês estão prestes a embarcar! Imaginem só, construir um barco sozinho e botar na água da praia misteriosa da minha cidade. Essa viagem será muito mais do que uma simples escapada. Será uma caminhada de aventuras e união.

Vocês enfrentarão desafios, mas a força da amizade que os une servirá como uma resposta em momentos de incerteza. Cada parte do barco será um símbolo de sua dedicação à amizade e à aventura. Vocês rirão e ficarão tristes, mas cada obstáculo superado será uma prova de que vocês podem conquistar qualquer coisa juntos.

E vocês se lançarão ao mar com o coração cheio de curiosidade e novidade. Nas águas azuis, vocês viverão experiências únicas, momentos que vocês irão refletir.

Contato com a natureza, com as águas do mar selvagem farão vocês se impressionarem com sua beleza. E quando avistarem golfinhos brincando nas ondas, sorrirão por alegria e gratidão pela oportunidade de presenciar tamanha beleza.

E é claro que nem tudo serão apenas flores. Vocês terão que lidar com os perigos do mar, as tempestades mortais e os ventos contrários. Mas, através de sua amizade, vocês encontrarão forças para enfrentar qualquer obstáculo. Nas horas mais calmas, irão aproveitar momentos de profunda diversão. Contarão histórias ao redor de uma fogueira improvisada, compartilharão risadas e dançarão. Essas experiências únicas fortalecerão ainda mais a amizade entre vocês, criando memórias imperecíveis que serão tesouros para toda a vida.

Quando a viagem estiver chegando ao fim, vocês voltarão à cidade triste. Com suas memórias tão boas como tristes, percebendo que a força da amizade é algo além do inexplicável.

Tiago Stange Viana

O primeiro passo de muitos

Havia um tempo que eu ansiava por esse dia, a sensação de que meu futuro dependia daquele momento não saía de mim, a cada passo que eu dava, procurando a sala do treinador de basquete, parecia que meu coração batia mais rápido. Eu estava confuso, tinha ido ao clube poucas vezes, e não sabia onde ir. Eu olhava para todos os lados, sem perspectiva de encontrar a tal sala. Até que, reconheci um menino que também estava na peneira, o garoto parecia saber onde estava indo, então segui ele.

O menino, mais ou menos da minha idade, mas muito mais alto, entrou em um salão. Lá reconheci várias pessoas que também estavam na peneira. O garoto que segui cumprimentou seus amigos, que pareciam ter o dobro da minha idade, e pareciam estar tranquilos em relação ao resultado do teste.

O assistente do treinador ia chamando os meninos em ordem alfabética e era perceptível que todos entravam meio ansiosos, alguns mais, outros menos, mas todos entravam ansiosos. Pela postura de todos que saíam dali, você poderia dizer se eles foram aprovados ou reprovados, como meu nome começa com T, eu fui um dos últimos a ser chamado, e a ansiedade aumentava à medida que eu percebia o salão ficando mais vazio.

Finalmente, eu ouvi meu nome ser chamado. Naquele momento, parecia que eu havia acordado de um sono profundo. Olhei ao meu redor e havia apenas três pessoas no salão: eu e dois meninos, que estavam quase dormindo. Eu havia chegado ali às 13h e já eram quase 20h. Esse era um esforço baixo comparado às horas de treino e exaustão que eu havia passado. Novamente, aquela ansiedade tomava conta de mim, dessa vez, muito mais forte.

Cumprimentei o treinador. Ele parecia estar cansado, mais do que eu. Ele me cumprimentou de volta, de forma como que parecia dizer que não queria estar ali. Então, ele começou a falar coisas que na minha cabeça não pareciam ser palavras. Eu só consegui entender três palavras, que coincidentemente foram suas três últimas antes de eu me sentir o melhor jogador do mundo: você está aprovado.

Naquele momento, eu senti muitas coisas ao mesmo tempo. Um alívio grande, de saber que meu esforço valeu a pena. Uma felicidade grande, de saber que meu

sonho está um pouquinho mais próximo. Um orgulho grande, de saber que poderia chegar em casa e contar pros meus pais que fui aprovado.

Por fim, eu senti uma ansiedade estranha, por saber que teria treinos de segunda a sábado e teria que me esforçar em dobro para provar que mereci ser aprovado. De qualquer forma, o meu sonho ainda está muito longe e ainda tenho muito caminho a traçar. Mas, esse dia ficará marcado na minha vida. Espero um dia me tornar jogador da NBA e contar essa história na frente de multidões.

Yana Rigo de Oliveira Reis

Mocinha

Crescer é difícil e eu posso provar. Faz três dias que durmo a tarde inteira, mesmo sendo super agitada e inquieta. Meus olhos pesam após o almoço e eu simplesmente sumo.

De repente, tenho uma fome infinita e constante, até chegar ao ponto da minha mãe pedir para eu me controlar. De uma hora para outra, tenho espinhas e cravos, cabelo constantemente oleoso e um corpo totalmente desproporcional, no qual meus braços podem chegar até as minhas pernas.

Desde quando brigar com a minha mãe é rotina? Sendo que sempre nos demos bem e agora tudo é motivo para brigarmos. Quando foi que meu pai começou a perguntar sobre namoradinhos e beijos na boca?

As coisas do nada ficaram confusas na cabeça. De repente tenho obrigações e cobranças, principalmente da minha parte, com relação ao meu corpo, minhas notas e amizades. As pessoas começaram a sumir. Como foi que perdi tanta gente, de uma hora para outra? Agora, todo mês tenho uma surpresa chamada “ciclo menstrual”, que me faz perder meu tempo inteiro na cama, sentindo dores insuportáveis.

Certo dia, ao chegar em casa, fui em direção ao meu quarto, a fim de achar meu caderno que eu anoto tudo o que penso. Abri minha gaveta e não estava lá. Não me desesperei imediatamente, mas já fiquei irritada. Então, procurei em meu armário e me surpreendi, pois não estava lá também. Onde eu teria colocado? Eu não teria deixado tão exposto!

Minha mãe me chama em seu quarto. Ela não parecia estar muito contente. Quando cheguei no quarto, meu caderno... o que ele estava fazendo ali? Meu coração acelerou, minha pupila dilatou, eu estava muito nervosa. O choro estava entalado na garganta. Eu já sabia o que ela ia falar, sabia que ia acontecer, só não esperava que seria tão cedo.

Ela começou a me perguntar o que estava acontecendo comigo, o que estava acontecendo de errado, o porquê de eu estar tão insatisfeita com ela, principalmente. Eu não conseguia abrir a boca. Quando ela terminou, apenas assenti e fui para o meu quarto. Chorei muito, eu estava desesperada de medo. Será que algum dia voltaríamos a ter uma relação normal de mãe e filha?

Na noite seguinte, aproveitei que ela tinha saído para fazer o mercado da semana e fui atrás do meu caderno. Resolvi pegá-lo antes mesmo que ela visse tudo, mas, assim que chego a escrivaninha de seu quarto, me deparo com o seu computador aberto numa página de word com um grande texto escrito, quase apagando a luz. Então, logo dei um click e resolvi ler.

Arrepiei na hora, aquele texto abordava sobre essa minha fase, que segundo ela, não acabava mais. Ela estava desabafando, dizendo que não aguentava mais, pois tudo o que ela fazia era pensando em mim e no meu bem-estar. Eu não valorizava e ainda desprezava suas tentativas de aproximação.

Aquilo me doeu muito, saber que eu era o problema da situação, me pesava. Foi aí que percebi um dos maiores problemas da adolescência: a ingratidão. Ela nos faz agir com grosseria, não valorizando o que as pessoas fazem para nós.

Nessa fase da vida, temos o famoso “rei na barriga”, a síndrome de só pensar em si mesmo, sem se preocupar com o mundo lá fora. A partir desta história, pude ver as verdadeiras mudanças da adolescência e entender sobre essa importante fase da nossa vida, então... já estava na hora de me despedir da infância.